

**A VIVÊNCIA MATERNA DO PROCESSO DE SEPARAÇÃO-
INDIVIDUAÇÃO MÃE-BEBÊ NO PRIMEIRO ANO DE VIDA ATÉ A
ENTRADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Lenora Bellini

**Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do
grau de Mestre em Psicologia, sob orientação da prof.^a Dr.^a Rita de
Cássia Sobreira Lopes, PhD.**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento
Porto Alegre, Junho de 2008**

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes, por seus ensinamentos, interesse e compreensão em todos os momentos de meu Mestrado.

Ao professor César Augusto Piccinini, que transmite seus conhecimentos e experiência de modo marcante.

Às professoras da banca examinadora, Dras. Cleonice Bosa, Vera Ramires e Regina Sordi, por suas preciosas contribuições a este trabalho.

Às colegas do GIDEP, com quem compartilhamos idéias e desafios.

Aos participantes deste estudo, que se dispuseram a colaborar e tornaram possível esta pesquisa.

À minha mãe, meu pai (*in memoriam*) e minha irmã, por sua presença em todos os momentos de minha vida, alegres e difíceis.

Aos demais familiares e amigos que acompanharam minha caminhada, em especial à amiga Vera Lúcia Teixeira, pelo incentivo à realização do Mestrado.

E, por último, aos meus queridos filhos, Frederico e Rodrigo, que, com sua pouca idade, souberam compreender a importância deste trabalho em minha carreira. A eles, com quem mais aprendo do que ensino.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT	7
1. INTRODUÇÃO	8
1.1 Apresentação	8
1.2 O bebê nos dois primeiros anos de vida e o processo de separação- indivuação mãe-bebê	9
1.3 A mãe no processo de separação-indivuação mãe-bebê.....	13
1.4 A entrada na escola e o processo de separação-indivuação.....	17
1.5 Justificativa e objetivos do estudo	21
2. MÉTODO	23
2.1 Participantes.....	23
2.2 Delineamento e procedimentos	23
2.3 Material e instrumentos	25
2.3.1 Contato inicial.....	25
2.3.1.1 Consentimento informado:	25
2.3.1.2 Entrevista de dados sócio-demográficos:	25
2.3.2 Terceiro trimestre de gestação	25
2.3.2.1 Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante:	25
2.3.2.2 Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai	26
2.3.2.3 Genograma familiar	26
2.3.2.4 Narrativa conjunta do casal	26
2.3.3 Primeiro trimestre do bebê	26
2.3.3.1 Entrevista sobre a experiência da maternidade e o desenvolvimento do bebê:	26
2.3.3.2 Entrevista sobre a experiência da paternidade e o desenvolvimento do bebê	26
2.3.3.3 Entrevista do casal	27
2.3.3.4 Entrevista sobre o temperamento do bebê.....	27
2.3.4 Oitavo mês do bebê	27
2.3.4.1 Entrevista sobre a experiência da maternidade e o desenvolvimento do bebê	27
2.3.4.2 Entrevista sobre a experiência da paternidade e o desenvolvimento do bebê	27
2.3.4.3 Entrevista do casal	28

2.3.4.4 Entrevista sobre o temperamento do bebê	28
2.3.5 Décimo segundo mês do bebê	28
2.3.5.1 Entrevista sobre a experiência da maternidade e o desenvolvimento do bebê de um ano.....	28
2.3.5.2 Entrevista sobre a experiência da paternidade e o desenvolvimento do bebê	28
2.3.5.3 Entrevista do casal	28
2.3.5.4 Entrevista sobre o temperamento do bebê	29
3. RESULTADOS	30
3.1 Caso Elisa	31
3.1.1 História Familiar	31
3.1.2 Gestação.....	31
3.1.3 Terceiro mês de vida.....	33
3.1.4 Oitavo mês de vida	35
3.1.5 Décimo segundo mês de vida	37
3.2 Caso Ana Paula.....	40
3.2.1 História Familiar	40
3.2.2 Gestação.....	41
3.2.3 Terceiro mês de vida.....	44
3.2.4 Oitavo mês de vida	46
3.2.5 Décimo segundo mês de vida	50
3.3 Caso Isabel.....	53
3.3.1 História Familiar	53
3.3.2 Gestação.....	54
3.3.3 Terceiro mês de vida.....	57
3.3.4 Oitavo mês de vida	59
3.3.5 Décimo segundo mês de vida	60
3.4 Caso Júlia.....	63
3.4.1 História Familiar	63
3.4.2 Gestação.....	64
3.4.3 Terceiro mês de vida.....	65
3.4.4 Oitavo mês de vida	67
3.4.5 Décimo segundo mês de vida	69
4. DISCUSSÃO	72
4.1 Eixo I: Os três primeiros meses de vida	73

4.1.1 Envolvimento materno na amamentação.....	73
4.1.2 Reações emocionais intensas a situações de separação.....	74
4.1.3 Espaço reduzido de individualidade da mãe.....	76
4.1.4 Não aceitação de colocar o bebê na escola.....	76
4.1.5 O papel do pai.....	77
4.2 Eixo II: O processo de separação-individuação até a entrada na escola.....	79
4.2.1 Desmame	79
4.2.2 Maior aceitação das situações de separação	81
4.2.3 Reivindicação de um maior espaço de individualidade da mãe	82
4.2.4 Aceitação gradual da idéia de colocar o bebê na escola.....	83
4.2.5 O Papel do pai.....	88
4.3 Considerações finais	91
REFERÊNCIAS	94
ANEXOS	97
ANEXO A	97
ANEXO B.....	98
ANEXO C.....	99
ANEXO D	101
ANEXO E.....	103
ANEXO F	105
ANEXO G	106
ANEXO H	107
ANEXO I.....	108
ANEXO J.....	110
ANEXO L.....	112
ANEXO M.....	114
ANEXO N	115
ANEXO O	117
ANEXO P	119
ANEXO Q	121
ANEXO R.....	122
ANEXO S	124
ANEXO T	126
ANEXO U	127
ANEXO V	129

RESUMO

A entrada na escola nos dois primeiros anos de vida tem sido cada vez mais freqüente, justamente no período em que a dupla mãe-bebê está vivenciando o processo de separação-individuação. Parece haver um processo de separação semelhante de toda mãe em relação ao seu bebê e sabe-se que tanto a mãe quanto o bebê devem estar preparados para a separação que a entrada na escola implica. Este trabalho teve como objetivo investigar a vivência materna do processo de separação-individuação no primeiro ano de vida até a entrada na escola, no segundo ano de vida. Foi utilizado delineamento de estudo de caso coletivo, de caráter longitudinal. Quatro mães com idades entre 23 e 37 anos e seus companheiros entre 25 e 50 anos responderam a entrevistas semi-estruturadas durante o último trimestre de gestação, no terceiro, oitavo e décimo segundo mês de vida do bebê. Todas eram primigestas, mantinham relacionamento conjugal estável e seus bebês haviam ingressado na escola no segundo ano de vida. A partir da análise dos dados, foi possível visualizar o quanto as mães estavam devotadas ao bebê e em estado dependente e vulnerável. Ao mesmo tempo, pôde-se perceber que até o final do primeiro ano de vida as mães iam manifestando com mais clareza o desejo de retomar seu espaço e mostrando-se mais independentes, como se a individuação crescente do bebê provocasse o resgate da individualidade da mãe. Entende-se que o nascimento psicológico do bebê, que se inicia no primeiro ano de vida, coincide com o renascimento da mãe enquanto indivíduo independente de seu bebê, capaz de ter seu espaço próprio e individualidade. Pôde-se visualizar indicadores de que a decisão de colocar o bebê na escola no segundo ano de vida está ligada à separação mãe-bebê e à retomada da individualidade da mãe. Ao mesmo tempo, pôde-se observar a importância do pai no processo de separação da dupla mãe-bebê. A compreensão da vivência materna do processo de separação-individuação até a entrada na escola oferece possibilidade de melhoria no atendimento às mães, auxiliando toda família neste momento.

ABSTRACT

Entering school in the first two years of life has been more frequent and coincides with the mother-infant separation-individuation process. In all mothers there seems to be a similar separation process from their infants, and they must prepare themselves for the separation that entering school implies. This work aims to investigate the separation-individuation process as experienced by mothers, in the first year of life until school entry, in the second year of life. A collective-case study design was used, of a longitudinal character. Four mothers, aged between 23 and 37, whose partners were 25 to 50 years old, answered semi-structured interviews in the last trimester of pregnancy, in the infant's third, eighth and twelfth month of life. They were all primiparous, had a stable marital relationship and the infants entered school in the second year of life. The results indicated that in the first months of life mothers were devoted to their infants and in a dependent and vulnerable state. At the same time, it could be seen that by the end of the first year of life mothers expressed more clearly the wish to regain their personal space and showed more independence. It seems that the infant's growing individuation provoked in mothers the need to regain their individuality. It is believed that the infant's psychological birth, which takes place in the first year of life, coincides with the mother's rebirth as an independent individual with its own space and individuality. There was indication that the decision to put the baby in school was associated to mother-infant separation and to the mother's regaining of her individuality. Furthermore, it was possible to observe the importance of fathers in the mother-infant separation process. The understanding of the separation-individuation process until school entry offers the possibility of better assistance to mothers, helping the whole family at this moment.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

Nas últimas décadas, a entrada da criança na escola tem se mostrado uma escolha comum entre as famílias, e inúmeros são os motivos que levam os pais a introduzir seus filhos no mundo exterior à sua casa. Para muitos, a escola atende à necessidade de ter um lugar confiável que proporcione cuidados adequados às crianças para que possam trabalhar, enquanto que, para outros, oportuniza aos filhos a adaptação às regras, normas e hábitos sociais e estimula o desenvolvimento de diversas habilidades (Brazelton, 1994; Rosseti-Ferreira, Amorim & Vitória, 1994).

Chama atenção o aumento na frequência com que crianças ingressam ainda nos primeiros anos de vida e, especialmente, entre um e dois anos, período em que o bebê está se mostrando mais autônomo e a dupla mãe-bebê está vivenciando o processo de separação-individuação (Mahler, Pine & Bergman, 1975; Mahler, 1982). Além disso, sabe-se que tanto a mãe quanto o bebê devem estar preparados para a separação que a entrada na escola implica, já que, no início, os cuidados maternos e o bebê formam uma unidade (Brazelton, 1994; Mahler et al; Winnicott, 1963/1990). Visto que concomitante ao processo de separação-individuação do bebê, parece haver um processo de separação semelhante de toda mãe em relação a seu bebê (Mahler, 1982) e que a mãe revive, através da relação com o bebê, seu processo de separação-individuação (Colarusso, 1990), considera-se importante o estudo da vivência materna. Desta forma, o presente estudo busca compreender a vivência materna do processo de separação-individuação mãe-bebê no primeiro ano de vida, até a entrada na escola. Inicialmente, apresentam-se aspectos teóricos sobre o processo de separação-individuação mãe-bebê ao longo dos dois primeiros anos de vida e, posteriormente, sobre a mãe no processo de separação-individuação mãe-bebê. Por último, se aborda a entrada na escola no segundo ano de vida e o processo de separação-individuação.

1.2 O bebê nos dois primeiros anos de vida e o processo de separação-individação mãe-bebê

Nos estágios iniciais do desenvolvimento, o bebê e o cuidado materno pertencem um ao outro, formando uma unidade. A mãe complementa o bebê, de modo que este não pode desenvolver seu potencial herdado em direção ao crescimento e desenvolvimento, a menos que esteja ligado ao cuidado materno. Desde a gestação, a mãe tem uma percepção daquilo que o bebê necessita e de como este se sente, sendo capaz de provê-lo e adaptar-se às suas necessidades. A partir dos cuidados maternos, o bebê pode ter uma existência pessoal, sendo que se o cuidado materno não for suficientemente bom, o bebê não vem a existir (Winnicott, 1963/1990).

Nos primeiros meses de vida, o bebê se encontra no estágio de “dependência absoluta”, quando é completamente dependente dos cuidados maternos e, ao mesmo tempo, não tem consciência desta dependência. A mãe, graças à identificação com o bebê, é capaz de se adaptar às suas necessidades e saber o que ele está sentindo (Winnicott, 1963/1990).

Para se compreender o bebê em seus primeiros anos de vida e o caminho que percorre desde a dependência de sua mãe até a conquista de autonomia, é importante descrever o processo que Mahler, Pine e Bergman (1975) denominaram de separação-individação, o qual refere-se ao nascimento psicológico do indivíduo e implica na aquisição, pela criança, de um funcionamento autônomo na presença da mãe e com sua disponibilidade. Ao longo deste processo, que tem início aos quatro meses do bebê, este deixa a fusão simbiótica com a mãe e assume suas próprias características individuais, através das suas aquisições.

Até os quatro meses de vida, o bebê apresenta apenas uma consciência difusa do objeto que satisfaz as necessidades, o que marca a simbiose normal, fase que antecede o processo de separação-individação. Na simbiose normal, o bebê se comporta e funciona como se ele e sua mãe fossem um sistema onipotente, ou seja, uma unidade dual dentro de uma fronteira comum. Além disso, a necessidade que a mãe tem da criança é relativa, enquanto que a do bebê é absoluta. A simbiose se caracteriza por um estado de fusão com a mãe, no qual o exterior e o interior estão apenas começando a ser gradualmente sentidos como diferentes (Mahler et al, 1975).

No entanto, passados os primeiros meses de vida, o bebê começa a se tornar consciente da dependência que tem de sua mãe, quando esta começa a retornar à sua própria vida e tornar-se relativamente independente das necessidades da criança. O bebê passa, então, a revelar uma necessidade especial da mãe e esta, por seu turno, se sacrifica para não lhe causar sofrimento. Neste estágio, que abrange dos seis aos dois anos de vida, denominado de “dependência relativa”, se a mãe fica longe um período de tempo maior do que a capacidade da criança de crer na sua sobrevivência, aparece ansiedade (Winnicott, 1963/1990).

Por volta do quarto ao quinto mês de idade, tem início a fase de diferenciação, que se estende até os oito meses ou mais. A criança começa a diferenciar seu próprio corpo daquele da mãe, através de comportamentos tais como puxar o cabelo, nariz, orelhas, e de se afastar para melhor olhá-la, de modo que há uma exploração manual, tátil e visual do rosto da mãe, bem como das partes cobertas e descobertas de seu corpo. É durante esta primeira subfase de separação-individuação que todos os bebês normais dão seus primeiros passos em direção à libertação, num sentido corporal, de sua condição inicial passiva de bebê de colo. Desta forma, nesta fase, o bebê começa a comparar a mãe com o outro, discriminando o familiar do não-familiar (Mahler et al, 1975).

Mais tarde, entre 10 e 15 meses, aproximadamente, com a aquisição da locomoção em postura vertical, o bebê está explorando o ambiente e expandindo seu mundo. Neste período, chamado de treinamento, mostra-se relativamente imune a batidas, quedas e demais frustrações, aceitando facilmente adultos com os quais não está familiarizado. Além disso, nesta etapa do desenvolvimento, a criança permanece absorvida em sua atividade e explorações por um longo período, parecendo esquecer da mãe. É característico desta fase uma relativa falta de interesse pela presença materna (Mahler et al, 1975; Mahler, 1982). No estágio que abrange dos nove aos 18 meses, o bebê se encontra intensamente focado em seu movimento motor, em seu ambiente e nos objetos que podem ser tocados, descobertos e manipulados. Está envolvido com suas recentes aquisições motoras que permitem-no engatinhar, mover-se, caminhar, correr, escalar e relativamente menos focado em sua mãe, embora, naturalmente, esta permaneça sendo imensamente importante. Este é um período no qual as mães experienciam seus filhos como mais crescidos e independentes, com suas características individuais (Pine, 2003).

As explorações do ambiente por parte do bebê nesta fase conduzem ao mundo que o cerca. De acordo com a Teoria do Apego (Bowlby, 1981, 1989), o comportamento exploratório é um dos componentes básicos da natureza humana, o qual leva a criança para longe da mãe e inclui brincadeiras e várias atividades com crianças da mesma idade. Uma criança saudável sente-se suficientemente segura para explorar o ambiente quando sabe que seus pais estão acessíveis e serão receptivos quando requisitados, e o bebê que tem uma confiança básica consegue explorar o ambiente sem ansiedade acentuada (Mahler et al, 1975).

Ao longo do primeiro ano de vida, o bebê apresenta inúmeras aquisições. Aprender a sentar-se, engatinhar e andar transformam a sua capacidade de fazer coisas no mundo. Assim, não surpreende que as mudanças motoras estejam associadas a mudanças na maneira como o bebê interage com as pessoas e na maneira como elas exploram o mundo. Um dos medos mais comuns durante a última parte do primeiro ano de vida é a ansiedade causada por estranhos, de modo que todos os bebês mostram uma reação de medo em alguma ocasião entre os sete e os doze meses de idade. Além disso, está presente, neste período, o medo de se separar temporariamente de um cuidador conhecido (Newcombe, 1999).

Todas as experiências de separação tendem a ser perturbadoras para uma criança que tenha estabelecido uma ligação com sua mãe e tenha idade suficiente para discriminá-la de outras pessoas, mas que seja, ao mesmo tempo, ainda muito nova para manter esta ligação estando separada da sua mãe. Bebês entre seis e doze meses que tiveram bom relacionamento com suas mães e são separados destas apresentam uma forma de depressão, na qual a criança é descrita como indiferente, parada, infeliz e desinteressada por tudo (Bowlby, 1981).

Ao final do primeiro ano, o bebê está consciente do que está fazendo e das condições que põem fim ao seu comportamento, podendo-se dizer que começa a apresentar uma intenção. Deste modo, manifesta seu desejo de alcançar uma meta, sua satisfação quando a atinge e ansiedade e raiva quando falha (Bowlby, 1989).

Mais adiante, em seu segundo ano de vida, a criança revela crescente senso de independência e desejo de autonomia. À medida que exerce suas novas capacidades recém-descobertas, descobre que está por sua própria conta e precisa assegurar-se de que seus pais estarão lá quando deles precisar. É quando a ansiedade a estranhos e de separação está em seu pico. Paralelamente, os comportamentos e reações que colocam em risco a autonomia e fazem a criança sentir-se dependente são evitados. Além disso, em seu segundo ano de vida, a

criança testa os pais, manifestando, com isto, que precisa de ajuda para descobrir o que pode e o que não pode fazer (Brazelton, 1994, 2002).

Entretanto, a crescente capacidade de desligar-se fisicamente da mãe e a autonomia adquirida tornam o bebê mais consciente da separação da mãe e de que é uma entidade individual separada, o que incrementa a ansiedade de separação. Deste modo, dos 15 aos 22 meses, na fase denominada de reaproximação, a criança passa a demonstrar uma preocupação aparentemente constante com o paradeiro da mãe, bem como um comportamento de aproximação ativa desta. O relativo esquecimento da presença da mãe cede lugar a uma busca pela mesma e a um decréscimo no envolvimento em brincadeiras e no comportamento exploratório. O bebê parece ter cada vez mais necessidade de que a mãe compartilhe com ele de suas experiências e aquisições, embora deseje, ao mesmo tempo, seu afastamento. Esta oscilação entre o desejo de aproximar-se e afastar-se rapidamente da mãe caracteriza a ambivalência, típica desta fase, na qual a criança vivencia uma crise de reaproximação. Esta crise é igualmente marcada por timidez, manifestada pelo ressurgimento da reação a estranhos (Mahler et al, 1975).

Na fase de reaproximação, o bebê redescobre a necessidade da mãe e demonstra importar-se com a separação, buscando-a freqüentemente. Algumas mães ficam confusas com isto, imaginando que seus bebês independentes estão tornando-se bebês menores novamente (Pine, 2003). As crianças, por sua vez, mostram-se consideravelmente tristes nesta fase e aumenta sua ansiedade de separação. Assim, no segundo ano de vida, separar-se pode ser muito doloroso para as crianças, podendo-se esperar protestos violentos e explosões de sentimentos (Brazelton, 1994).

Desta forma, as crianças entre dezoito e vinte e dois ou vinte e quatro meses, ao mesmo tempo em que estão tornando-se mais autônomas, podem mostrar-se mais grudadas nos pais. Grande parte das crianças desta idade ainda está desenvolvendo habilidades cognitivas e emocionais para lidar com a ausência das pessoas com as quais são ligadas afetivamente e, ainda que muitas consigam evocar uma imagem mental destas pessoas, é muito difícil manter essa imagem, decorrendo disto que, para as crianças nesta fase, estar fora da vista é, muitas vezes, estar fora da memória (Balaban, 1988).

A ansiedade de separação aparece com intensidade neste período do desenvolvimento e ganha destaque na teoria de Mahler (Mahler et al, 1975;

Mahler, 1982). Porém, outros autores também escrevem sobre a ansiedade de separação e ajudam a compreendê-la. Na concepção de Bowlby (1989), a angústia de separação é uma reação instintiva a um perigo externo e é considerada uma tendência natural que está presente tanto nos animais como no homem. De forma semelhante, no entender de Quinodoz (1993), a angústia de separação é um fenômeno universal e uma emoção extremamente próxima, familiar, que nos acompanha a cada instante de nossa vida. Ao mesmo tempo, ela é uma emoção estruturante para o ego, porque sentir a dor de nossa solidão faz-nos tomar consciência de que existimos como ser só e único em relação ao outro, e que o outro é diferente de nós. A capacidade de conter a angústia de separação varia de indivíduo para indivíduo, e o que é chamado de normalidade corresponde à capacidade da pessoa de enfrentar a angústia e elaborá-la psiquicamente.

No segundo ano de vida, a tarefa principal da criança no campo afetivo é integrar a emoção de explorar o mundo sem a ajuda de seus pais, com a sensação de proteção e segurança que deriva da presença deles. A tarefa dos pais, por seu turno, é proteger a criança, com muito tato, dos novos e inesperados riscos que implicam a locomoção, até que vá aprendendo a se proteger por si mesma (Manfro, Maltz e Isolan, 2001).

Neste período, ainda pode-se observar no bebê oscilações de humor e acessos temperamentais de raiva, de modo que o conflito entre a sua iniciativa e a obediência às proibições da mãe marcam este período, no qual o “não” passa a ser empregado. O negativismo se manifesta através de palavras e também de gestos, utilizados para expressar a recusa ao ambiente e diferenciar-se (Mahler et al, 1975; Mahler, 1982; Spitz, 1993). Assim, o segundo ano de vida é consagrado ao controle e à dominação, sendo que a mãe, e mais genericamente o ambiente, são um objeto a ser controlado e manipulado (Golse, 1998). Lawrence, Belsky, Slade e Crnic (1999) encontraram, em um estudo realizado sobre as representações paternas e maternas de suas crianças, que os níveis de raiva dos pais e mães aumentam dos 15 aos 28 meses de vida dos filhos. Este achado, segundo os autores, é consistente com a reputação dos “terríveis dois anos”, período marcado por intenso conflito e negociação entre pais e filhos.

1.3 A mãe no processo de separação-individação mãe-bebê

Nos primeiros meses de vida, se a mãe puder se entregar ao seu filho, compreendendo suas necessidades físicas e afetivas, desenvolve-se uma experiência satisfatória de maternidade. Ainda que o bebê não seja totalmente fundido com a mãe e tenha experiências de si como diferenciado desta e dos demais, estão presentes algumas experiências de indiferenciação para ambos, mãe e bebê. Em alguns pares mãe-bebê, estes momentos tornam-se intensos e conflitivos, com conseqüências para toda a vida (Pine, 2003).

Desde a gestação até as primeiras semanas depois do nascimento, a mãe desenvolve um estado denominado “preocupação materna primária”, no qual apresenta uma sensibilidade aumentada. Neste estado, a mãe se identifica com o bebê, se preocupa com ele e se adapta sensivelmente às suas necessidades iniciais, de modo que o bebê parece ser parte dela mesma. Desta forma, a mãe está “devotada” ao bebê e em estado dependente e vulnerável, necessitando de apoio por parte dos familiares nesta época (Winnicott, 1956/1988, 1963/1990, 1966/1996).

É tão intensa esta fusão entre mãe e bebê neste período, que fica difícil para a mãe se separar de seu bebê, conforme aponta o estudo de Lopes, Alfaya, Machado e Piccinini (2005). A pesquisa examinou os sentimentos de 47 mães primíparas, com idade entre 20 e 37 anos, diante das primeiras situações de separação física de seu bebê, no momento em que este contava com três meses de vida. Da amostra pesquisada, 66% das mães mencionavam sentimentos negativos relacionados à separação, como tristeza, medo, ansiedade, pena e outros, e somente 8% mencionavam sentimentos positivos diante das separações. Estes sentimentos positivos estavam associados especialmente ao sentimento de confiança das mães em relação aos cuidadores. Os autores compreenderam os sentimentos maternos de saudades, medo e as preocupações a partir do estado de dependência e vulnerabilidade emocional experimentados pela mãe.

A adaptação sensível da mãe às necessidades do bebê dura pouco tempo, de modo que ela começa, gradualmente, a falhar em satisfazer as necessidades do bebê. A mãe começa a retornar à sua própria vida e se tornar relativamente independente das necessidades de seu bebê, emergindo daquele estado de devoção absoluta. No período que dura dos seis meses até os dois anos de vida, no qual a dependência que o bebê tem da mãe é relativa e ele começa a se tornar consciente dessa dependência, a mãe reluta em deixar seu filho e teme causar-lhe raiva e aflição (Winnicott, 1963/1990).

A mãe também deve se adaptar e adaptar suas atitudes ao longo do processo de separação-individuação, ainda que a adaptação maior caiba ao bebê (Mahler, Pine & Bergman, 1975). Concomitante ao processo de separação-individuação do bebê, parece haver um processo de separação semelhante de toda mãe em relação a seu bebê. “Acredita-se que a passagem da situação de bebê de colo para a de bebê que já pode separar-se fisicamente de sua mãe também marque um passo evolutivo na maternidade, podendo mobilizar muito conflitos naquela.”(p. 34) (Mahler, 1982).

Conforme Colarusso (1990), há extensa literatura a respeito do processo de separação-individuação da criança, porém, pouco se escreve sobre o processo de separação-individuação no adulto. Após a segunda individuação, que ocorre na adolescência, se segue a terceira individuação, a qual é um processo contínuo de elaboração do *self* e diferenciação dos objetos presente nas diferentes fases da adulez.

O vazio intrapsíquico deixado pela separação dos objetos infantis motiva os adultos a ocupá-lo com o estabelecimento de uma família, com a procriação. O adulto utiliza sua maturidade para assumir o papel parental no processo de separação-individuação, de modo que a parentalidade facilita a terceira individuação ao produzir situações nas quais os temas infantis podem ser retrabalhados em relação aos conflitos e tarefas específicos da fase adulta. A intensa fusão com a criança completa a mãe, que se envolve com o bebê e, posteriormente, experiencia a separação, o que estimula a terceira individuação (Colarusso, 1990).

Ter uma criança modifica a relação real entre os novos pais e seus progenitores e produz profundas mudanças intrapsíquicas em ambos. Além disso, reativa nos pais a experiência infantil com a mãe pré-edípica e todos os aspectos da primeira individuação, proporcionando nova chance de envolvimento e separação, só que agora com uma estrutura psíquica desenvolvida e sofisticada (Colarusso, 1990).

Para Lopes et al (2007), o final do primeiro ano de vida é um momento importante do desenvolvimento infantil, uma vez que a criança apresenta novas aquisições em termos de linguagem, locomoção e exploração do ambiente e começa a manifestar comportamentos característicos de separação em relação ao cuidador. Estas aquisições acabam tendo um impacto nos sentimentos maternos,

de modo que constituem um desafio para a mãe, que precisa adaptar-se às novas exigências e aprender a entender como lidar com elas.

Nos resultados do estudo de Lopes et al (2007), que investigou os sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança aos 12 meses, através de um estudo qualitativo com 28 mulheres entre 20 e 37 anos de idade, encontrou-se que a dinâmica da separação mãe-bebê não é vivida unicamente pela criança. Percebeu-se ambivalência por parte de algumas mães, sendo que, por um lado, indicavam gratificação e realização frente ao desenvolvimento de seu bebê e, por outro, verbalizavam sentimentos de cansaço e estresse frente à demanda do bebê de maior dedicação, atenção e proximidade física. Além disso, por vezes, a maior independência da criança suscitou nas mães algumas manifestações de que o filho permanecesse bebê.

Mahler et al (1975) compreendem que, no segundo semestre do segundo ano de vida, à mãe pode parecer contraditória a ambivalência da criança, a qual ora a solicita constantemente, ora a evita. Deste modo, algumas mães não conseguem aceitar a exigência de proximidade, enquanto que para outras é difícil admitir a separação gradual da criança e o fato de não poder mais ser vista como uma parte sua. É útil e condição para uma individuação saudável que a mãe apresente um desenvolvimento emocional previsível e uma disposição para soltar o filho e encorajá-lo a tomar uma atitude independente. Algumas mães passam a perseguir as crianças através de um comportamento intrusivo e exageradamente devotado, motivado por sua própria ansiedade.

Em torno do vigésimo terceiro mês de vida, Mahler et al (1975) observaram que a habilidade da criança de enfrentar o desligamento e a separação física da mãe depende da história da relação mãe-criança, bem como do estado atual desta relação. As crises de separação que ocorrem neste período podem relacionar-se à própria ansiedade da criança, ou ainda, ao grau e natureza da disponibilidade da mãe e aos seus sentimentos de ansiedade ligados ao fato de o bebê começar a se tornar mais individualizado.

Em pesquisa realizada nos bancos de dados (PsychInfo, Lilacs, Medline e Scielo) foram poucos os estudos encontrados envolvendo a mãe no processo de separação-individuação do bebê. Dentre estes, foram encontrados estudos investigando a ansiedade de separação materna (McBride & Belsky, 1988; Hock, McBride & Gnezda, 1989; Scher, Hershkovitz e Harel, 1998; Lopes et al, 2005), porém, se observa ausência de estudos que abordam as vivências da mãe frente à

separação, ainda que as pesquisas de Lopes et al (2005, 2007) se aproximem deste foco.

Para Hock, McBride e Gnezda (1989), a ansiedade de separação materna se refere a um estado emocional de desprazer ligado à experiência de separação, o qual é evidenciado pela manifestação de preocupação, tristeza e culpa. Compreende-se a ansiedade de separação materna como uma disposição inata e estável manifestada em resposta à separação do bebê e, ainda que o estudo dos autores tenha mostrado que há uma constância considerável em cada mãe ao longo do tempo, acreditam que as características de situações específicas e do bebê influenciem o aumento ou diminuição dos níveis de ansiedade materna. McBride e Belsky (1988) concluíram, em sua pesquisa, que diferenças individuais na ansiedade de separação materna são multiplamente determinadas e relacionadas aos atributos da mãe e da criança, e que estas diferenças influenciam a relação de apego entre a mãe e seu bebê.

Scher, HersHKovitz e Harel (1998) pesquisaram as relações entre as lembranças maternas da própria infância, a ansiedade materna ao separar-se do filho e o padrão de apego da criança. Participaram 58 mães com idade média de 28 anos, e seus bebês entre três e 12 meses, em um estudo longitudinal. Foi encontrado que as mães percebiam seu relacionamento com a própria mãe como significativo preditor de seu apego com o bebê e que a ansiedade de separação materna é uma característica igual tanto nas mães seguras quanto nas inseguras em sua própria infância. No entanto, os resultados igualmente indicaram que, ao final do primeiro ano de vida de seu bebê, as mães inseguras demonstraram níveis mais altos de ansiedade e preocupação com a separação do que aquelas seguras.

1.4 A entrada na escola e o processo de separação-individação

A entrada do bebê na escola implica, necessariamente, na separação deste de sua mãe, podendo gerar variados sentimentos e reações tanto nos bebês quanto em suas mães. A escola tem sido escolha de inúmeras famílias por diversas motivações, desde a necessidade de encontrar uma solução para os cuidados da criança em famílias nas quais as mulheres trabalham fora, até a busca por um espaço estimulante e de socialização para a criança. Segundo Piccinini e Rapoport (2004), a sociedade entende que a formação das novas gerações cada vez mais passa pelas creches e escola. Cryer et al (2005) referem que nos centros de

cuidados americanos o número de crianças pequenas aumentou nos últimos 25 anos do século passado, sendo que a proporção de crianças entre um e dois anos de vida praticamente dobrou entre 1976 e 1990. Para Burchinal (1999), o cuidado não-parental durante os primeiros cinco anos de vida tornou-se a norma, e não a exceção, durante os últimos 30 anos nos Estados Unidos. No Brasil, Piccinini e Rapoport (2004) destacam que um recente levantamento realizado indicou que a educação infantil está em expansão.

Sabe-se que a interação mãe-criança sofre transformações ao passar do espaço domiciliar para uma situação onde há separação freqüente da dupla, estabelecimento de novas relações e fim da exclusividade de cuidados. Além disso, no novo contexto da escola, há a introdução de uma rotina diferenciada e de novos parceiros e cuidadores (Rosseti-Ferreira, Amorim & Vitória, 1994). As práticas usadas com crianças pequenas nos centros de cuidados têm forte impacto sobre o desenvolvimento da criança e seu bem-estar, de modo que tem sido mostrado que a qualidade global dos cuidados durante os primeiros três anos traz efeitos no desenvolvimento das crianças. A maior qualidade nos cuidados está associada com o melhor relacionamento entre a mãe e a criança, poucos problemas de comportamento, mais avanços nas habilidades cognitivas e crescente prontidão para a escola (Cryer et al, 2005). Para Rosseti-Ferreira, Amorim, Silva e Carvalho (2004), o contexto da creche proporciona novas condições de relações, cuidados, educação e desenvolvimento.

A escolarização na educação infantil constitui a primeira experiência extra-familiar para um grande número de crianças. O ingresso numa situação escolar supõe, na criança, a aceitação da separação com relação aos pais, o que implica a interiorização de um bom objeto interno (Botbol & Lecoutre, 2004). De acordo com Balaban (1988), muitas vezes as crianças sentem-se abandonadas, amedrontadas e enraivecidas, reagindo de diferentes maneiras. Algumas podem esconder seus sentimentos por algum tempo, parecendo dóceis e quietas; e outras podem chorar, gritar, bater nos colegas e mostrar-se mais agitadas. De qualquer modo, até que a criança comece a sentir a sensação de confiança, o professor, a sala de aula e os colegas permanecem estranhos. Gradualmente, com o desconhecido dando lugar ao familiar, a criança expande seus relacionamentos ao ambiente físico e às demais crianças.

As crianças precisam, às vezes, dar uns passos para trás para depois seguirem adiante em seu desenvolvimento. Na entrada da escola, as regressões são normais

e podem ser percebidas quando as crianças choram, se queixam, imploram para serem levadas para casa, se recusam a brincar e se agarram firmemente às suas mães. As regressões ainda podem se manifestar através dos comportamentos de chupar o dedo, molhar a cama, falar como bebê e não comer e dormir como o habitual (Balaban, 1988). A maioria das crianças adapta-se bem no início, entretanto, logo depois começam a dar sinais de regressão, com a presença de medos, dores físicas, problemas de sono e alimentação (Brazelton, 1994).

Importante para a entrada na escola é tanto os pais quanto as crianças estarem preparados para a separação. Todos os pais preocupam-se com a entrada na escola e apresentam uma ansiedade normal, a qual pode manifestar-se através de inúmeras dúvidas quanto aos cuidados que serão oferecidos aos filhos (Brazelton, 1994). Para os pais, a primeira escolarização assume o valor de um ritual de passagem, ritual de inclusão na sociedade extra-familiar (Botbol & Lecoutre, 2004). Deste modo, a adaptação à nova rotina da escola representa um desafio para todos, incluindo a criança, familiares e equipe de professores e cuidadores. Esse processo pode provocar inicialmente situações de grande tensão entre pais e educadores, gerando culpa, angústia, dúvidas e, igualmente, alegria e alívio. Assim sendo, é aconselhável que seja gradual, com o tempo de permanência da criança na ausência da mãe aumentando progressivamente. A adaptação da criança certamente será influenciada pelas suas reações, uma vez que ela atua nesse processo como um ser ativo, que desempenha um papel importante nas interações (Piccinini & Rapoport, 2004; Rosseti-Ferreira, Amorim & Vitória, 1994).

Alguns pesquisadores dedicaram-se a compreender a entrada da criança na escola, como Castoldi (1997), em sua dissertação de mestrado. A pesquisadora investigou a relação entre a incidência de separações e perdas na vida da criança e da família e a adaptação à escola. Em seu estudo, coletou dados de crianças com, em média, 5,8 anos de idade que tiveram perdas e uma adaptação difícil e, paralelamente, dados de crianças que, apesar das perdas, adaptaram-se facilmente à escola. Castoldi (1997) observou que alunos com boa adaptação pertenciam a famílias que estabeleciam vínculos afetivos de proximidade com os avós, enquanto que as famílias de alunos com dificuldades de adaptação careciam de uma rede de relações familiares de apoio. A pesquisadora referiu, ainda, que para uma boa adaptação infantil, foram significativas as expectativas positivas dos pais, a satisfação com o filho e a confiança na escola. Percebeu que as crianças de

adaptação difícil eram desvalorizadas no contexto familiar, bem como a própria escola, e que as perdas esperadas do ciclo vital não interferiram na adaptação escolar, diferentemente das acidentais e imprevisíveis. Ainda que este estudo tenha investigado crianças maiores e não tenha focado a vivência materna, enfatizou a importância dos vínculos familiares na adaptação.

Rossetti-Ferreira et al (2004) acompanharam o desenrolar dos processos de adaptação à creche de três bebês, seus familiares e educadoras. A partir de um banco de dados que investigou 21 bebês que frequentavam uma creche universitária, foram escolhidos três, entre cinco e dez meses de idade, para a realização de estudos de caso. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com as educadoras, mães e técnicas, bem como gravações em vídeo no ambiente da creche e durante as sessões com as mães. Além disso, utilizou-se documentos, currículos, observações sistematizadas e registros de comportamento e de saúde dos bebês. A análise dos dados foi realizada a partir da análise microgenética, do discurso e categorização de eventos de doença. Na discussão dos resultados, as autoras observaram que a adaptação pode ser conceituada como um processo que se inicia mesmo antes de a criança entrar na creche. A entrada leva crianças, familiares e educadoras a enfrentar desafios e buscar uma integração ao novo ambiente, sendo um processo que permanece em transformação, a partir de novos eventos, novas aquisições e relações. Este estudo não investigou especificamente a vivência materna frente ao ingresso na creche, no entanto, fornece dados para se compreender a entrada nesta como um processo que envolve os familiares próximos, além de outros fatores.

Muitas vezes, a entrada na escola representa a introdução de novas cuidadoras na vida da criança (Balaban,1988). Lopes et al (2005) referem, em seu estudo a respeito dos sentimentos da mãe diante das primeiras experiências de separação física de seu bebê, que os sentimentos negativos vivenciados pelas mães podem ser minimizados na presença de cuidadoras que se mostrem disponíveis, confiáveis e capazes de cuidar adequadamente do seu bebê. Os autores destacam a importância da qualidade do vínculo das mães com os cuidadores substitutos para a presença de sentimentos de tranquilidade e segurança.

Na busca realizada nos bancos de dados (PsychInfo, Lilacs, Medline e Scielo), não foram encontrados estudos investigando a vivência materna relacionada à entrada na escola no segundo ano de vida do bebê, e tampouco estudos relacionando o processo de separação-indivuação com a entrada na escola.

1.5 Justificativa e objetivos do estudo

A relação mãe-bebê tem sido exaustivamente teorizada e estudada (Winnicott, 1956/1988, 1963/1990, 1966/1996; Mahler et al, 1975; Mahler, 1982; Bowlby 1981, 1989), e a descrição do processo de separação-individuação (Mahler et al, 1975) ressalta a importância dos primeiros anos de vida na formação da criança e no desenvolvimento das suas relações de objeto. Justamente nestes primeiros anos o ingresso na escola tem sido cada vez mais frequente, tanto no Brasil, quanto em países como os Estados Unidos. Na escola na qual a pesquisadora atua, em Porto Alegre, 50% das crianças que ingressaram no início de 2008 tinham até 2 anos de vida, sendo que 35% estavam em seu segundo ano de vida (Levantamento informal). No Brasil, de acordo com um estudo realizado pela Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados (2004), as matrículas na educação infantil cresceram entre 1994 e 2003 em cerca de 28,8%, e o número de crianças de zero a três anos matriculadas cresceu 224% entre 1998 e 2003. Nos Estados Unidos, por sua vez, segundo Cryer et al (2005), o número de crianças entre um e dois anos que frequenta as creches dobrou entre os anos de 1976 e 1990.

Nos dias atuais, a frequência à escola tende a fazer parte da rotina das crianças e suas famílias, e a literatura aponta que a entrada na escola é um momento de mudanças na rotina da criança e da família e gerador de sentimentos diversos. Observa-se que a entrada nos primeiros anos de vida tem sido cada vez mais frequente, período em que o bebê está iniciando seu caminho rumo à autonomia e à percepção de ser individual, separado e único, experimentando a separação de sua mãe.

A mãe, por sua vez, também passa por um processo de separação semelhante em relação ao bebê (Mahler, 1982). Na adultez, ela está vivenciando a terceira individuação e, com a maternidade, revive seu processo de separação-individuação e tem a oportunidade de assumir o papel que até então havia sido de seu progenitor, o que traz significativas mudanças intrapsíquicas. A partir disto, se torna importante investigar a vivência materna do processo de separação-individuação mãe-bebê.

Ainda que se observe o aumento no número de crianças ingressando na escola desde a mais tenra idade, nas buscas em banco de dados (PsychInfo, Lilacs,

Medline e Scielo) encontram-se poucos estudos que enfocam a entrada no primeiro e segundo ano de vida (Averbuch, 1999; Rossetti-Ferreira, Amorim, Silva & Carvalho, 2004) e que investigam a separação mãe-bebê (Jacobson & Wille, 1984; Hock, McBride e Gnezda, 1989; Scher, HersHKovitz & Harel, 1998; Lopes et al, 2005). Outros estudos abordam a sensibilidade materna na interação com a criança de 12 meses (Kivijärvi & cols., 2001; Lohaus, Keller, Ball, Voelker & Elben, 2004), a competência e auto-eficácia materna (Teti & Gelfand, 1991; Veddovi, Gibson, Kenny, Bowen & Starte, 2004), as atitudes maternas na criação dos filhos aos doze meses (Benasich & Brooks-Gunn, 1996), a parentalidade e desenvolvimento da criança de um ano de idade (Van Bakel & Riksen-Walraven, 2002) e os efeitos da interferência materna no comportamento exploratório de crianças aos 12 meses (Gray, Tracy & Lindberg, 1979), porém, é raro encontrar estudos que relacionam a vivência materna do processo de separação-individuação com a entrada na escola. Desta forma, o objetivo do presente estudo foi o de investigar, longitudinalmente, a vivência materna do processo de separação-individuação mãe-bebê no primeiro ano de vida, até a entrada na escola, durante o segundo ano de vida.

Este trabalho se propôs a investigar a vivência materna do processo de separação-individuação mãe-bebê. Entretanto, se incluiu o pai e suas percepções, já que o bebê começa a ampliar seu mundo, primeiramente, incluindo o pai como objeto de amor, o qual não está completamente fora da união simbiótica, mas também não se encontra inteiramente dentro dela (Mahler et al,1975).

O papel do pai varia segundo as diferentes idades do filho. Desde o nascimento até o quarto mês de vida, o interesse do bebê se centraliza quase exclusivamente em sua mãe. Entretanto, entre o terceiro e o quarto mês, o bebê já conhece sua mãe, sente-se amado e rejeitado e brinca com seu corpo, de modo que está se preparando para seu encontro com o pai. E encontrar o pai significa não só se separar bem da mãe, mas ir em busca do mundo externo e também encontrar uma fonte de identificação masculina, imprescindível tanto para o menino quanto para a menina. O pai tem como função ajudar a criança em sua busca do mundo externo e a desprender-se da mãe, sendo que uma boa relação com esta favorece a vinculação futura com o pai e, por sua vez, a relação com este pode ser uma experiência corretora de uma má conexão inicial com a mãe (Aberastury, 1984).

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1 Participantes

Participaram deste estudo quatro casais, participantes do projeto denominado *Estudo longitudinal de Porto Alegre: da gestação à escola* (GIDEP, 1998), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do HCPA. O estudo envolveu mais de 100 participantes representando diversas configurações familiares (casados, solteiros, recasados) e diferentes idades (jovens e adultos). Para compôr a amostra do presente estudo foram escolhidas quatro famílias compostas de pai e mãe adultos, morando juntos com seu bebê no primeiro ano de vida. Os casais selecionados participaram de todas as entrevistas propostas no estudo. As mães tinham idade variando entre 23 e 37 anos, de modo que todas eram primíparas e moravam com o pai do bebê, com tempo de coabitação variando entre menos de um ano a sete anos. A escolaridade das mães variava de primeiro grau incompleto a terceiro grau incompleto e não estavam trabalhando ao longo de todo o primeiro ano de vida do bebê. Em relação aos pais, na época do primeiro contato apresentavam idade variando entre 25 e 50 anos e seu nível de escolaridade variava desde primeiro grau incompleto a terceiro grau incompleto. Quanto aos bebês, todos pertenciam ao sexo feminino e haviam ingressado na escola no segundo ano de vida. Os participantes foram recrutados por meio de indicação de pessoas conhecidas, em Hospitais da rede pública de Porto Alegre, através de anúncio em jornal e em Postos de Saúde.

2.2 Delineamento e procedimentos

Foi utilizado neste estudo o delineamento de **estudo de caso coletivo** (Stake, 1994), de caráter longitudinal. Esta pesquisa insere-se em tal delineamento por ter utilizado um conjunto de casos, examinados ao longo de quatro momentos distintos, com a finalidade de acompanhar o processo de separação-indivuação mãe-bebê ao longo do primeiro ano de vida até a entrada na escola. O estudo envolveu quatro etapas de coleta de dados: 1) último trimestre de gestação; 2)

quando o bebê completou três meses; 3) quando o bebê completou oito meses; e, 4) quando o bebê completou 12 meses de vida.

Sendo assim, após o contato inicial com as gestantes nos diferentes locais de recrutamento (ver **Ficha de contato inicial**, Anexo B) explicitados anteriormente, foi marcada uma entrevista no último trimestre de gestação, na residência da gestante, quando esta assinou o **Consentimento Informado** (ver Anexo A) e foram feitas a **Entrevista de dados demográficos do casal** (ver Anexo C) em conjunto, e a **Entrevista sobre gestação e as expectativas da gestante** (ver Anexo D) e a **Entrevista sobre as expectativas do futuro pai** (ver Anexo E) separadamente. Além disso, foi feito o **Genograma familiar** (ver Anexo F) e a **Narrativa conjunta do casal** (ver Anexo G) em conjunto. Quando o bebê completou três meses, os pais foram novamente entrevistados em sua residência. Nesta ocasião, foram feitas a **Entrevista sobre a experiência da maternidade no terceiro mês do bebê** (ver Anexo I), **Entrevista sobre a experiência da paternidade no terceiro mês do bebê** (ver Anexo J), **Entrevista sobre o temperamento do bebê aos três meses** (ver Anexo L) e **Entrevista do casal aos três meses do bebê** (ver Anexo H). Aos oito meses, os pais foram contatados para realizar a **Entrevista sobre a experiência da maternidade no oitavo mês do bebê** (ver Anexo N), **Entrevista sobre a experiência da paternidade no oitavo mês do bebê** (ver Anexo O), **Entrevista sobre o temperamento do bebê aos oito meses** (ver Anexo P) e **Entrevista do casal aos oito meses do bebê** (ver Anexo M), as quais foram realizadas em sua residência. Por fim, aos doze meses de vida, os pais realizaram, em sua residência, a **Entrevista sobre a experiência da maternidade e desenvolvimento do bebê de um ano** (ver Anexo R), **Entrevista sobre a experiência da paternidade e desenvolvimento do bebê de um ano** (ver Anexo S), **Entrevista sobre o temperamento do bebê com um ano** (ver Anexo T) e **Entrevista do casal aos doze meses do bebê** (ver Anexo Q). As mesmas entrevistas foram realizadas novamente aos 18, 24 e 30 meses dos bebês, na residência dos pais, de modo que no presente estudo se utilizou a **Entrevista sobre a experiência da maternidade e desenvolvimento do bebê aos 18 meses** (ver Anexo U) e a **Entrevista sobre a experiência da maternidade e desenvolvimento do bebê aos 30 meses** (ver Anexo V) apenas com a finalidade de se obter dados sobre a entrada na escola. A partir do terceiro mês do bebê, as entrevistas sobre a maternidade e paternidade foram realizadas separadamente com cada pai e cada mãe, enquanto as demais

foram realizadas em conjunto. Todas as entrevistas do presente estudo foram gravadas e posteriormente transcritas.

2.3 Material e instrumentos

2.3.1 Contato inicial

2.3.1.1 Consentimento informado:

O consentimento informado, baseado em Piccinini, Lopes, Rapoport, Castoldi, Gianluppi, e Ribeiro, (1998), continha o objetivo geral da pesquisa, a forma de coleta e tratamento dos dados, os direitos da participante, e o nome e telefone do pesquisador responsável, para eventual contato. Esse documento foi assinado em duas vias pela participante, sendo que uma cópia ficou em seu poder e a outra, com a pesquisadora (ver Anexo A).

2.3.1.2 Entrevista de dados sócio-demográficos:

Entrevista de dados demográficos do casal (Piccinini et al, 1998): esta entrevista visou obter dados sobre idade, escolaridade, profissão, religião, pessoas que moravam junto com o casal, tempo que o casal morava junto, condições de saúde durante a gestação, idade gestacional e se era a primeira gestação. Cópia da entrevista se encontra no Anexo C.

2.3.2 Terceiro trimestre de gestação

2.3.2.1 Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante:

Esta entrevista, baseada em Piccinini et al (1998), foi desenvolvida para este estudo e é composta de questões abertas, distribuídas em 10 blocos para investigar diversos aspectos da gestação. A entrevista foi construída conjuntamente pelos autores, partindo-se da literatura para elaborar as questões a serem investigadas. Posteriormente, foi realizado um estudo piloto no qual a entrevista foi aplicada a cinco gestantes e mães para verificar a compreensão das

questões, o que levou a algumas modificações incorporadas à versão final. Cópia da entrevista se encontra no Anexo D.

2.3.2.2 Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai

Esta entrevista, baseada em Piccinini et al (1998), foi desenvolvida para este estudo e é composta de questões abertas, distribuídas em 10 blocos para investigar diversos aspectos da gestação. As questões são sobre a gravidez, sentimentos, expectativas em relação ao bebê, à paternidade e às mudanças que ocorrerão.

2.3.2.3 Genograma familiar

É uma entrevista que investiga, através de cinco itens, questões sobre a família, sua origem, membros, relacionamento e a presença de eventos estressores.

2.3.2.4 Narrativa conjunta do casal

Esta entrevista investiga a história do relacionamento do casal, desde quando pai e mãe se conheceram até a atualidade. O entrevistador solicita, de forma aberta, que o casal fale da sua vida juntos como se fosse uma história, da forma mais fácil para eles.

2.3.3 Primeiro trimestre do bebê

2.3.3.1 Entrevista sobre a experiência da maternidade e o desenvolvimento do bebê:

Esta entrevista (Piccinini, Lopes, Rapoport, Castoldi, Gianluppi & Ribeiro, 1999) foi desenvolvida para este estudo, contém questões abertas e é composta de seis blocos de questões para investigar aspectos sobre a experiência da maternidade, desenvolvimento do bebê e percepções maternas sobre os cuidados paternos com relação à criança e à participação de outros cuidadores e da creche. O procedimento de construção da entrevista foi semelhante ao utilizado na entrevista da gestação. Cópia da entrevista encontra-se no Anexo I.

2.3.3.2 Entrevista sobre a experiência da paternidade e o desenvolvimento do bebê

Esta entrevista (Piccinini et al, 1999) foi desenvolvida para este estudo, contém questões abertas e é composta de seis blocos de questões para investigar aspectos sobre a experiência da paternidade, desenvolvimento do bebê e percepções paternas sobre os cuidados maternos com relação à criança e à participação de outros cuidadores e da creche. O procedimento de construção da entrevista foi semelhante ao utilizado na entrevista da gestação. Cópia da entrevista encontra-se no Anexo J.

2.3.3.3 Entrevista do casal

Esta entrevista é composta de três blocos abrangendo questões sobre a rotina da família, mudanças que ocorreram com a vinda do bebê, descrição de dias da semana e final de semana e relacionamento do casal.

2.3.3.4 Entrevista sobre o temperamento do bebê

Esta entrevista é realizada com o casal e abrange oito blocos de questões sobre a alimentação do bebê, sono, choro, troca de fraldas, banho, suas reações e humor.

2.3.4 Oitavo mês do bebê

2.3.4.1 Entrevista sobre a experiência da maternidade e o desenvolvimento do bebê

Esta entrevista (Piccinini et al, 1999), composta de sete blocos, seguiu a mesma estrutura da Entrevista sobre a experiência da maternidade e o desenvolvimento do bebê no terceiro mês, sendo acrescentadas questões referentes ao desenvolvimento do bebê desta faixa etária e uma questão sobre objetos preferidos do bebê. O procedimento de construção da entrevista foi semelhante ao utilizado na entrevista da gestação. Cópia da entrevista encontra-se no Anexo N.

2.3.4.2 Entrevista sobre a experiência da paternidade e o desenvolvimento do bebê

Esta entrevista (Piccinini et al, 1999), composta de sete blocos, seguiu a mesma estrutura da Entrevista sobre a experiência da paternidade e o desenvolvimento do bebê no terceiro mês, sendo acrescentadas questões referentes ao desenvolvimento do bebê desta faixa etária e uma questão sobre

objetos preferidos do bebê. O procedimento de construção da entrevista foi semelhante ao utilizado na entrevista da gestação. Cópia da entrevista encontra-se no Anexo O.

2.3.4.3 Entrevista do casal

Esta entrevista é composta de três blocos abrangendo questões sobre a rotina da família, mudanças que ocorreram com a vinda do bebê, descrição de dias da semana e final de semana e relacionamento do casal.

2.3.4.4 Entrevista sobre o temperamento do bebê

Esta entrevista é realizada com o casal e abrange oito blocos de questões sobre a alimentação do bebê, sono, choro, troca de fraldas, banho, suas reações e humor. Diferentemente das anteriores, enfatiza as reações do bebê frente a pessoas e situações estranhas e às separações.

2.3.5 Décimo segundo mês do bebê

2.3.5.1 Entrevista sobre a experiência da maternidade e o desenvolvimento do bebê de um ano

Esta entrevista (Piccinini et al, 1999) seguiu a mesma estrutura da Entrevista sobre a experiência da maternidade e o desenvolvimento do bebê no oitavo mês, sendo acrescentadas questões referentes ao desenvolvimento do bebê desta faixa etária e uma questão sobre eventos estressantes. O procedimento de construção da entrevista foi semelhante ao utilizado na entrevista da gestação. Cópia da entrevista encontra-se no Anexo R.

2.3.5.2 Entrevista sobre a experiência da paternidade e o desenvolvimento do bebê

Esta entrevista (Piccinini et al, 1999) seguiu a mesma estrutura da Entrevista sobre a experiência da maternidade e o desenvolvimento do bebê no oitavo mês, sendo acrescentadas questões referentes ao desenvolvimento do bebê desta faixa etária e uma questão sobre eventos estressantes. O procedimento de construção da entrevista foi semelhante ao utilizado na entrevista da gestação. Cópia da entrevista encontra-se no Anexo S.

2.3.5.3 Entrevista do casal

Esta entrevista é composta de três blocos abrangendo questões sobre a rotina da família, mudanças que ocorreram com a vinda do bebê, descrição de dias da semana e final de semana e relacionamento do casal. Uma questão sobre o aniversário de um ano foi acrescentada.

2.3.5.4 Entrevista sobre o temperamento do bebê

Esta entrevista é realizada com o casal e abrange oito blocos de questões sobre a alimentação do bebê, sono, choro, troca de fraldas, banho, suas reações e humor. Como a de oito meses, investiga as reações do bebê frente a pessoas e situações estranhas e às separações.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Foi utilizada **análise de conteúdo** (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999), a fim de investigar o conteúdo do relato das entrevistas, visando apreender suas características e significações. A análise de conteúdo **qualitativa** foi empregada para examinar as particularidades das verbalizações de cada caso, bem como as semelhanças entre eles. Os temas de análise foram definidos *a priori* e baseados no foco desta dissertação. As entrevistas analisadas contemplaram, ainda, outros temas cuja análise não foi destacada neste trabalho.

Este capítulo apresenta os resultados obtidos através da análise das entrevistas selecionadas para o estudo. O material está organizado por casos, num total de quatro. Num primeiro momento, são trazidos elementos referentes à história familiar de cada pai e cada mãe. Neste item procura-se descrever a família de origem e a história conjugal. A seguir, cada caso contém um item intitulado “Gestação”, que visa a compreensão dinâmica deste momento de espera pelo bebê, tanto para a mãe quanto para o pai. Posteriormente, todos os casos são subdivididos em “Terceiro Mês de Vida”, “Oitavo Mês de Vida” e “Décimo Segundo Mês de Vida”, sendo que os dados destes momentos distintos foram obtidos através da “Entrevista Sobre a Maternidade”, da “Entrevista Sobre a Paternidade”, da “Entrevista com o Casal” e da “Entrevista do Temperamento do Bebê” nos respectivos meses referidos. No item “Décimo Segundo Mês de Vida” se incluiu dados sobre a entrada da criança na escola, obtidos das Entrevistas Sobre a Maternidade aos 18 e 30 meses do bebê.

Inicialmente, cada caso foi detalhadamente estudado e discutido em supervisão. Cada momento da coleta de dados (gestação, terceiro, oitavo e décimo segundo meses de vida do bebê) possibilitou a investigação de temas pré-estabelecidos pela pesquisadora em seu foco de estudo. Em todos os períodos as entrevistas permitiram delimitar cinco temas: *envolvimento materno na amamentação e desmame, reações emocionais a situações de separação do bebê, espaço de individualidade da mãe, aceitação quanto à idéia da entrada na escola e o papel do pai*. A integração destes temas em cada entrevista é apresentada neste capítulo.

3.1 Caso Elisa

3.1.1 História Familiar

Ângela, de 23 anos, tem quatro irmãs e um irmão, sendo a terceira mais velha. Segundo relato da participante, não conheceu o pai e tampouco sabe referir seu nome. Além disso, Ângela conheceu apenas uma de suas irmãs, pois sua mãe deu todos os filhos ao nascer: “*A minha mãe deu todos os filhos, né, quando nascia ela dava*”. A participante foi a única das filhas que permaneceu com a mãe até os 8 anos, quando o padrasto faleceu e esta entrou em crise, levando a filha a residir com uma senhora que a cuidou até os 12 anos. Com esta idade, Ângela voltou a morar com a mãe, a qual tem problemas psiquiátricos: “*O médico diz que ela não chega a ser esquizofrênica, né...*” A participante convive apenas com a irmã mais nova de 17 anos e com a mãe de criação desta, com quem estabelece uma relação bastante próxima. Ângela conheceu o marido em uma festa de Ano Novo, quando estava com 12 anos. Começou a namorar aos 14 e casou quando estava com 16 anos, de modo que residem juntos há sete anos. A participante trabalha como faxineira em casas particulares e o marido como segurança em uma escola.

Vilmar tem 38 anos, é o quarto filho de seis irmãos, sendo quatro mulheres e dois homens. O pai tem 66 anos e trabalha como porteiro, e a mãe era doméstica e faleceu aos 72 anos quando Elisa estava com dois meses, de infecção respiratória. Vilmar casou com Ângela aos 31 anos e passaram a residir no mesmo terreno de seus pais, porém, em outra casa. O participante convive com todos os irmãos e irmãs, os quais são casados e têm filhos, e contou que seu pai era rude com todos quando mais jovem.

3.1.2 Gestação

Na entrevista realizada durante a gestação, Ângela demonstrou planejar e desejar muito a gravidez: “*Eu passei todo o ano ali na expectativa. Daí eu peguei, e não conseguia acreditar que era verdade.*” A participante engravidou após 7 anos de casamento e queria muito ter filhos para ter uma família, pois se considerava sozinha. O forte desejo de constituir uma família parecia evidenciar a vontade de construir uma história familiar diferente da sua, na qual as crianças foram dadas para adoção e impedidas de conviverem. Ângela disse desejar muito uma menina por pensar que seria mais carinhosa do que os meninos, ficando muito feliz ao saber o sexo do bebê. Vilmar relatou: “*(...) Ela acha que guri é*

muito de rua, filho é mais solto do que guria, a guria é mais chegada na mãe, né (...)” O nome escolhido para a filha foi inspirado em uma personagem de novela, cujo enredo abordava a doação de bebês. O pai, por seu turno, contou preferir um menino, mas aceitaria bem o bebê que viesse.

Na história de vida de Ângela se encontram inúmeras situações de separação que pareciam estar relacionadas com seu sentimento de solidão: *“Nós somos sozinhos (...) Eu sou muito carinhosa, eu sou carente também, né, porque eu nunca tive família, né, então eu quero dar tudo o que eu não tive pra ela (...) Eu nunca tive uma família, assim, pai, mãe, irmão, essas coisas, eu sou super carente disso.”* A participante também se considerava sensível: *“Se puxar pela mãe vai ser bem chorona (...) Eu não consigo debater, discutir, eu sempre acabo chorando.”* Demonstrava temer que sua filha fosse igualmente chorona e apresentasse as crises como a avó materna: *“Ela tem crises, assim, ela fica totalmente fora de si, muda completamente, fica falando, chorando e não dorme, bah, muda completamente, daí eu rezo que ela não tenha nada disso aí.”* Pode-se pensar que o medo da semelhança com a avó materna estivesse expressando também o medo da repetição da história de separações e abandono.

Quando Ângela se referiu à família de origem ao longo das entrevistas, não se percebeu sentimentos de raiva, mas de tristeza por não ter tido uma família. Fica evidente que a participante sempre foi receptiva com a única irmã e com a própria mãe, compreendendo seus motivos e desculpando seus atos: *“Ela também sofreu muito, né, e ela conta a história de quando ela era jovem, que a madrinha dela rogou uma praga pra ela que ela nunca teria família, e ela acreditou nisso e acha que é por isso que ela não conseguiu ter família.”* O fato de ter sido a única filha que ficou junto à mãe por um período, parece ter possibilitado à Ângela entendê-la e ter esperança de constituir uma família e poder proporcionar a seus filhos amor e carinho: *“Eu queria ser que nem a mãe da minha irmã, bah, ela é super carinhosa, bah, tem que ver, minha irmã teve sorte. Ela ama mesmo ela, faz tudo por ela e dá carinho, tudo o que um filho precisa, né, (...)”*

A participante pretendia retornar ao trabalho quando a filha estivesse com seis meses e planejava que o marido a cuidasse. Além disso, Ângela e Vilmar não pensavam em colocar em creche e diziam que a mãe de criação da irmã de Ângela poderia cuidar do bebê. O pai expressou o receio de colocar em creche: *“Ah, a gente fica, né, com ciúmes, né, não vê aquela do jornal que morreram na cr*

eche, imagina os pais, como é que ficaram, né.” Parece que deixar a filha aos cuidados de familiares, em casa, representaria menos perigos e menor risco de perda. Pode-se entender, também, que, neste momento, os pais ainda não conseguiam pensar em se distanciar de seu bebê.

Quanto ao relacionamento de Ângela com as pessoas de sua convivência, fica evidente o apoio que recebia durante a gestação. O marido a auxiliava e também estava ansioso com a chegada do bebê. Relatou: *“Ah, eu procuro fazer o que é possível, né, o que ela não puder fazer eu faço, né, alguma coisa, assim, né, em casa, tudo eu faço, nessa expectativa que eu estou eu faço.”* Ao mesmo tempo, havia a expectativa de que com a chegada do bebê o casal se uniria ainda mais: *“Não vai mudar muita coisa (no relacionamento do casal) , vai até unir mais a gente.”* Ângela igualmente recebia ajuda dos demais membros da família: *“ Tem os irmãos, tem toda a família, irmãos, irmãs, ela ganhou bastante roupinha também, né, dos filhos das minhas irmãs, né, sobrinhos pequenos, né.”*

Ao longo da entrevista sobre gestação, ficou claro que Ângela esperava constituir uma família diferente da sua de origem, sem separações, abandono e com dedicação aos filhos. Pretendia ser uma mãe carinhosa e esperava que o marido também pudesse ser um pai presente: *“ (...) educado, carinhoso, não ser agressivo, né, sei lá, conviver junto, né, tá sempre ali quando precisa.”* Vilmar revelou boas expectativas em relação à paternidade: *“Eu me imagino super bem, tudo que ela precisar eu vou ter que dar, se for preciso, né, então eu acho que vai ser bom.”*

3.1.3 Terceiro mês de vida

Em relação ao parto, Ângela contou que sentiu muitas dores durante uma noite inteira, até ir ao hospital e constatar que o bebê estava sentado e seria realizada uma cesariana. A participante desejava intensamente uma menina: *“A primeira coisa que eu peguei na mão foi a perereca. Aí, eu ah, que felicidade né, aí botaram em cima de mim assim, aí a maior emoção, a maior emoção.”* Relatou que chorou de felicidade e que estava sozinha durante o parto, pois não foi permitida a presença do marido. Quando este chegou para vê-la, chorou novamente. Percebe-se que Ângela estava bastante sensível e que se sentiu só sem o marido. Segundo a participante, nos primeiros dias ainda no hospital, Elisa não dormia pois mamava a noite inteira, como se assim mãe e filha permanecessem unidas e evitassem a separação que o advento do parto implicou.

Durante os três primeiros meses de vida de Elisa, somente o pai e a mãe a cuidaram. No terceiro mês, Vilmar retornou ao trabalho, sendo que no primeiro dia em que se ausentou o bebê caiu do carrinho e bateu a cabeça: *“Bom, o primeiro dia que ele foi trabalhar, o primeiro dia aconteceu uma coisa, ela no carrinho, eu deixei sem cinto, não dá mais pra deixar sem cinto, ela começa a esperar e foi descendo, caiu (...) Caiu, bateu com a cabeça eu me desesperei, né, me desesperei (...) Acho que fiquei mais apavorada do que ela, logo parou de chorar, nada grave (...)”*

Parece que a ausência do marido constituiu a primeira separação do trio que estava formando uma nova família, gerando insegurança em Ângela e colocando em dúvida sua competência como mãe e cuidadora. A participante relatou que um dia ficou *“desesperada”* ao permanecer longe de Elisa por três horas, a qual ficou aos cuidados da cunhada de Ângela. Além disso, pode-se pensar que o pai, ao retornar ao trabalho após três meses, também manifestava sua necessidade de estar junto da filha e manter o trio unido.

Ao mesmo tempo em que a participante expressou este sentimento frente à separação do bebê, em outro momento revelou a vontade de que começasse logo a caminhar e falar, indicando o desejo de ter um bebê autônomo e mais separado dela: *“ Eu tô louca que chegue a hora de começar a caminhar, falar, né, que eu acho que é a melhor parte quando fala as primeiras palavras.”*

A participante demonstrou compreender o jeito de ser de sua mãe, mas deixou claro que não agiria da mesma forma com a própria filha: *“(...) Ela gosta mas não é assim que nem tu, sei lá, eu não largo a minha filha por nada, eu nunca daria ela, por nada eu me separaria dela, né. Ela, assim, ela gosta e dá e sabe que tá bem, gosta de um jeito diferente (...) Ela não se apega em nada, nem pelo material, tudo ela dá (...) Eu sei que a mãe tem um problema assim, que ela é uma pessoa muito boa de coração (...) Eu não consigo entender ela, né, porque que ela é assim, não sei, não se apega, gosta, ama, mas de um jeito diferente, né (...) Eu com a Elisa, a gente tá sempre junto, tá sempre comigo, eu nunca vou me separar dela.”* Pode-se pensar que a participante tenha perdoado os erros e a ausência da própria mãe.

Ângela relatou em vários momentos temer que doenças acometessem seu bebê, expressando o temor de perder a filha e reviver abandonos. Talvez o fato de consultar periodicamente dois pediatras distintos estivesse relacionado a estes temores: *“(...) Mas eu não dispenso do posto também, por causa da minha irmã, o*

pediatra dela. O doutor Lauro, ele é super bom. Daí eu vou nele, a gente compara as opiniões (...) dois pediatras.” A idéia da participante de retornar ao trabalho aos seis meses da filha relatada na gestação se manteve aos três meses de vida, dizendo que com esta idade o bebê estaria mais independente.

Ângela contou que gostaria de colocar Elisa na creche somente quando já estivesse falando: *“Não, eu queria assim creche só quando falasse. Eu queria que me contasse o que acontecesse. Sei lá, te lembra que eu fiz curso, né (...) Pelo menos creche comunitária, né, péssima. Muito ruim (...) Elas eram bem agressivas com as crianças (...) Eu fiquei apavorada assim, me deu uma pena assim, tinha crianças tão lindas, tão meigas assim e eu já fiquei apavorada.”* Vilmar não pensava nesta possibilidade no momento: *“Ah isso aí eu não tá, só vendo né, mais tarde (...) Não. Conforme, né filha? Conforme a renda da gente também, se tiver condições, né filha, enquanto tiver o pai trabalhando, que a mãe ficando em casa com ela, não tem problema. Fica em casa com a mãe.”* Os relatos fazem pensar que o casal estava bastante ligado à filha e unido para formar sua própria família, não podendo pensar em separações e correr o risco de reviver as que já haviam ocorrido em suas vidas.

De acordo com a participante, o casal estava mais unido aos três meses de Elisa e contava com a ajuda de familiares, embora raramente aceitassem seu auxílio: *“ Tem que cuidar que dá ciúmes também, né, de os outros ficarem com ela, também.”* O pai permanecia presente, apoiando Ângela e ligado ao bebê: *“ Eu faço tudo, eu não me importo, eu faço, eu gosto de fazer.”* Nos dias em que a participante estava trabalhando, Vilmar cuidava da filha juntamente com a madrinha de Ângela: *“ Daí eu vou junto, às vezes com o carrinho, pra mim ficar cuidando dela.”* Para o pai, o jeito de Elisa era mais parecido com o de sua mãe: *“ Acho que o jeitinho é mais com ela (...) Eu sou bem calmo, agora, ela já não é muito calma.”*

Ao longo do relato, o pai se mostrou sensibilizado com a perda de sua mãe, que havia ocorrido há aproximadamente um mês. Quando questionado sobre as dificuldades que vinha enfrentando com a filha, respondeu: *“Eu acho que não tem dificuldade nenhuma, eu acho que com ela. (Silêncio) A vizinha dela que (...) A vó dela que faleceu.”*

3.1.4 Oitavo mês de vida

No oitavo mês de vida de Elisa, ficou evidente em vários momentos dos relatos a resistência de Ângela em se separar da filha. As primeiras vezes em que a participante saiu e deixou seu bebê aos cuidados de outras pessoas referiu ter saudades e sentir-se desesperada. Ao mesmo tempo, em outro momento comentou que não estava incentivando Elisa a engatinhar: “*É que daí eu não tinha mais largado ela, né, eu acho que, de repente, eu não estava soltando ela.*”

Ângela relatou que com esta idade Elisa ainda não havia experimentado mamadeira, que estava cansativo acordar várias vezes à noite para a filha mamar e que Elisa só sentia o cheiro da mãe e já queria mamar. O bebê machucava o seio da mãe e às vezes o mordida. Contudo, a participante não pensava em desmamar a filha e dava o peito quando ela queria: “*(...) Sofro muito, assim, na hora de mamar, né, que tá me machucando, sempre, sempre. Ai, é um horror (...) Depois eu choro de tanta dor (...) Porque eu fiz um curso no Clínicas, e vi que o melhor era mamar até os dois anos. Daí, eu quero fazer o melhor, sabe, pra ela. E eu tenho bastante leite também, daí eu fico com pena de parar.*” Ângela referiu que Elisa estava ganhando menos peso do que o esperado para sua idade e que o pediatra recomendou a redução do número de mamadas. Os conflitos relativos à amamentação fazem supor que estava presente uma dificuldade da dupla para se separar e que a mãe temia se sentir culpada por desejar separar-se da filha.

Ao longo da entrevista do oitavo mês, Ângela revelou as dúvidas que tinha como mãe e as falhas que julgava ter cometido com Elisa. Contou que a filha já havia caído três vezes do carrinho e que suas orelhas estavam “*de abano*” em função de ela não ter cuidado. Entende-se que neste momento do desenvolvimento da filha, em que estava tendo aquisições e comportamentos mais autônomos, Ângela demonstrava menos confiança nas suas capacidades como mãe. Talvez temesse frustrar Elisa e perder seu amor, assim como perdera sua própria mãe quando bebê.

Ângela não pensava em colocar Elisa na creche logo, mas somente quando já estivesse falando. Por outro lado, relatou que se a filha não estivesse dividindo as coisas e nem brincando com outras crianças, falaria com o pediatra sobre este assunto e pensaria melhor. O pai, por sua vez, disse que na creche não cuidariam direito das crianças e que Elisa iria estranhar muito: “*Porque eu acho que ela ia estar num ambiente que não...Todo mundo estranho pra ela, sem o pai e a mãe ali. O papai não ia estar lá para acariciar ela, pegar, fazer os dengos dela, no caso, né.*” O pai admitia que não iria gostar de colocá-la na creche e que se

sentiria culpado se o fizesse. Parece que a entrada na creche poderia representar perder a filha, expô-la a riscos e talvez abandoná-la aos outros.

Nos relatos do oitavo mês de Elisa, ficou evidente que o pai seguia auxiliando nos cuidados e presente em sua vida: *“Ajudo ela um monte também, quando tem que sair, se é pra pegar no colo, eu pego, troco... Pra mim eu estou sendo um bom pai.”* Ângela concordava: *“ Ai, maravilhoso, sempre presente, sempre dividindo tudo.”* Percebe-se que os pais podiam contar com a família e especialmente com a madrinha de Ângela. No entanto, sentiam não ter o auxílio das avós, uma vez que a paterna falecera aos dois meses de Elisa e a materna estava residindo em outro estado. Além disso, a avó de Vilmar também havia falecido recentemente. Este contou que sentia falta das avós: *“Por causa da experiência, no caso, né, porque tem coisas que a gente não sabe, né (...) Quando ela tá chorando, quer uma coisa e tu não sabe o que é, não sabe se é fome, se tá com sono.”*

O participante referiu que em uma única ocasião deixaram Elisa com sua irmã por duas horas, sendo que ele sentiu saudades da filha e ficou preocupado: *“Ah, acho que é que eu queria ficar junto, né, pra ver o que acontece, estar sempre do lado, a gente se preocupa, né (...) Quando eu tô fora, trabalhando fora, dá saudade, se ela tá sendo bem tratada.”* Percebe-se que Vilmar perdera sua mãe havia pouco tempo e que, talvez por isto, estivesse ainda mais ligado à filha e evitando se separar dela. Para ele, possivelmente a creche representasse um distanciamento ainda maior de seu bebê que ainda não poderia tolerar.

3.1.5 Décimo segundo mês de vida

Com um ano de vida, Elisa vinha apresentando as aquisições esperadas para a idade. Seu peso estava bom, caminhava, mandava beijos e se mostrava carinhosa e sociável, conforme Vilmar. Este se considerava bom pai e bastante ligado à filha: *“Um bom pai, bom, procuro dar as coisas pra ela, brinco com ela e tudo, faço tudo, dou comidinha, tudo que tem que fazer eu faço com ela.”* Revelou se preocupar quando outras pessoas a cuidavam e que sentia ciúmes: *“Ah, dá ciúme na gente também, né.”*

Neste período, permaneciam evidentes os conflitos vivenciados pela dupla mãe-bebê em torno da amamentação. A mãe referiu que para comer era sempre uma briga, sendo que Elisa comia pouco, cospia o alimento que não gostava e fazia bagunça com a comida. Ângela seguia amamentando a filha, ainda que

muitas vezes fosse doloroso em razão das mordidas, e pretendia desmamá-la aos dois anos de idade. O fato de Elisa não estar ganhando peso conforme o esperado pelo pediatra faz pensar que a amamentação não estava mais suprimindo suas necessidades nutricionais: *“Nem tá, só tá chupando, a gente vê que ela não tá mamando, a gente vê que ela não tá engolindo, assim, quando ela tá só chupando. E eu vou tirar e ela acorda e chora e quer de novo e eu sempre com machucado, machucado, machucado, agora tem os dentes e morde.”* Fica claro que Ângela não queria frustrar a filha, mas sim manter a proximidade através da amamentação: *“ Sempre que ela quer eu dou, mas eu procuro não dar perto da comida pra ver se ela come, mais é de noite (...) Mama direto daí, até perder a vontade(...)”* Por outro lado, a participante estava tentando se afastar de Elisa: *“Ou eu dou o peito, ou eu dou o mingau, tem que ser, antes eu dava o peito mas daí passei pro mingau.”*

Quando questionada sobre os momentos em que ficava longe da filha, Ângela relatou que no início se estressava, mas que agora não, pois percebia que Elisa ficava bem. Aos oito meses, Ângela dizia não estar soltando a filha para engatinhar, no entanto, aos doze meses estava incentivando um comportamento mais autônomo, o que pode indicar que Ângela estava um pouco mais tranqüila com a separação: *“Eu gosto porque eu acho que daí vai caminhar mais rápido, e ela fica presa ali, e ela fica feliz, ele gosta de se mexer, e eu deixo. Né, filha, a mamãe que solta ela.”* Vilmar, por outro lado, demonstrou temer soltar a filha: *“(...) Eu tenho medo, né, eu não solto ela porque ela pode bater a cabeça, assim, que ela não tá acostumada (...)”* Pode-se pensar que, para o pai, a autonomia da filha oferecia riscos, de modo que ele teria que protegê-la. Talvez ele estivesse manifestando seu próprio temor de se afastar de Elisa e vê-la como uma pessoa separada. Parece que Vilmar admitia sua dificuldade de se separar da filha: *“Ah, a dificuldade que eu tenho é de estar muito longe, tem que ir pro colégio e eu fico pensando nela aqui, (...) Vinte e quatro horas a gente se preocupa. Que tá com a mãe em casa, será que ela vai ficar bem com ela (...) Sinto falta.”* O participante pensou em levar o bebê para o trabalho: *“Estou sempre brincando com ela, eu tô sempre junto. Até ia levar ela comigo pro serviço, pra ficar com ela. A gente bota ela no carrinho, ela fica quietinha, mas não.”* Vilmar parecia resistir a se afastar da filha, podendo-se entender que, por este motivo, adiou seu retorno ao trabalho por três meses.

Em relação à entrada na creche, Ângela persistia com a idéia de colocar Elisa mais tarde, quando já estivesse falando e contando o que acontecia: *“Não sei, eu não queria nem ouvir falar, porque eu tenho medo (...) Eu já trabalhei em creche e vi coisas, assim, que eu ficava horrorizada (...) Mas eu não gosto, não sei se com dois anos já está falando bastante coisa, contando alguma coisa que possa acontecer.”* A participante também referiu que ficava preocupada com a adaptação, com a reação e comportamento de Elisa. Talvez a entrada na creche significasse para Ângela estar cuidando menos da filha e deixando de se dedicar a ela, o que se opunha ao forte desejo de ter uma família e nunca abandoná-la, como fizera sua mãe: *“Eu tinha necessidade de ter filho pra ter uma família pra... Porque eu nunca tive, né, a minha mãe não cuidava dos filhos, né, um pouco com a minha mãe, um pouco em outras casas, sempre senti carência. Eu acho....”*

Vilmar referiu que não pretendia colocar Elisa na creche, pois temia que não a cuidassem bem e se sentia inseguro. Disse, ainda, que poderia levá-la junto ao seu trabalho: *“Por mim não colocaria (...) Por mim eu fico em casa tranqüilo e ela (esposa) que vá trabalhar, daí. Ela (Elisa) vai comigo também no serviço, não incomoda (...)”* Parece que a entrada na creche representava uma separação que o pai ainda não se sentia seguro de enfrentar. Entende-se que a forte ligação que indicava estabelecer com a mãe e esposa se transferia neste momento à filha, outra mulher importante em sua vida.

Ainda que Elisa ficasse raramente com os familiares, pois seus pais se revezam para cuidá-la, Ângela podia contar com uma cunhada e com a mãe de sua meia-irmã. Estas se ofereciam para ficar com Elisa e davam conselhos quanto aos seus cuidados, o que algumas vezes era motivo de desentendimentos. Ângela relatou o que a mãe de sua meia-irmã dissera: *“(...) A gente briga porque a gente ama muito a Elisa...”* O pai de Elisa se mostrava presente, se dedicando à filha e apoiando Ângela: *“(...) Ajudo ela né, se tiver que passar um pano eu passo, lavar a louça eu lavo, alguma coisa de comida eu faço, eu ajudo em casa (...) Mas eu faço tudo, tudo.”* Ângela confirma: *“(...) Sempre foi os dois, sempre a gente divide, damos os dois juntos, banho é sempre junto, almoço, tudo que pode dá.”*

De acordo com os relatos da entrevista de 18 meses, Elisa ingressou na escolinha no primeiro semestre do segundo ano de vida. A mãe contou que não conseguiu fazer adaptação da filha em função do seu trabalho, de modo que a deixava por meio turno e ficava pensando como ela estaria na creche: *“Era, mas daí eu ficava morrendo de pena né, pensando o que será que está acontecendo,*

será que estão cuidando bem, até hoje, né...” No início Elisa chorava logo que a mãe a deixava e depois se acalmava, entretanto, permanecia quieta, não se misturava com as outras crianças e ficava agarrada à sua boneca. A mãe referiu que às vezes também chorava ao ir embora e que percebeu a filha mais agressiva após ingressar na escolinha. Parece que Ângela não percebia a entrada na creche como algo positivo, e o fato de não ter conseguido fazer adaptação faz pensar que estava difícil para ela lidar com as suas ansiedades e com as da filha. É como se estivesse abandonando Elisa e descuidando da família, como fez sua própria mãe. Mesmo passado o período inicial de adaptação, o relato de Ângela sobre a creche sugeria sentimentos negativos: *“Acho que está sendo cansativo pra ela o dia todo (...) Ah... Às vezes um pouco de agressividade, às vezes ela te toca um brinquedo, coisas que ela não fazia, não sei se é de lá que vem...”*

3.2 Caso Ana Paula

3.2.1 História Familiar

A participante tem 24 anos e é a filha mais velha do segundo casamento de sua mãe, a qual está com 56 anos e teve 16 crianças do primeiro casamento e cinco do segundo. O nome de Maria foi escolhido a partir de uma promessa feita por sua mãe para ter uma filha mulher saudável, após inúmeras mortes de bebês do sexo feminino. A gestante sempre foi bastante ligada à mãe e dormia em sua cama até se casar. Ainda que o pai, de 46 anos, tivesse se afastado da família aos quinze anos de Maria, estabelecia bom relacionamento com o mesmo: *“(...) Minha mãe diz que ele sempre foi carinhoso comigo, foi muito apegado (...)”* A participante e seu marido se conheceram através de uma amiga, quando ela estava com 19 anos e ele com 20, e casaram após um ano de noivado. Estavam casados havia quatro anos quando Maria engravidou, sendo que tentavam ter um bebê havia três anos. Segundo Vilson, inicialmente pensaram que sua esposa apresentava dificuldade para engravidar, no entanto, ele quem necessitou de tratamento para fertilidade: *“(...) Daí pediram para eu fazer alguns exames, daí constataram que era baixa de espermatozoides (...)”*

Vilson tem 25 anos e é o penúltimo filho de 11 irmãos, seis homens e cinco mulheres. Seus pais são casados e o pai está com 69 anos e a mãe com 66. Conforme o participante, seu pai não conseguia demonstrar afeto e não teve muito tempo para ficar com os filhos, ainda que tenha se dedicado mais a Vilson do que

aos demais irmãos: *“Comigo ele até teve um tempo (...) Ele me levava ao futebol, saía bastante com ele, enfim, mas em casa, não tinha muita conversa, ele sempre trabalhou fora, não tinha muito tempo pra gente.”* A relação de Vilson com a mãe parece ter sido bastante próxima, de modo que ele a considera um exemplo de mãe, por sua dedicação e equilíbrio com os filhos. O casal reside no mesmo prédio desta e mantém contato diário.

3.2.2 Gestação

De acordo com a mãe, a gestação de Ana Paula foi aguardada com bastante expectativa após três anos de tentativas. Maria engravidou após a interrupção do tratamento para fertilidade que o marido vinha realizando, gerando surpresa e grande emoção. A gestante relatou que riu de alegria ao saber da gravidez e que o casal sofreu muito para conseguir esta criança. Maria demonstrou se sentir extremamente feliz com a gestação: *“Vontade de ficar rindo sozinha, e converso com ela o dia todo. E ela fica pulando (...)”* Explicou que a escolha do nome Ana foi devido a promessas e orações feitas por toda família pedindo para que a gravidez fosse possível: *“Acho que Ana porque a gente rezou muito, para a gente conseguir. Ele pediu para Nossa Senhora dele, ele tem uma santinha. Fez promessa, ele tem muita fé na Nossa Senhora de Lurdes. Ai, Ana por causa que ela é nossa mãe, de todos, e eu pedi muito para ela e ela concedeu o nosso pedido. Todo mundo rezou muito para ela, nossa família toda rezou muito, e ela nos ouviu. Aí eu resolvi colocar Ana, e Paula porque eu gosto.”* Vilson referiu que ficou surpreso e incrédulo com a notícia da gravidez: *“(...) Nós achávamos que nós não íamos conseguir, né, porque eu fiz alguns exames e eu estava com problemas (...) Daí, foi, bah, até meio inacreditável no começo, com medo também.”* Disse, ainda, que ficou muito feliz e sentiu uma emoção diferente.

Percebe-se que Ana Paula foi bastante desejada por todos, assim como fôra sua mãe, a primeira filha após vários meninos. No entanto, ao contrário do que ocorreu com os pais de Maria, o casal desejava um menino, para proteger as meninas que nasceriam posteriormente. Nota-se que nesta época já pensavam em ter outros filhos, podendo-se entender que Maria desejava ser fértil como a mãe e se assemelhar a ela, e Vilson, superar sua impossibilidade inicial de ser pai.

Ao longo da entrevista, percebe-se que Maria estava se sentindo forte e completa com a gravidez, como se esta a preenchesse e proporcionasse somente

sentimentos positivos: “(...) *Parece que depois que eu engravidei, parece que assim, estou tri forte, me sinto forte pra caramba, eu só tenho aquele receio de não saber fazer força na hora do parto!*” Talvez o receio de não conseguir fazer força no momento do parto revelasse o medo de não conseguir se separar deste bebê que estava possibilitando-lhe sentir-se tão bem. Maria relatou suas expectativas em relação à filha: “*É, acho que ela vai ser uma pessoa inteligente, forte. Acho que ela vai ser uma pessoa bastante forte, por ela ter vindo pra gente. Ela tem que ter bastante força de vontade. Eu acredito que os bebês escolhem as mães.*” Para Maria, Ana Paula teria a força que sentia lhe faltar.

Vilson demonstrava a todo tempo sua surpresa com a gravidez, como se duvidasse de sua fertilidade e capacidade para ser pai. Imaginava que a filha seria parecida com a esposa, tanto física quanto emocionalmente: “*Acho que vai ser bem dengosa (...) Porque a mãe dela é bastante dengosa, meio carente, assim, eu imagino que vai ser assim.*”

A participante tinha o apoio de familiares, que a tratavam de modo especial em função da gravidez; entretanto, demonstrava estar ambivalente em relação a receber auxílio e atenção. Ao ser questionada sobre o apoio que recebia neste momento, respondeu: “*Acho que não. Acho que eu não sou daquelas grávidas que ficam pedindo atenção o tempo todo (...) De vez em quando vem um, bota a mão na barriga, conversa (...) Elas estão me tratando assim, né! Tri bem, estou gostando!*” Ao mesmo tempo, Maria relatou que os amigos também ficaram muito contentes ao saber da gravidez e costumavam acariciar sua barriga. Segundo Vilson, o casal estava recebendo ajuda material e espiritual. Os familiares e amigos davam presentes para o bebê, e Maria e o marido freqüentavam um centro espírita indicado pela cunhada. O marido igualmente se mostrava presente e interessado no bebê. Acompanhava Maria nas consultas do pré-natal quando possível e considerava bonitas as mudanças que estavam ocorrendo no corpo da esposa: “*As pessoas até dizem que ela está gorda, mas eu não consigo ver isso assim. Mas eu acho isso bonito, assim, né, está mudando porque tem um bebezinho dentro dela.*”

Através dos relatos, nota-se que Maria sempre estabeleceu uma relação bastante próxima com sua família, mãe e irmãos. Vilson reforçou esta percepção: “*As irmãs dela são apaixonadas por ela, elas estão sempre aqui. Até no começo, quando nós mudamos pra cá, eu meio que briguei com ela, porque elas passavam*

o dia aqui, daí não dá certo, eu sustentar uma família grande destas... Não dá, né (...) Eu falava, marca um dia para visitar, se não elas vinham todos os dias (...)

Maria relatou que sua mãe se mudara para Santa Catarina e demonstrou sentir sua falta: “(...) *Eu estou assim, meio ansiosa! Porque eu nunca morei, assim, longe da minha mãe. E agora eu vou poder ver ela, o quê, uma vez por ano! (...)* Ela sempre foi de ficar conversando, a gente via muito televisão juntas, eu estava sempre no colo dela, sempre em volta dela, até depois de grande eu sempre em volta da mãe! Tanto que eu só parei de dormir na cama da mãe quando eu me casei! Não conseguia dormir longe dela! Depois de casada, fica obrigada a se separar!” Já Vilson esperava contar com a ajuda de sua mãe depois que o bebê nascesse, indicando boa relação com a mesma: “*Eu espero muito conselho da minha mãe, ela ajudou todos os meus irmãos que tiveram filhos... Tipo assim, fica doente, ela sabe o que é... Acho que é essa ajuda que eu espero (...)* A gente tem que procurar ajuda, assim, né, então ela é uma saída.” Além disso, sua mãe residia no andar abaixo do seu, estando próxima da família: “*Eu brinco, que foi o que casou e saiu de casa e ficou mais perto da mãe, né... Dormia ali, agora durmo aqui e o quarto da minha mãe é ali embaixo. Aí não tem muita diferença.*” Pode-se perceber que, na verdade, tanto Maria quanto Vilson mantinham forte ligação com suas mães.

Durante a gestação, Maria já planejava ficar em casa durante muitos anos cuidando da filha, pretendendo se dedicar a alguma atividade que pudesse realizar em casa. A gestante não pensava em se separar da filha antes dos 14 anos de idade: “*Ah, deixa eu ver... Sete é muito cedo ainda, eu quero estar sempre atenta a ela! Ah, acho que lá pelos 14 anos... Daí ela já pode ficar sozinha! É que criança tem várias fases que eu quero estar sempre acompanhando. Eu acho que isso é necessário, daí eu acho que eu quero estar sempre em volta dela.*” Ao mesmo tempo, durante a entrevista da gestação revelava não conseguir se imaginar com a filha no colo, como se não pudesse pensar na separação e na perda da sensação de completude que vivenciava: “*Eu procuro não pensar nisso que me dá ansiedade! Eu fico só pensando, sentindo o prazer de ter ela aqui, dentro da barriga, para mim não ficar ansiosa! (...)*” Pode-se supor que a sensação de unidade com Ana Paula no momento da gestação fosse semelhante à sensação que vivenciava com a mãe desde a infância. Com o marido Maria também demonstrava ser ligada e estabelecer uma relação de dependência: “(...) *Acho que eu não vou ter todo o tempo que eu tenho para dar atenção a ele. Porque minha*

vida é assim: casa e ele, me dedico totalmente a ele.” Wilson também percebia Maria bastante dependente dele e da sua mãe: *“(a gravidez) Deixou ela bem mais, assim, voluntariosa, mais independente, ela sempre foi bastante dependente da mãe dela! Até de mim também, mas com a gravidez ela ficou mais independente (...)*” Entretanto, o participante também manifestou proximidade com a esposa, temendo que a chegada do bebê distanciasse o casal: *“(...) Que de repente ela não vá ter tempo para mim, daí a gente vai ter que saber lidar com isso também (...)*”

Wilson revelou que seria um pai sensível: *“Sem muita autoridade (...) Não consigo muito, logo já amoleço. Não dá pra ser duro o tempo todo, né, às vezes a gente amolece!”* Referiu que um bom pai deveria ter tempo para os filhos: *“Para ser um bom pai, primeiro tem que ter tempo, para demonstrar isso, depois a vontade mesmo de ser pai, eu acho que ter bastante vontade, deixar muitas coisas que gostaria de fazer para tá ali com teu filho (...) tem que tá junto.”* Parece que o participante desejava ser um pai diferente do seu, se dedicando mais aos filhos. Não pretendia repetir com Ana Paula o que considerou negativo na relação com seu pai, ou seja, o pouco tempo passado juntos.

Em relação à entrada na creche, a participante referiu que não intencionava colocar sua filha, uma vez que não guardava boas lembranças de quando a frequentou: *“Eu não gostava! Eu achava muito triste, era muito triste, eu dizia: Mãe, deixa eu ficar em casa com os meus irmãos, e ela deixou (...) A gente ficava dormindo o dia todo, ou então eu ficava com umas crianças lá, e eu nunca fui de ter muita amizade! Eu sempre fui uma criança tímida, aí eu não tinha amizade, aí de vez em quando, nos intervalos eu encontrava com meus irmãos, a gente ficava tudo juntinho, para matar a saudade, a gente ficava morrendo de saudade um do outro!”* É como se a creche representasse para Maria a separação de sua família e a tristeza que disto decorreria. Wilson, por sua vez, neste momento não pensava na entrada na creche: *“(...) Mas a gente não decidiu nada ainda, não sei como é que vai ser.”* Talvez ainda não pudesse imaginar como seria o afastamento da filha.

3.2.3 Terceiro mês de vida

Em relação ao parto, Maria contou que se submeteu a uma cesariana de última hora pois os batimentos cardíacos do bebê estavam diminuindo e ela estava com hemorragia e apenas um dedo de dilatação. Referiu que chorou muito quando os médicos aproximaram o bebê de seu peito, revelando ter sentido forte emoção. Descreveu os momentos com a filha desde seu nascimento como sendo

maravilhosos, apesar de ter passado por complicações durante o parto: *“Ai, eu não sei nem o que falar... É muito gratificante! Está maravilhoso, está tudo maravilhoso, a gente tá passando momentos maravilhosos com ela, desde o momento que ela nasceu...”* Vilson igualmente se emocionou com o parto: *“Bah, fiquei sem reação, chorei bastante, fiquei emocionado, muito legal mesmo!”*

De acordo com a mãe, nas duas primeiras semanas de vida Ana Paula queria ficar somente no seu colo, chorando muito se não estivesse. Contou que um dia a filha se afogou com o próprio choro. A partir disto, Maria passou a deixá-la chorando um pouco, para se acostumar sem colo e não ficar muito apegada: *“(...) Eu queria que ela se sentisse mais solta!”* Parece que este episódio demonstrou o medo de Maria de se apegar demasiadamente à filha e sentir-se presa a ela. A participante descreveu seu bebê como calmo e perfeito: *“(...) Então eu achei que ela ia ser calma, mas eu não achei que ela ia ser tão perfeita! Eu acho, assim, ela simplesmente perfeita!”* Maria parecia estar encantada com a filha, ainda que tivesse passado por momentos preocupantes, conforme seu relato. Vilson também demonstrou estar bastante envolvido com o bebê e assumindo o papel de pai: *“Acho que eu tô... Tô me comportando bem, até... Acho que às vezes eu fico meio... Protetor demais, até... Mas eu acho que eu tô me saindo bem por enquanto! (...) Quando eu posso eu fico com ela bastante tempo!”*

Ao relatar a primeira vez que se afastou de Ana Paula, Maria contou que a deixou com a madrinha e foi ao *shopping*, ficando longe por três horas. Neste período, Ana Paula chorou muito: *“(...) Tá, enquanto eu não desmamar ela eu não deixo ela sozinha de novo, não dá (...) Não dá, não dá pra ficar muito tempo longe dela, não dá!”* Quando a participante estava em casa e a deixava no carrinho, Ana Paula também chorava: *“(...) Fica chorando desesperada, tem vezes que ela não está a fim de ficar no carrinho e eu tenho que fazer as coisas, não posso ficar cuidando dela... Meu coração fica esmagado!”* Maria referiu que sentiu pânico as primeiras vezes que presenciou a filha chorando intensamente, imaginando que ela poderia morrer: *“(...) Daí não dá mais vontade de desgrudar dela assim, dá vontade de ficar só assim no braço protegendo ela... Graças a Deus já passou e não teve problema mais...”* A partir destas situações se percebe que mãe e filha estavam apegadas e resistindo a se separar, de modo que os primeiros episódios de distanciamento estavam sendo vivenciados com tristeza e angústia. Além disso, o bebê mamava de hora em hora, o que revelava a intensa proximidade da dupla.

Ao longo deste trimestre, Maria estava recebendo apoio dos familiares e do marido. A irmã passou a primeira semana de vida de Ana Paula em sua casa e a cunhada a auxiliava na limpeza das roupas. Quando Maria estava nervosa e sobrecarregada, o marido pegava a filha no colo. Vilson relatou: “(...) *Sempre que eu posso eu tô presente, no fim-de-semana a gente sempre fica junto (...) Quando eu posso eu fico com ela bastante tempo!*” Neste momento, o casal se mostrava bastante unido e próximo: “(...) *O Vilson vai junto, a gente não se desgruda! (...) Já não desgrudava antes, agora muito menos... Se tiver que sair sozinha só eu e ela, bah, ele fica super triste!*” O fato de Maria não se desgrudar do marido e a dificuldade de se separar do bebê lembram a relação que estabelecia com a própria mãe. Vilson também demonstrava estar ligado à esposa e filha, resistindo a se separar destas e sentir-se excluído, como a participante revelou: “*É, já não desgrudava antes, agora muito menos! Se tiver que sair sozinha só eu e ela, bah, ele fica super triste (...) Ele tem medo que eu vá atravessar a rua com ela... Ele tem medo! Que alguém chegue para me roubar ela, ele tem medo... Tudo ele tem medo, ele tem que estar sempre por perto.*” Maria referiu que o marido também era bastante ligado à sua mãe: “ (...) *O meu marido não deixa de ver um dia a mãe dele, a gente sempre tem que estar lá...*” Os relatos parecem indicar que tanto Maria quanto Vilson apresentavam intensa proximidade de suas mães e dificuldade para se separar, de modo que demonstravam estar revivendo suas ansiedades no novo núcleo familiar que se formava.

Maria referiu que pretendia retornar ao trabalho, mas ainda não sabia quando. Contou que tinha vontade de trabalhar, mas não de deixar a filha. Ao ser questionada sobre a entrada na creche, falou: “(...) *Eu não consigo pensar em botar ela, assim, numa creche. Eu não sei se é garantido deixar ela numa creche...*” Parece que neste momento Maria não conseguia pensar em se separar de Ana Paula, e a creche representava esta separação. O pai, por sua vez, disse que não pretendia colocar a filha “*tão cedo*”, mas sim quando estivesse com três ou quatro anos, quando faria outras atividades e conviveria com outras crianças. Percebe-se que para Vilson também estava sendo difícil se imaginar separado da filha neste momento, e a entrada na creche significava este afastamento.

3.2.4 Oitavo mês de vida

Aos oito meses de Ana Paula, Maria se mostrava cansada, triste, desanimada e com muitas dúvidas quanto à sua competência como mãe: “(...) *Eu não tô sendo uma boa mãe para ela, mas onde eu tô errando com ela, eu fico pensando o que é que eu tô fazendo de tão errado com ela...*” Referiu que o relacionamento com a sogra estava difícil, pois esta queria mandar em tudo, se intrometia e dizia que o casal não sabia cuidar direito da filha. Maria sentia falta da sua mãe neste momento, contando que com ela poderia conversar, ouvir conselhos e se tranquilizar. Ao mesmo tempo, a participante relatou desentendimentos com o marido e o sentimento de que o mesmo não estava mais tão presente. Percebe-se que Maria estava se sentindo sem o apoio que demonstrava ter aos três meses da filha.

Neste momento, Vilson parecia se sentir dividido entre a família e o trabalho, com receio de não estar conseguindo se dedicar à filha como gostaria e tampouco proporcionar o que sua família necessitava. Tinha dúvida se estava sendo bom pai e esposo: “*É, eu acho que...A situação financeira, às vezes eu penso que foi cedo, sabe (a gravidez) (...) Porque ela ficou um tempo sem trabalhar, assim, então a gente, só eu trabalhando ficava meio difícil, pouco grana... Aí ficou apertado, mas não faltava coisas pra ela (...) E às vezes eu acho que ela tem razão, que eu poderia ser mais atento neste sentido (...) Daí eu penso, é talvez ela tenha razão, eu me concentro no serviço mesmo e não fico o tempo todo pensando como é que ela está aqui, sabe, se ela está precisando de mim.*” Vilson revelava ser zeloso com a filha e sensível: “*É eu fico! Se eu não estiver perto eu me assusto (...) Bah, eu me apavorei, ela nunca tinha caído da cama (...) E eu chorei mais do que ela, ela parou de chorar e eu continuei chorando (...)*” Parece que o pai se sentia culpado quando algo acontecia à filha, como se ele não a tivesse cuidado e protegido como deveria. Pode-se entender que Vilson também estava se sentindo inseguro e duvidando de suas competências.

Ao longo do relato, Maria se queixava da sua relação com Ana Paula: “(...) *Tentando pensar no que é que eu vou fazer pra gente parar de brigar, o que é que eu vou fazer para a Ana Paula melhorar. Acho que eu estou errando com ela.*” Percebia que a filha era uma menina inteligente, observadora, mas apresentava crises de nervosismo como ela: “(...) *Eu me conheço bem, as minhas crises de nervosismo e sei que ela faz igualzinho (...) O grande problema da Ana Paula é esse nervosismo dela, queria tratar agora (...) Desde bebê, sempre foi muito braba (...)*” De acordo com Maria, ela e seus irmãos se tratavam e tomavam

medicações para nervosismo e impulsividade, temendo que a filha também apresentasse os mesmos comportamentos. Entende-se que a percepção das suas dificuldades e das dificuldades da sua família despertava sentimentos de culpa em Maria em relação à filha, como se ela fosse responsável pela brabeza de seu bebê. Parece que a culpa estava impedindo-a de sentir-se uma mãe competente e capaz de acertar mais do que errar na interação com a filha.

Maria se mostrava incapaz, só e triste aos oito meses de Ana Paula: “(...) *Eu mesma estou prejudicando ela com meu comportamento. Eu me sinto péssima, me sinto ruim. Aí eu fico chorando a noite toda, porque eu não tenho apoio, não tenho com quem falar (...)*” Contou que certo dia jogou objetos no chão na presença da filha, percebendo que agia impulsivamente nestes momentos e não conseguia se controlar.

A participante revelou estar se sentindo sem apoio, especialmente do marido: “(...) *O Vilson, quando a gente era só nós dois, aí ele, quando ele não tinha esse trabalho que ele tem agora, ele tinha mais tempo pra conversar comigo. A gente conversava um monte, aí eu não tinha estes ataques de nervos. Porque eu tinha alguém para conversar. E agora ele não tá tendo e eu não estou tendo com quem falar o que eu tô sentindo (...)*” Em determinado momento, Maria falou em separação: “(...) *Eu já tenho até vontade de me separar dele, arrumei as roupas dele e disse oh, pode ir embora, aí eu desisto de tentar.*” Além disso, queixou-se da distância do marido: “(...) *Era muito legal, ficava eu e ela esperando, e quando ele chegava era tri bom... E agora não, ele está tão perto, mas está tão longe da gente. Agora ele não tem mais tempo de ficar brincando, atirar ela no chão, ficar brincando com ela ... Isso me incomoda (...)*” Vilson também expressava o quanto a esposa estava solicitando mais sua presença: “*E aí ela pede muito a minha ajuda, então às vezes eu tenho que deixar lá para vir ajudar ela. Aí isso me causa problemas também lá embaixo (...)*” Os sentimentos em relação ao esposo fazem pensar que Maria estava revivendo com ele ansiedades de separação vividas com sua própria mãe.

Vilson demonstrou certa insatisfação com a relação conjugal: “*É, eu sinto falta, porque eu falo pra ela, tudo que eu sinto eu falo pra ela, mas às vezes ela não entende muito bem o que eu quero dizer, às vezes eu não tenho o retorno que eu queria, né.*” Pode-se entender que, como Maria, Vilson estava se sentindo só em alguns momentos e sem a compreensão da esposa.

No oitavo mês de Ana Paula, mãe e filha estavam se deparando com questões ligadas à separação da dupla. Maria revelou que a filha queria mamar de hora em hora à noite e ficar grudada nela. Ainda que Maria demonstrasse estar se sentindo sobrecarregada com a solicitação constante da filha, revelava certa dificuldade de se separar do bebê, oscilando entre dar limites e ceder aos seus desejos: *“Não sei, ela chora e daí eu não gosto de ver ela chorando. Eu não gosto de me separar dela assim (...) Ela acorda e quer ficar... Olhou pra mim e deu, grudou em mim... Senão não dá. Aí eu tenho que deixar ela chorar (...) Por causa que ela quer ficar só comigo, me sufoca, eu tenho outras coisas para fazer e não consigo.”* Em alguns momentos parece que a dupla estava numa disputa e medindo forças: *“(...) Muitas vezes eu olho assim... Tá Ana Paula, tu venceu (...) É... Como se fosse uma luta mesmo.”*

Estava presente uma preocupação em relação ao ganho de peso de Ana Paula, uma vez que ela se recusava a comer em alguns momentos e vinha perdendo peso nas últimas semanas: *“(...) Aí eu boto a comida dentro da boca e ela cospe tudo pra fora. Tem o trabalho de abrir a boca e depois cospe tudo pra fora.”* No entanto, a filha solicitava o peito com frequência, podendo-se supor que a comida estava representando a separação e distanciamento da dupla, devendo ser rejeitada e preterida pelas mamadas. Vilson também se preocupava com a alimentação da filha: *“(...) Bastante preocupado com a alimentação dela (...) Nós chegávamos na enfermeira e ela dizia, bah, baixou de novo. Ela estava baixando cem gramas por semana... Então a gente estava muito preocupado...”*

Ao longo da entrevista, a mãe descreveu inúmeras vezes seu jeito de ser e o temor de que a filha apresentasse as mesmas características. Maria disse ser carente, não gostar de ficar sozinha e necessitar de alguém sempre perto. Talvez mãe e filha estivessem apresentando ansiedades semelhantes e resistindo a se separar.

Conforme Maria já referira, estava se sentindo sufocada e ansiando por ter um espaço independente da filha. A idéia de retornar ao trabalho parecia expressar este desejo: *“Eu estou louca pra começar a trabalhar, eu não agüento mais. Eu acho que vai ser melhor para ela e vai ser melhor para mim (...) Eu acho que se eu trabalhasse, claro que nas primeiras semanas ela ia estranhar muito, ela ia chorar, ela e eu também.”* Este relato parece revelar a ambivalência da mãe, que estava começando a pensar em se separar da filha, mas se sentia muito triste com esta idéia. De acordo com o pai, este ainda não seria o momento de Maria retornar

ao trabalho e se separar da filha: “ (...) *Eu acho que não é o caminho, forçar ela, eu acho que tem que se acostumar aos poucos, né, porque se a Maria sair e for trabalhar e de repente largar ela numa creche o dia todo, eu acho que pode até criar um trauma para ela, eu já acho que ela deve ficar em casa (...)*” Como Maria, Vilson também indicava que não estava preparado para o afastamento, não conseguindo incentivar a esposa a retomar suas atividades.

A entrada na creche, mesmo sem uma data definida, seguia nos planos do casal, ainda que Maria não guardasse somente recordações positivas de quando esteve na escolinha com seus irmãos: “(...) *Íamos nós três pra creche. Eu sei que eu me sentia muito triste e só ficava feliz quando chegava em casa.*” Pode-se pensar que para Maria a creche significava se separar da mãe e sentir-se triste. Vilson, por sua vez, já aos três meses se considerava protetor demais e agora, aos oito, seguia preocupado com os cuidados da filha e, em especial, com o risco de maus-tratos e negligência a que estaria sujeita em um creche. Disse que Ana Paula ainda necessitava de proteção na sua idade e que pretendia colocá-la somente quando já pudesse aprender novos conhecimentos. Neste momento, para o pai, entrar na creche significaria se separar da filha e deixá-la desprotegida e exposta a perigos, indicando que talvez ele não estivesse preparado para a separação. Desta forma, percebe-se que desde os três meses de vida da filha a idéia do casal de colocá-la na creche quando estivesse um pouco maior se mantinha. Além disso, os pais seguiam manifestando suas ansiedades para se separar de seu bebê.

3.2.5 Décimo segundo mês de vida

Ao doze meses de Ana Paula, a mãe demonstrava estar um pouco mais tranqüila, confiante e menos sobrecarregada. A preocupação com o peso diminuiu e Maria foi incentivada pela pediatra a desmamar, já que o bebê não vinha ganhando peso conforme o esperado para a idade. Pode-se pensar que o desmame proporcionou alívio à mãe: “*Daí de noite eu experimentei, vou oferecer a mamadeira em vez de peito, e ofereci a mamadeira e ela mamou e dormiu (...)* Foi bem legal! *Aí ela nunca mais me pediu peito, só mamadeira (...)* Para mim foi bom, porque era cansativo ficar toda hora dando o peito (...)” Entretanto, o desmame foi referido pela mãe como o momento mais difícil e estressante do primeiro ano de vida: “*É, foi o mais difícil, porque ela não quis. Não queria, porque não queria. Tanto que ela não quis mais nem comer (...)* Eu acho que me senti insegura (...) *Mas eu tinha que fazer, senão ela não ia começar a comer a*

comida, só o peito (...) Foi difícil, eu chorei muito.” Parece que a introdução da alimentação estava significando para esta dupla a distância entre elas, como se fosse um terceiro elemento a forçar a separação.

Neste momento em que Ana Paula estava com um ano de vida, seu pai demonstrou estar mais seguro e participativo do que há quatro meses atrás: *“Mais experiente agora. Na verdade eu estou participando mais do que eu imaginava.”* Estava mais tranqüilo também com a alimentação da filha e com seu crescimento: *“ (...) Daí nós já fizemos três exames e ele nos deixou bem mais tranqüilos, né, que ela está muito bem, que está até além do esperado para a idade dela, que a estrutura dela pode ser menor, mas a cabecinha dela está boa.”* Por outro lado, ainda a percebia um pouco agressiva, impulsiva e irritada.

A descrição do temperamento da filha que Maria fez neste momento foi mais positiva do que aos oito meses de vida, quando as queixas ocupavam grande parte do seu relato. Ainda que ela a percebesse como uma criança braba e insegura em alguns momentos, isto não parecia estar interferindo na relação da dupla como anteriormente. Maria descreveu Ana Paula como uma menina carinhosa, esperta, inteligente e ativa. Ao mesmo tempo, considerava-a parecida consigo: *“Hum... Mais para o meu jeito, ela tem muito a ver com o meu jeito assim (...) Eu sou muito nervosa, muito impaciente, e ela também é. Ela, se não tiver tudo do jeito dela, ela briga. E eu sou bem assim, se não tiver do jeito que eu quero, eu brigo.”* Esta percepção da semelhança pareceu denotar a proximidade entre mãe e filha e dificultar a separação da dupla.

Neste momento, Maria demonstrou estar lidando melhor com a filha, não incomodando-se tanto com suas crises: *“Agora tá mais calmo, mais tranqüilo... Só às vezes que dá as crises dela que ela quer ficar mais junto e cola e não quer que eu faça mais nada, ela fica no meu colo ou no colo do pai dela.”*

Disse que quando se afastava da filha, sentia saudades e fazia suas coisas, embora ficasse sempre pensando em Ana Paula. Ficava imaginando se ela estaria chorando ou se divertindo e brincando. Maria pensava que a filha também sentia sua falta: *“Eu imagino que ela sinta falta, que ela... Sei lá, eu acho que ela sente falta mas ela começa a se entreter com os primos dela. Ela está brincando, mas de vez em quando ela deve lembrar assim, cadê a minha mamãe? (...)”* A madrinha permanecia sendo uma pessoa que oferecia apoio aos pais e com quem podiam deixar Ana Paula com tranqüilidade e confiante em seus cuidados.

No oitavo mês de vida, Maria referia estar sentindo o marido distante e pouco disponível para lhe auxiliar. Aos doze meses, no entanto, a relação conjugal parecia estar melhor e a participante demonstrava estar satisfeita com o marido e se sentindo apoiada: “(...) *Sei lá, eu fico orgulhosa, eu acho tão bonito ele estar fazendo as coisas pra ela... Ele está fazendo pra ela e pra mim também... Ele está me ajudando (...)* Eu acho que a gente conversa bastante, ele procura ser carinhoso (...)” Wilson, por sua vez, disse que a esposa não solicitava mais sua ajuda com tanta frequência: “*Eu não ajudo muito ela. Ela também não exige muito que eu ajude ela (...)* Ah... *Ela não reclama muito. Só quando ela pede assim, quando ela está meio nervosa e eu não posso ficar.. aí ela briga... mas senão ela não reclama muito.*” Por outro lado, o participante gostaria de estar mais próximo da esposa, reivindicando seu espaço como marido: “*É, daí a gente pode ficar um pouco junto, mas ela é muito dorminhoca, ela não assiste um filme comigo...*”

Em relação à entrada na creche, o casal se mostrava mais confiante e decidido por esta opção, assim que Maria retornasse ao trabalho. Neste momento, a mãe estava conhecendo as escolinhas juntamente com a filha e convencida dos benefícios da mesma: “*Porque eu acho melhor para a criança, pra ela aprender mais coisas (...)* E ela é inteligente, ela aprende rápido.” Maria pensava que ela iria logo se acostumar e se adaptar com facilidade, percebendo a creche como uma alternativa positiva à sua relação com a filha: “*Mas eu sei que vai ser bom para ela e vai ser bom para mim também.*” O pai confirmou em seu relato a percepção positiva em relação à escolinha, entendendo que a filha iria gostar muito e aprender coisas novas. Pensava que no início ficariam um pouco ansiosos, mas que depois se acostumariam. Além disso, demonstrou seu incentivo à esposa para retornar ao trabalho: “*A Maria quer logo. Eu falei depois de um ano e meio, por aí tudo bem. Mas a Maria pretende arrumar um emprego, para ela também é bom, né. Ela pretende colocar numa creche e ir trabalhar.*” Talvez o participante estivesse revelando que ele próprio já podia pensar em se separar da filha sem se sentir abandonando-a ou deixando de protegê-la, embora ainda revelasse certo temor: “*(...) Porque se ela não estiver vendo o pai e a mãe dela, ela chora muito. Não foram muitas vezes que aconteceu isto, mas é que às vezes acontece.. Aí a gente tem medo de deixar ela com outra pessoa que não saiba o que fazer com ela.*”

Pode-se entender que neste momento de maior tranquilidade no relacionamento do casal e entre mãe e filha, a creche não representava mais uma ameaça ao vínculo mãe-bebê e tampouco abandono da filha e motivo para tristeza. Ao contrário, a entrada na escolinha estava sendo percebida pelos pais como uma alternativa que seria positiva para a família e para o desenvolvimento de Ana Paula. O retorno ao trabalho e a entrada na creche poderiam estar expressando o desejo de Maria de ter seu próprio espaço, permitindo a si e à filha se sentirem pessoas separadas.

Na entrevista realizada quando Ana Paula estava com 30 meses, a mãe relatou que após visitar vários locais a filha ingressou na escolinha com um ano e sete meses de idade. Maria se referiu à creche parecendo satisfeita com o que esta proporcionava e com o comportamento da filha. Contou que lá Ana Paula se alimentava muito bem, brincava com as demais crianças e entrava com tranquilidade. De acordo com Maria, na primeira semana Ana Paula chorava diariamente, e a mãe ia embora com vontade de chorar e sentindo o coração apertado. No entanto, passado este período inicial, a filha se tranqüilizou e não mais chorou. Fica evidente que Maria sentiu a separação de seu bebê, porém, conseguiu conter sua ansiedade e lidar melhor com a filha, conforme já vinha manifestando na entrevista de um ano. Talvez a crescente autonomia de Ana Paula tenha tranqüilizado a mãe e contribuído para esta se sentir menos culpada pelo desejo de se separar.

3.3 Caso Isabel

3.3.1 História Familiar

Paula está com 36 anos, é artesã e tem um irmão de 31 anos. Não conheceu seu pai e conviveu desde os dois anos com o padrasto, já falecido, vindo a saber aos sete anos, por um vizinho, que ele não era seu pai biológico. Refere que ao saber da verdade se sentiu rejeitada. O padrasto era empresário e faleceu após um derrame cerebral há 16 anos. Com este aprendeu a ter integridade e se identificou com seus gostos, ainda que ele fosse uma pessoa triste, deprimida e com muitos problemas de saúde. A mãe de Paula é descrita como uma pessoa nervosa, com dificuldade de demonstrar afeto e com quem mantinha uma relação esquisita, segundo Paula. Era professora, formada em Direito e está com 62 anos. Reside próximo da filha e auxilia eventualmente nos cuidados de Isabel. Os avós maternos de Paula são falecidos e a família é grande, uma vez que sua mãe tem 10

irmãos vivos e seu padrasto tinha cinco. A participante era bastante próxima da avó materna, de quem recebia o carinho que sua mãe não lhe dava e com quem podia ser autêntica. Considera ter sido uma criança superprotegida.

Paula mantém relacionamento com Saulo há três anos e há poucos meses começaram a residir juntos. Fôra casada duas vezes anteriormente e seu relacionamento com o último marido era difícil, descrevendo-o como uma pessoa sem caráter e que a desrespeitava. Este já tinha duas filhas de outro casamento, porém, não havia assumido nenhuma, de acordo com a participante. Paula diz ter feito terapia por longo tempo e tomava fluoxetina desde os 27 anos, até ter conhecimento da gravidez. Refere inúmeras pessoas com depressão na família, incluindo mãe, primos e tios.

O casal se conheceu expondo seus trabalhos em uma feira de artesanato, já que ambos são artesãos. Saulo está com 50 anos e tem dois filhos adolescentes de seu primeiro casamento, os quais residem há 10 anos em outro estado com a ex-esposa. Demonstra manter bom relacionamento com os filhos e sempre se mostrou presente em suas vidas.

Saulo tem quatro irmãs e dois irmãos e seu pai faleceu de câncer há três anos. Este era militar e descrito como um pai rígido e disciplinador. A mãe era professora e considerada igualmente disciplinadora, de modo que Saulo teve uma criação rígida, de acordo com suas palavras. Três de seus irmãos residem em outras cidades e quatro se separaram, sendo que todos se relacionam muito bem com a mãe, que ainda vive. Um dos sobrinhos de Saulo tem uma síndrome que afeta o pulmão e é herdada dos pais portadores da doença. O participante estudou Engenharia Eletrotécnica, mas não concluiu a faculdade e se tornou artesão, trabalhando sempre como autônomo. Mantinha seu atelier na casa da mãe, com quem passava o dia e mantinha uma relação próxima, se preocupando constantemente com sua saúde.

3.3.2 Gestação

A participante não planejou a gravidez e pensou em realizar aborto assim que soube, porém, no dia seguinte resolveu ter o bebê. Ainda que tenha ficado apavorada com a idéia de ter um filho, em seguida decidiu que seria o momento de ser mãe e contou a notícia para amigos e familiares, com alegria. Saulo referiu: “ (...) Logo que a gente ficou sabendo, ela ficou naquela de tirar ou não tirar, mas eu tinha certeza que ela não queria tirar e eu também disse que não e

aí ficou por isso mesmo, né.” Paula disse que passou a entender a relação que estabelecia com sua mãe e se deu conta de que tinha medo de ter um filho: “(...) Mas eu tinha muito medo, aquele pavor, só de imaginar, né, que, porque eu acho que tem aquela coisa assim, tu ser mãe é tu deixar de ser filha, é tu deixar de ser a guriazona (...) Como eu já fiz terapia eu sei muito bem que no fundo eu quis (...)”

A participante também expressou seu medo do parto e de ter depressão pós-parto, mostrando-se, ainda, surpresa por não ter se deprimido neste período inicial. Saulo, por sua vez, temia que o bebê nascesse com alguma doença: *“Ah, essa coisa do nenê nascer anormal, alguma coisa do gênero, algum problema, saúde.”* Pode-se pensar que o medo do participante estava relacionado ao fato de ter um sobrinho portador de uma doença hereditária, temendo a repetição desta em seus descendentes.

Paula teve uma gravidez tranqüila, não se sentiu enjoada e apenas no último trimestre passou a cansar, sentir-se pesada e acordar várias vezes à noite. Ao mesmo tempo, não se incomodava com as mudanças em seu corpo e orgulhava-se da sua barriga.

Desde o início Paula teve o apoio do marido, ainda que este também tenha se assustado com a gravidez inesperada: *“Bom, não foi uma gravidez, assim, planejada, né. O começo foi meio assim, a surpresa, mas depois, com o tempo já em seguida a gente começou a curtir. Então, outro sabor. Pra mim foi isso e pra ela também.”* De acordo com a participante, Saulo lhe apoiou sob vários aspectos, financeiramente e se mostrando paciente com ela. Além disso, disse que o casal ficou mais unido: *“(...) Acho que a gente se aproximou mais (...) Existe uma cumplicidade, não que não existisse, mas tem uma coisa nossa, o bebê, sabe, só nosso (...)* Saulo parecia concordar com a esposa, dizendo que o relacionamento deles melhorou com a gravidez: *“(...) Eu sempre falo com a Paula que depois da gravidez a coisa ficou mais tranqüila.”* Paula contou que a notícia foi bem recebida na sua família e na de Saulo: *“Bom, pra minha foi uma festa, porque é o primeiro neto da minha mãe, né, e pra dele também, apesar que tu vê, com nove irmãos tem bastante crianças (...)”*

Paula demonstrou que recebia auxílio da família, tanto financeira quanto emocionalmente: *“É, a minha mãe ajudou, tipo financeiro, tipo berço, roupa, né. O meu irmão também; ele e a esposa dele inclusive vão ser os padrinhos, com*

roupas, me acalmando, né, a esposa dele me acalmando... É, acho que a família, né, mais próxima.”

De acordo com Paula, o casal tinha expectativa de ter uma menina: “(...) *Ah, eu não sei, talvez um pouquinho mais pra uma menininha. No fundo, no fundo, um pouquinho, eu acho (...) Pra ele também era menina, porque como ele já tem dois filhos homens, ele achou legal.*” A gestante esperava ter uma boa relação com a filha, transmitir-lhe amor e ser sua amiga. Pensava que por estar mais madura e já ter se tratado com psiquiatra teria condições de ter um relacionamento saudável com Isabel, embora tivesse dúvidas: “(...) *Eu me imagino sendo uma mãe amiga, sendo uma mãe legal, mas eu fico pensando assim, será que eu vou passar amor pro meu filho?(...)*” Imaginava que a filha seria forte, querida, mimosa, sensível e inteligente, além de equilibrada emocionalmente: “(...) *Eu imagino a minha filha com uma personalidade forte, uma coisa dela, equilibrada emocionalmente, sabendo o que ela quer produzir, realizando as coisas dela.*” O participante disse que era um pai orgulhoso de seus filhos e que tinha bom relacionamento com estes, esperando ser do mesmo jeito com Isabel. Contou que seu pai sempre fôra carinhoso, tinha diálogo com os filhos e gostava de crianças, ainda que fosse um militar enérgico. Saulo referiu que nunca bateu em seus filhos, os respeitava e tinha autoridade, mas sempre com diálogo.

Ao longo da gestação, Paula disse que pretendia cuidar da filha nos primeiros meses de vida e colocar na creche quando estivesse maior, após o inverno. Pensava que na escolinha a filha teria amiguinhos, seria estimulada e se desenvolveria positivamente. Saulo pensava como Paula: “(...) *A partir de um ano, não sei, quando estiver maiorzinha (...) É, não, antes disso a Paula vai cuidar e eu também.*” Entende-se que neste momento o casal não sentia necessidade de dividir os cuidados da filha com a escola, estando dispostos a se dedicar eles mesmos a ela. Tanto Saulo quanto Paula consideravam a creche um local que iria contribuir para o desenvolvimento de seu bebê, e não como uma alternativa aos seus cuidados. A participante referiu que poderia contar com os cuidados de sua mãe até a entrada na creche, mas mostrou-se ambivalente: “(...) *Porque eu não quero deixar todo tempo com a minha mãe, porque mãe deseduca e eu tenho uma série de coisas que eu discordo.*” Saulo esperava que a esposa e a sogra iriam cuidar da filha, demonstrando certo temor de ficar excluído destes cuidados: “*A cuidar? Eu, né, e a mãe dela principalmente, né, não sei. Pelo*

menos é o que ela fal. Até eu tô achando que vai ter pouco espaço pra mim, que as duas estão assim. A mãe dela tá, pelo jeito, parece que vai tomar conta.” Talvez Saulo estivesse manifestando também um receio de se sentir excluído da relação com a filha e a esposa, apesar de considerar que Isabel pudesse unir ainda mais o casal: “(...) *Eu acho, em primeiro lugar, acho que a Isabel vai nos casar, né (...)*”

Paula revelou ter bom relacionamento com sua mãe, no entanto, não a considerava um modelo a ser seguido. Contou que a mesma estava com 24 anos quando engravidou dela e que se mostrava muito protetora e autoritária, exigindo que a filha pensasse e fosse como ela: “(...) *E eu me senti muito sufocada, né (...)*” Entende-se que a participante se preocupava em não repetir os erros de sua mãe e em proporcionar à filha espaço para ser ela mesma, o que considerava ter faltado em sua educação: “(...) *Que eu não represente assim aquela coisa assim de repressora, sabe, que... Que ela tenha um prazer de estar comigo (...)* *Eu imagino minha filha com uma personalidade forte, uma coisa dela, equilibrada emocionalmente, sabendo o que ela quer produzir, realizando as coisas dela (...)*”

3.3.3 Terceiro mês de vida

Segundo Paula, aos três meses de vida Isabel estava se desenvolvendo muito bem, sob todos os aspectos. Apresentava bom peso, sorria bastante, se virava de bruços e demonstrava ser um bebê feliz. Por 20 dias esteve gripada e exigiu cuidados especiais, sendo que Paula se sentiu muito cansada neste período. No terceiro mês de vida a participante descreveu a maternidade como sendo uma fase desgastante: “(...) *Então eu acho que é assim, que é uma fase desgastante, cansativa, que te exige pra caramba, é uma doação imensa, acho difícil, muito difícil. Por outro lado, na mesma intensidade, é muito gratificante, muito compensador, acho que é uma experiência maravilhosa.*” Paula demonstrou estar satisfeita como mãe, ainda que estivesse se sentindo sobrecarregada e com dificuldade para se organizar: “(...) *Porque eu tenho que estar dando atenção pra Isabel, e o tempo que eu poderia estar descansando, eu tô limpando (...)* *Porque eu acho que eu sou uma pessoa desorganizada, que eu não consigo (...)* *que eu sou bem atrapalhada.*”

Revelou que em alguns momentos cansava de ficar com a filha: “(...) *Porque tem horas que enche o saco, torra, né, tem horas que eu tô nem um pouco a fim de ficar com ela, não tô mesmo.*” A participante estava conseguindo

manifestar seus sentimentos em relação à Isabel e à maternidade com espontaneidade, revelando tanto aspectos positivos quanto negativos. Demonstrou se sentir culpada por não estar sendo uma mãe excelente, como se estivesse se dando conta de que não era a mãe perfeita que havia idealizado: “(...) *Eu não me acho uma excelente mãe, acho que eu tinha que ter mais paciência, porque bah, ela é tão legal, ela é tão assim mimosa, que eu poderia ser mais pacienciosa com ela, né.*” Por outro lado, em alguns momentos Isabel lhe parecia ser o bebê perfeito que imaginava: “(...) *Eu acho ela linda, eu acho ela mais bonita do que eu imaginava (...) Eu me sinto bem, porque ela é diferente pra melhor, na verdade, eu penso que eu nunca poderia ter feito uma criança tão legal, tão astral e tão bonita.*”

Saulo demonstrou estar sempre presente desde o nascimento de Isabel, momento em que esteve junto no hospital. Não conseguiu estar ao lado da esposa devido à enfermeira ter esquecido de avisá-lo: “(...) *Paguei a taxa e não vi o nascimento, quando eu vi ela já tinha nascido (...) Mas eu estava ali pronto pra ver, mas a enfermeira ficou de me chamar e ratiou, né, não me chamou (...) Aí eu estava junto, só não vi o nascimento (...)*” O participante contou que sempre dividia as tarefas, ainda que se sentisse mais cansado com o nascimento da filha do que quando tivera seus filhos. Paula estava de acordo quanto à dedicação do marido: “*Porque ele chega mais tarde, ele cuida dela bastante, tipo... Já chega fazendo quinhentas coisas, fervendo mamadeira, acorda durante a noite, também dá mamadeira, troca a fralda, embala, faz dormir (...)*” Considerava-o bom pai, participativo e afetivo. Ao mesmo tempo Saulo auxiliava nos afazeres domésticos.

Em relação à entrada na creche, a participante disse que não iria colocar a filha neste momento, considerando-a muito pequena para estar com uma pessoa estranha. Falou que pretendia colocá-la aos oito meses, quando já estivesse engatinhando, caminhando e falando. Paula revelou que confiava em sua mãe para cuidar de Isabel até a entrada na escolinha e que podia contar com a mesma, ainda que esta estivesse com problemas de saúde. Além disso, disse que gostaria de ter meio turno livre para fazer suas atividades e retomar sua vida, já que vinha sendo mãe em tempo integral. Parece que a participante manifestou o desejo de começar a se afastar da filha, porém, de modo gradual, deixando-a inicialmente com um familiar próximo. Talvez a idéia de deixá-la na creche representasse para Paula um afastamento maior, para o qual ainda não se sentia preparada. Ao mesmo tempo, para a mãe, a filha ainda não necessitava da creche e da interação com

outras crianças. Deste modo, percebe-se que Paula estava querendo respeitar as necessidades da filha e não somente as suas: *“Então se eu notar que a Isabel não tá adaptada, não vai ficar. Eu vou respeitar o limite dela, o tempo dela (...)”*

Na entrevista de três meses de Isabel, Saulo expressou ter boas expectativas quanto à entrada na creche: *“Eu acho que ela vai gostar. Porque ela não estranha outras pessoas (...) Eu estou tranqüilo, claro eu vou acompanhar pra saber como está na escola, mas (...) Porque eu sei que as crianças gostam, sabe, as crianças gostam, porque tem outras crianças, elas brincam, pra elas faz bem também, não fica aquela coisa só mãe e filho.”* Pode-se entender que Saulo pensava na creche como um local que iria colaborar para o desenvolvimento e autonomia da filha. Isto faz pensar que o pai desejava, além de estímulos para o crescimento, a independência de Isabel de sua mãe, possivelmente para não se sentir excluído da relação com a filha.

3.3.4 Oitavo mês de vida

Aos oito meses de Isabel, Paula a percebia como um bebê com bom desenvolvimento e aquisições esperadas para a idade. Dizia ter temperamento forte, ser expressiva e parecida com ela. Paula a considerava braba e explosiva, diferente do pai, o qual era percebido como mais tranqüilo e estável. Por outro lado, fisicamente, a participante percebia a filha semelhante ao pai.

Aos oito meses, a mãe se mostrava satisfeita com a maternidade: *“Ah, eu estou achando a melhor experiência da minha vida, acho que... É maravilhoso, né, ser mãe é uma coisa...”* Relatava que estava se dedicando totalmente ao seu bebê: *“(...) O amor por um filho é uma coisa louca, é diferente de tudo, e ao mesmo tempo é ela, sempre é ela, a alimentação da Isabel, o meu horário, parece que agora a minha vida está em função da Isabel, sabe, a nossa vida, não só a minha (...)”* Apesar de Paula ter revelado que ainda sentia dificuldade para se organizar e conciliar os afazeres da casa e os cuidados com a filha, manifestou sentir-se mais segura: *“Eu me acho uma boa mãe, é eu me acho, estou mais segura agora, que a última vez que a Daniela me fez esta pergunta eu fiquei meio... Mas agora eu me acho uma boa mãe.”* A participante revelou que se preocupava em ter uma boa relação com a filha e passar-lhe segurança, lembrando que ela mesma havia sido um bebê chorão, que berrava dia e noite.

Neste momento, Paula recebia apoio de sua mãe, a qual cuidava de Isabel quando ela precisava se ausentar. A participante contou que a filha adorava a avó

e que ía à casa desta diariamente, já que era sua vizinha. O marido também se mostrou presente, carinhoso e dedicado, ainda que a participante revelasse ficar chateada com o fato de ele cuidar menos de Isabel: *“(...) Então o que me chateia é isso, o que eu acho que às vezes ele deixa muito na minha, sabe, que ele acaba ficando com os irmãos dele, vai ver futebol, vai não sei o que...”* Parece que Paula estava manifestando o desejo de manter seu espaço e ter atividades de lazer como o marido, percebendo que mantinha uma ligação mais próxima com a filha: *“(...) Ele pegou e não, ela queria comigo, nessa fase eu estou notando que é mais comigo mesmo assim, que tem que ser.”*

Isabel estava apresentando sono agitado e se acordava com frequência à noite, o que poderia estar relacionado à separação da dupla, conforme a participante: *“(...) Talvez tenha a ver, porque eu acho que essa coisa de separação deve ser uma coisa meio complicada também, né, pra eles meio difícil assim, pra assimilar (...)”*

Paula revelou que não pretendia colocar Isabel na creche em seguida, já que temia as doenças e entendia que a filha ainda não a necessitava por não estar caminhando. Ao mesmo tempo, dizia não se sentir tranqüila para deixar Isabel enquanto não encontrasse um local de boa qualidade e com bons profissionais que a estimulassem e respeitassem seus horários de sono. Por outro lado, a mãe tinha intenção de que a filha ingressasse na escolinha por volta de um ano de vida, quando ela retomasse suas atividades. Percebe-se que Paula estava pensando em retomar seu trabalho e seu espaço e que isto estava vinculado ao fato de Isabel ir à creche, o que ainda não resolvera naquele momento. A participante queria colocá-la quando sentisse que seria uma necessidade de Isabel, e não sua. Preocupava-se em respeitar o ritmo de sua filha, tentando evitar o que ocorreu em sua infância, quando sentia que sua mãe queria lhe impôr seus próprios desejos.

3.3.5 Décimo segundo mês de vida

Com um ano, Isabel demonstrava desenvolvimento de acordo com a idade. Mostrava-se ativa, esperta e interagindo com seus pais. Paula contou que a filha dormia em seu berço no quarto dos pais, porém, o casal pretendia mudá-la de quarto em breve. A mãe expressou que estava tendo dificuldade para passar Isabel para seu próprio quarto: *“(...) Na verdade eu não consigo, ainda, ver a Isabel sozinha naquele quarto. Que eu não sei bem porquê, eu acho longe (...) E eu tenho uma dificuldade, o meu sono é super leve, se eu ficar me levantando muito,*

eu custo pra dormir de novo (...) E eu acho que é uma coisa que vai ser boa para mim também. Na real eu não queria. E eu não sei, eu quero fazer primeiro uma transição, assim. Tipo botar o berço dela aqui e botar uma cama de solteiro, sabe? Aí, tipo assim, dormir algumas noites. Dormir, ou com ela só acordada, às vezes.” Parece que Paula não estava conseguindo se ver afastada da filha por toda a noite, expressando com isto que a separação desta era difícil para ela e deveria ser gradual.

Ao longo da entrevista de um ano, o pai se mostrou bastante receptivo à filha, interagindo, cuidando, brincando e chamando-a para tomar mamadeira com ele. Da mesma forma, a filha o procurava e subia em seu colo. Saulo não falava muito, entretanto, sabia responder às questões sobre os hábitos de Isabel, revelando ser presente e participar da sua rotina: *“Ela acorda sempre bem. De manhã ela acorda tri bem, né. Na hora de dormir que ela faz... Mas eu acho que tá normal, até. Ela faz uma choradeirinha, uma manhinha, assim, faz (...) A primeira fruta que ela começou a comer foi mamão, comeu um tempo, foi um tempo assim (...) Se ela é chorona? Não é chorona (...) Ela até gosta de festa, zoeira, gente pra tudo quanto é lado.”*

Aos doze meses de Isabel, a mãe permaneceu percebendo-a como uma criança de temperamento forte: *“(...) Ela tem um temperamento forte. Isso ela tem, com certeza. Ela não é uma criança meiga, sabe? Ela é uma criança com temperamento forte, marcante, assim. Ela berra, ela berra (...) Ela é puramente Isabel, que eu acho que Isabel é um nome forte, pequeno, forte.”* Os pais pareciam satisfeitos com a filha e com a vida que estavam tendo, conforme disse a mãe: *“E acho que pra tudo a Isabel foi legal. Pra minha vida, pra nossa relação, eu acho que só (...) Ela foi a melhor coisa na minha vida, sem dúvida (...) E a gente conversa bastante, sabe? Tipo assim, quando a gente vê que tá fazendo alguma coisa errada (...)”* Saulo, por sua vez, também revelou a sintonia presente no casal: *“Eu acho que as coisas são feitas de comum acordo.”*

O casal se mostrou mais tranqüilo com a parentalidade e menos cansado com a rotina que envolve o bebê. Saulo contou que as noites estavam mais calmas: *“É, agora ela dorme a noite inteira, ela mama às nove e depois só de manhã.”* Ao mesmo tempo, Paula se mostrou mais satisfeita com a filha nesta fase: *“É, mas eu acho assim que agora tá mais legal tudo, sabe? Eu acho que a gente tá mais legal, também. Ah, eu não sei, eu tô achando tão boa esta fase. Eu falo que, sinceramente, até os dez meses, a coisa da Isabel mamar sem parar era*

extremamente cansativa e estressante.” Parece que pai e mãe estavam se relacionando bem e conseguindo, paralelamente, se dedicar à filha, ainda que não pudessem ter um lazer independente de Isabel: “(...) Nós não somos muito de sair, não que a gente não goste, sabe? Ir no teatro, essas coisas. É que tem uma coisa, também, assim, porque a gente tá com certa dificuldade... Tem programas que teria que deixar a Isabel com alguém (...) E a minha mãe não tá podendo ficar com ela. Porque tá com problema muito sério de coluna (...) O próprio médico proibiu ela de pegar criança (...)”

Paula referiu que ao longo do primeiro ano de vida as mamadas da noite foram muito cansativas para ela, pois interrompiam seu sono. Assim, começou a apresentar sintomas físicos de estresse, como tontura, taquicardia e pressão alta, além de sinais de gastrite. Sua mãe a auxiliava neste período, dormindo com a neta em sua casa uma vez por semana. Parece que Paula estava manifestando, através de seu corpo, o quanto estava sobrecarregada e necessitando de mais espaço para si.

A mãe contou que se afastou da filha numa ocasião em que viajou com o marido, só retornando no dia seguinte. Isabel ficou com a avó materna, e Paula demonstrou ter gostado de retomar sua individualidade por algum tempo. Revelou que estava começando a se separar de Isabel aos poucos e pensando em retornar às suas atividades: “(...) *Eu tô retomando, então, eu tô fazendo esse curso (...) Eu tô com planos... Eu já reativei a minha oficina, eu já limpei o meu atelier... Tem todo um movimento, assim, bem diferente que antes, que nada estava acontecendo.*”

No décimo segundo mês de vida de Isabel, fica claro que a mãe estava bastante satisfeita com a maternidade, ao mesmo tempo em que reconhecia se sentir cansada e desejando retomar suas atividades. Deste modo, expressou seu desejo de colocar a filha na creche: “(...) *Na real eu tô muito a fim de que a Isabel vá para a creche, pra poder retomar a minha atividade e pra dar um descanso mesmo (...) Eu quero ter um tempo pra mim. Sabe? Eu quero descansar da Isabel, modo de falar!*” Entretanto, demonstrava receio de se separar da filha, percebendo que estavam bastante ligadas: “*Pois é, porque o meu medo, gurias, é essa coisa da separação, né, da mãe, né, que nem essa coisa. Por exemplo, o Saulo, quando me abraça, ela morre de ciúmes, ela empurra a mão dele! (...) É que na verdade... Eu acho que eu estou bem receosa, com receio dessa coisa da minha separação com a Isabel, sabe?*” Paula temia que a filha se sentisse

abandonada ao entrar na creche, porém, se dava conta de que seu próprio medo poderia ser maior do que o de Isabel: *“Eu acho que a Isabel... Eu acho que é mais ansiedade minha (...) Então ela gosta de criança, eu acho que ela vai curtir um monte, eu acho que a ansiedade mais é minha.”* A mãe já começara, naquele período, a visitar as creches, indicando um movimento em direção à separação da filha.

Na entrevista de trinta meses, a mãe contou que Isabel ingressou na escolinha com um ano e oito meses, quando Paula começou a fazer um estágio e voltou a estudar. A participante se mostrou satisfeita com o retorno às suas atividades: *“ (...) Eu melhorei, eu não agüentava mais aquela rotina e Isabel e Isabel. Mas isso foi tranqüilo, a adaptação da Isabel foi tranqüila.”* Esteve presente e tranqüila durante a adaptação da filha, a qual ficara na escola o turno inteiro já no terceiro dia.

Pode-se entender que, para a mãe, o ingresso na creche estava associado ao retorno às suas atividades e à conquista de seu espaço individual. Para Saulo, parece que também significava, além de novos estímulos, um modo de manter a filha com uma certa autonomia em relação à mãe, garantindo que ambas não estabelecessem uma relação estreita demais que impedisse a sua proximidade. Além disso, a entrada na escola representava para o casal uma necessidade ao desenvolvimento da filha, com novos estímulos e oportunidade para conviver com outras crianças

3.4 Caso Júlia

3.4.1 História Familiar

Caroline está com 24 anos e tem seis irmãos. Seus pais se separaram quando ela estava com 14 anos e, desde então, passou a residir com o avô materno, sendo que sua mãe mora em outra cidade. Segundo contou, o pai bebia e batia nos filhos ao chegar em casa alcoolizado e, no momento das entrevistas, não o via havia dois anos. Segundo manifestou ao longo dos relatos, Caroline evita falar sobre o pai. Além disso, se mostrou mais quieta e objetiva em suas respostas. Até engravidar, trabalhava como doméstica.

Mário tem 27 anos e dois irmãos. Seu pai também era alcoolista e descrito como mau e brabo, porém, trabalhador. Para Mário, sua mãe sempre foi carinhosa, atenciosa, disposta e pronta para ajudar todos: *“ (...) É que mãe tem uma rosa no lugar do coração (...)”* O participante parece se relacionar bem com

os irmãos e especialmente com o mais velho, considerando-o um modelo de pai. O casal se conheceu no bairro onde moravam e namoraram por seis meses, até Caroline se mudar para a casa de Mário. Residem juntos há dois anos.

3.4.2 Gestação

De acordo com o pai, a gravidez não foi planejada, no entanto, Caroline já parara de tomar anticoncepcional, e ele desejava muito ter um filho: *“Não foi bem, bem planejado. Eu queria, eu queria, eu queria, sabe, e ela meio que estava com medo. Foi indo, foi indo, ela parou de tomar remédio, né Carol?”* Caroline desejava ser mãe, porém, mais adiante: *“Ah, foi, no começo eu até que não queria, né, eu queria pro ano 2000, assim, né. Aí até que aconteceu, eu até que aceitei. Meu marido é que estava querendo ficar há tempos.”*

A participante contou que estava se sentindo mais sensível e, ao mesmo tempo, satisfeita por estar mais gorda, uma vez que sempre fôra muito magra. Referiu que estava com medo do parto, de sentir dor, e que queria ter uma menina, o que se confirmou nas ecografias. A família vibrou muito com a notícia: *“Ficaram tudo contente. A minha mãe queria neto, queria porque queria, a minha sogra também, né. Todo mundo queria. É a primeira neta, da minha mãe e da minha sogra. Elas estão bem contentes, as duas.”* Mário revelou que também tinha preferência por menina: *“Preferência, não só minha, mas eu acho que da casa toda, era pra que fosse uma menina, não sei se por causa da mãe que era três filhos homens, né. (...) Veio o que todo mundo queria mesmo, é a netinha, Júlia.”*

Segundo Caroline, Mário lhe auxiliava durante a gravidez nos afazeres domésticos, e imaginava que ele seria um ótimo pai. Este se mostrava carinhoso e ligado ao bebê: *“ (...) Ele também faz massagem, assim, na minha barriga, dá beijo, fala com a filha dele, quando chega ou quando sai pra ir trabalhar.”* Mário confirmou o que Caroline expressava: *“Converso, toco, todos os dias de noite quando a gente deita (...) A gente deita e parece que é fatal, ela conhece, me reconhece, porque a gente deita, assim, nove horas e ela começa a mexer (...)”* Isto faz pensar que pai e filha já estavam interagindo, de modo que o pai já se sentia correspondido e reconhecido pelo bebê. Talvez já estivesse mostrando um modo de ser carinhoso e atento, semelhante à sua própria mãe. Além disso, Mário contou que já era padrinho de três meninas, revelando gostar de crianças e já ter certa experiência com seus cuidados.

Com a gravidez, o participante contou que passou a ter algumas reações diferentes: *“Fiquei um pouco mais louco. Fiquei um pouco mais louco. Toda hora mexendo na barriga, conversando. Dá bem mais vontade de trabalhar, fazer os negócios, fazer as coisas (...) Tinha vezes que eu ficava enjoado também.”* Mário acompanhou a esposa nas ecografias e disse que no momento do parto iria fazer brincadeiras para acalmá-la e deixá-la mais tranqüila.

Mário relatou que Caroline ficou mais braba ao longo da gestação e que em alguns momentos discutiam sem um motivo concreto. Ao mesmo tempo, o casal começou a construir sua própria casa no terreno da mãe de Mário, indicando que estavam unidos e pensando na nova família que se formava.

De acordo com o participante, tanto sua mãe quanto outros membros da família, como primas e irmãos, ajudavam e iriam continuar auxiliando quando o bebê nascesse. A mãe de Mário sempre gostou da nora, no entanto, durante a gravidez se mostrou ainda mais atenciosa e apegada à mesma. Em seu relato, o participante demonstrou ter uma relação bastante próxima com sua mãe e que pode recorrer a ela em momentos difíceis: *“Tiver enjoada? Será que eu vou ter que procurar um médico, é um médico. A primeira coisa que eu vou fazer é correr pra mãe. Mãe, ela tá assim, que é que eu faço?”*

Caroline disse que a sogra, com quem reside, irá ajudar a cuidar da filha até a entrada na creche, pretendendo colocar Júlia quando retornar a trabalhar, com seis meses. Na opinião de Mário, a filha poderia ir à creche com oito meses ou um ano, mas Caroline quem decidiria: *“ (...) Eu, no caso, não vou pedir, não estou pedindo pra ela colocar a gurria na creche e ir trabalhar, isso vai depender mais é dela, no momento que ela achar que é, que dá pra botar a menina na creche ela vai botar. Porque a mãe é aquela que está mais tempo com o nenê, então ela vai saber mais o certo quando é a hora ou não.”* Pode-se entender que neste momento a entrada na creche está associada ao retorno ao trabalho da mãe, no entanto, não havia ainda uma certeza quanto a esta questão. O pai expressou com mais clareza e espontaneidade sua ambivalência e dúvidas quanto àquilo que seria o melhor para a dupla mãe-bebê.

3.4.3 Terceiro mês de vida

De acordo com Caroline, o parto foi doloroso, bem como a sua recuperação em casa, uma vez que sentia dores no local dos pontos. No entanto, passados vinte dias a participante já estava bem. Referiu que se sentia bem como

mãe e que a filha era como imaginava, calminha e esperta. Mário, por sua vez, parecia encantado com a filha: “(...) *É muito esperta, sapeca (...) Era, era como eu imaginava, minha princesa*” A mãe cuidava em tempo integral do bebê e se afastava por pouco tempo da filha, apenas para ir ao banco ou ao médico. Caroline parecia se sentir apoiada pelo marido: “*Ah, tá, tá bom, tá bem. Ele ajuda a cuidar dela, leva ela passear, também, me ajuda a cuidar, quanto eu estou fazendo alguma coisa e ela está choramingando, ele pega ela no colo (...)*”

Júlia mamava no peito, se mostrava calma e ria para todos, conforme o pai: “*Ela é bem dada, é uma criança... Ela é bem dada*” Dormia bem à noite e raramente chorava. Mário se mostrava bastante afetivo com a filha: “*A gente conversava muito com ela quando ela estava na barriga da Carol, também, quando ela estava na barriga da mãe dela, né filha? (...) Muito conversadeira*”

O casal demonstrava estar se relacionando bem e em sintonia, ainda que se sentissem mais ocupados e com maior responsabilidade, segundo o pai: “*Trabalhada, claro que um pouco mais de responsabilidade (...) A gente fica meio diferente um pouco, o troço, né, fica um pouco mais sério, né filha. Fica um pouco mais sério.*” Ao mesmo tempo, Mário mantinha seu lazer jogando bola com os amigos, o que parecia incomodar um pouco Caroline: “*E venho a uma hora da manhã do ginásio, meia-noite, aí tem gente que fica com um pau ali na frente e fica falando pra filha: Viu, filha, tem que dar uma surra no pai.*” Pode-se entender que a mãe estava mais regressiva, com seu bebê pequeno, e sentindo medo de ser deixada de lado pelo marido. Por outro lado, poderia estar invejando a individualidade que o marido conseguia preservar, com um espaço para si independente da filha.

Caroline contava com o auxílio da sogra e da cunhada eventualmente, demonstrando não se incomodar com outras pessoas cuidando da filha. Mário disse se sentir tranquilo e feliz ao saber que outras pessoas poderiam cuidar de Júlia quando preciso. Aos três meses, a mãe pensava em colocar a filha na creche apenas quando parasse de mamar: “*Isso é só quando ela parar de mamar, né. Até quando ela tiver mamando eu não vou tirar o mamá dela, pra trabalhar, assim, fora*” Ao mesmo tempo, revelou que seria triste a entrada na creche: “*Ah, vai ser triste, eu acho, né, não sei (...)* *Pra mim e pra ela*” Diferentemente do que referiu na gestação, quando pensava em colocar Júlia na creche aos seis meses, neste momento não havia definido um período para a entrada. Pode-se compreender que Caroline ainda não conseguia se afastar por longo tempo de seu bebê, e o ingresso

na creche representava a separação da dupla. Mário também imaginava colocar a filha quando parasse de mamar no peito e esperava que ela reagisse bem quando entrasse, já que considerava-a esperta e ativa. Tinha boas expectativas quanto à escolinha, entendendo que esta ajudaria Júlia a não ser uma menina acanhada, porém, ainda não se sentia pronto para se separar da filha.

3.4.4 Oitavo mês de vida

Aos oito meses, os pais descreviam Júlia como uma menina esperta, alegre e agitada. Já conhecia as pessoas familiares, batia palmas, dava tchau e se mostrava bastante ativa. Ainda mamava no peito e vinha resistindo a aceitar novos alimentos, de modo que não vinha engordando conforme o esperado.

Caroline referiu que estava contente com a experiência da maternidade, ainda que estivesse cansada e sobrecarregada com as tarefas domésticas: *“Assim, às vezes eu me canso (...) O dia-a-dia é sempre, tem que estar sempre ocupada com alguma coisa, com a Júlia ou com as roupas dela, com o serviço da casa que nunca termina, tem que ir no mercado, essas coisas, assim, né, no banco.”* Ao mesmo tempo, se via como uma mãe prestativa e paciente. Mário, por seu turno, se considerava um pai responsável e admitia que a vida deles era de muito trabalho e correria.

Conforme a mãe, nunca se afastara da filha durante um dia inteiro, somente por poucas horas. Nestas ocasiões, a sogra, a quem Caroline estimava muito, cuidava de Júlia: *“Ah, eu gosto, adoro minha sogra, ela é muito querida, a vó dela, às vezes eu estou até sentindo falta, agora essa semana a mãe dela está doente, a mãe da minha sogra, aí ela passou uma semana toda lá...”* Segundo a participante, o marido a auxiliava, era carinhoso e atencioso com a filha, mas era ela quem tinha mais paciência com a Júlia: *“Ah, eu, assim, que eu tenho mais paciência com ela, tenho que estar sempre junto com ela, sou mais juntada com ela, me sinto muito cheia de compromisso, né.”* Parece que Caroline estava revelando o quanto estava ligada à filha, em um momento em que sua própria mãe não estava perto, pois residia em outra cidade. A proximidade com a sogra demonstrava substituir, de certa forma, a falta da mãe e de seu apoio.

De acordo com Caroline, a filha dormia na cama com ela, sendo que o pai passara a dormir em um colchão no chão ao lado da cama do casal: *“Ela vai começar a dormir agora, quando esquentar mais um pouquinho, que eu vou deixar ela dormir sozinha ali, né, porque ela se destapa muito, empurra os pés,*

assim na coberta, eu que estou do lado dela que tapo ela, agora na caminha eu não vou estar lá, aí não tem como ela dormir sozinha...” Percebe-se que o bebê estava tomando o espaço do pai na cama, o que faz pensar que a interação entre mãe e filha estava bastante forte neste momento. Outro aspecto que indicava esta proximidade, era o fato de Júlia ainda estar mamando no peito, solicitá-lo seguidamente e resistir aos demais alimentos. A mãe referiu: *“Não, mas ela não é de comer muito, tem que forçar ela a comer.”* O pai acrescentou: *“Agora, se ela enxergar a teta, às vezes a Carol está se trocando e ela enxerga a teta, ela pede, teta.”*

O casal revelou que em alguns momentos se atritavam, pois Caroline se chateava com as saídas de Mário para tomar cerveja e jogar futebol, conforme o pai: *“Ah, depende, quando eu chego do serviço, ela fica brava comigo que eu saio pra outros meios, então não tem uma hora (...) Pois é, ela fica com a cara de emburrada, mas não é todos os dias.”* Ao mesmo tempo, Mário se mostrava compreensivo com as reações de Caroline e a valorizava como mãe: *“Muito dedicada, dedicada, só que, é que aquele negócio, tem muita rotina, tem muita rotina e eu não culpo ela, porque volta e meia ela fica brava, de se estressar assim com a rotina, todos os dias é a mesma coisa, todo dia a mesma coisa, é lavar a roupa, fazer a comida, entendeu, é ficar em casa (...) Ela fica muito presa em casa (...) Eu procuro ficar quieto e não discutir com ela, deixo ela, sabe, tudo pra não discutir com ela.”* Compreende-se que a mãe, mesmo satisfeita com a maternidade e bastante ligada a seu bebê, desejava ter seu espaço e individualidade, como o marido. Também se pode inferir que estava difícil para a participante tolerar as saídas e afastamento de Mário no momento em que se via distante de sua mãe e possivelmente se sentindo sozinha e desamparada. O pai, no entanto, se mostrava mais tranqüilo com a separação de Júlia e tinha sua mãe presente, com quem poderia contar logo que precisasse.

Aos oito meses, a mãe pretendia colocar Júlia na creche somente após um ano de vida: *“É, daqui, acho que depois de um ano, eu acho, quando ela tiver um aninho, não sei, vou botar ela numa creche, né, fico com pena, que ela é muito ativa, assim, eu tenho, se eu, ela é muito, agora que ela não está caminhando eu já tenho a preocupação com ela, imagina deixar ela numa creche, tenho medo de deixar ela assim, tenho medo que ela cáia, se machuque, né.”* A partir dos relatos, pode-se entender que Caroline também temia, além das quedas, se afastar da filha.

A entrada na creche significava separação, ter um espaço independente de Júlia, o que era ao mesmo tempo desejado e temido.

3.4.5 Décimo segundo mês de vida

Com um ano de idade, Júlia apresentava bom desenvolvimento, de acordo com o pai. Estava mais esperta a cada dia, caminhando, começando a falar e se mostrando bastante ativa. Mário referiu que a filha se parecia com ele e com a mãe ao mesmo tempo: “ (...) *Eu acho ela muito parecida com a mãe dela, mas eu acho que ela é mais parecida comigo, ela é muito parecida, a fisionomia dela, assim, sabe, com isso ela é muito parecida com o meu irmão, mas o jeito, assim, elétrico, é parecido comigo, só que é meio nervosinha que nem a mãe dela, brava.*” Entretanto, ao longo do primeiro ano, os pais contaram que Júlia apresentou várias crises de bronquite, exigindo cuidados especiais.

A mãe se mostrava preocupada, ainda, com a alimentação da filha, o que já demonstrara aos oito meses: “*Ah, ela está um pouco magrinha, até os seis meses ela, foi bom o peso dela, depois de seis deu uma parada, não aumentou muito (...) Por causa do peito, só quer mamar, aí ela não, parece que não tem fome, porque está toda hora mamando, né, aí ela perde o apetite, daí.*” Caroline parecia incomodada com o fato de Júlia querer mamar no peito com frequência: “*O tempo todo. E quer mamar toda hora, não me deixa parar um minuto (...) Passear, só passear, e mesmo no passeio ela quer colo, quer mamar, quer colo, quer mamar, quer, às vezes eu vou com ela no shopping, em algum lugar, ela quer ficar puxando a minha roupa, que quer mamar e chora e grita e grita, que quer mamar mesmo.*” Na verdade, percebe-se que a mãe estava reivindicando um espaço para si, como se não pudesse mais ser uma só: “*É, é que onde eu vou eu tenho que estar com ela junto e tudo tem que estar saindo com ela, né.*”

A participante não se afastara da filha por mais de duas ou três horas, porém, estava pensando em retornar ao trabalho. Manifestava desejo de se separar da filha, mas ainda não estava preparada e decidida: “*Ah, agora eu não sei, porque eu já pensei em trabalhar, mas pra botar ela numa creche, é que ela tem esse problema de bronquite, né, e ela fica bem ruinzinha da bronquite e eu tenho medo de começar a trabalhar e botar numa creche e ter que (...) Ficar faltando ao serviço pra cuidar dela, em casa (...)*” Na percepção de Caroline, a separação seria difícil tanto para ela quanto para Júlia: “*Ah, eu acho agora que ela está muito apegada a mim, ela vai chorar lá, que ela não gosta muito de ir com as*

peessoas, chamam ela pra vir no colo e ela se gruda em mim, assim, e não quer ir (...) Ah, eu vou ficar com saudades dela.”

Conforme Caroline, aos doze meses Júlia vinha manifestando um comportamento de bater com a cabeça para chamar sua atenção: “ (...) *Hoje ela fez isso de novo, uns meses atrás, dois meses atrás que eu botava ela na caminha que ela começava a chorar, me chamar, se eu não pegava ela, ela começava a bater com a cabeça (...) Na parede, batia, batia a cabeça até eu pegar ela, hoje ela fez isso no bercinho de novo, deixei ela na caminha um pouquinho, daqui a pouco eu ouvi aqueles barulhos, aí eu não fui atender ela na hora e ela começou com a cabeça na parede. Pra chamar atenção, eu acho.”* Este relato faz pensar que o bebê estava expressando com toda sua força e seu corpo a dificuldade da dupla de se separar.

De acordo com Mário, Júlia seguia dormindo na cama com a mãe, e ele no colchão ao lado: “*Eu é que fui excluído, fui pro chão, me derrubaram da cama.”* Caroline discordou do marido: “*Eu não te corri, tu é que foi porque quis.”* Parece que os pais estavam permitindo que a filha ficasse entre eles, separando-os enquanto casal. Talvez estivesse difícil para ambos assumirem seus papéis de marido e mulher, pois isto significaria a separação de seu bebê.

O pai concordava em colocar Júlia na creche para que a esposa retornasse ao trabalho e disse que esta decidiria o momento. Revelou que a entrada na creche ainda não era possível em função da forte ligação entre mãe e filha: “ (...) *A gente ia botar ela numa creche, mas chegou na hora e a Carol ficou com muita pena, é que ela só quer saber da teta, muito pouca coisa ela come (...) Quando ela não tiver muito dependente do mamar dela.”* Ao mesmo tempo, expressou sua própria resistência à entrada na creche, preferindo que a filha ficasse aos cuidados da sua mãe: “*Pois é, eu botaria aonde? A minha mãe não teria condições de cuidar.”* Pode-se pensar que, para o pai, o fato de Júlia ser cuidada por pessoas não familiares representasse a separação da filha de seu lar e de si próprio.

Quando Júlia estava com 18 meses, a mãe contou que a filha entrara com um ano e três meses na creche, no momento em que Caroline retornara ao trabalho. Segundo esta, no início Júlia chorava: “*No início ela chorava, ela chorava, né, e de manhã eu falava, vamos pra creche, e ela não queria ir, aí eu ia no caminho conversando com ela, né, vamos lá na creche brincar com os nenês, e ela não estava gostando muito.”* No entanto, aos poucos ela foi ficando bem e aceitando, sendo que a avó paterna auxiliou durante o período de adaptação.

Passados dois meses, Júlia ficou doente e a mãe deixou de levá-la, resolvendo que seria melhor ficar aos cuidados da sogra até a chegada do verão. Por outro lado, Caroline demonstrou ter ficado satisfeita com o que a creche proporcionou: “*E na creche ela, foi bom ela ir pra creche, porque ela, ela não mamava leite na mamadeira de jeito nenhum, ela aprendeu na creche. Ela só queria (...) Só queria mamar na teta (...)*” Parece que a entrada na escolinha facilitou o desmame e a separação da dupla, no momento em que a mãe se sentira pronta para retomar suas atividades. Ao mesmo tempo, a volta de Júlia aos cuidados familiares, da avó paterna, poderia estar expressando a ambivalência de todos em se separar de seu bebê.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

Nos casos estudados, é possível destacar aspectos comuns referentes à forma como cada mãe vivenciou a separação-individação de seu bebê até a entrada na escola, ao mesmo tempo em que se pode visualizar algumas particularidades desses casos.

A partir da análise dos quatro casos estudados, foi possível perceber que todas as mães se dedicavam a seus bebês e procuravam atender às suas necessidades, de modo que não pensavam em colocar na escola nos seis primeiros meses de vida. Contavam com a ajuda e participação dos companheiros, familiares, vizinhos e demais pessoas próximas, porém, na maior parte do tempo, cuidavam quase exclusivamente das crianças. Todas demonstraram estar bastante ligadas ao seu bebê e satisfeitas com a maternidade, ainda que em alguns momentos tivessem revelado insatisfações, dúvidas e conflitos. Mostraram-se ambivalentes quanto à separação do bebê, seja através da dificuldade para desmamar ou das dúvidas quanto ao momento de retomar suas atividades. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que todas as mães manifestaram, ao longo do primeiro ano de vida, o desejo de se separar de alguma forma de seus bebês. Em relação à entrada na escola, aos três meses de vida nenhuma mãe pensava nesta possibilidade. No entanto, ao longo do primeiro ano de vida todas começaram a fazer planos neste sentido.

Quanto ao pai, todos analisados neste estudo se mostravam dedicados ao bebê e companheira. Eram participativos, ligados às filhas e dispostos a estabelecer uma relação próxima com estas. Além disso, cada um demonstrou ter papel importante no processo de separação-individação do bebê, ora facilitando a separação mãe-bebê, ora dificultando esta separação.

Enfim, este capítulo visa discutir os aspectos comuns e singulares, dividindo-se em dois eixos, de acordo com o foco do presente trabalho. O Eixo I pretende mostrar o que antecede o processo de separação-individação e o Eixo II procura abordar o processo de separação-individação até a entrada na escola. Para cada um dos eixos, foram discutidos cinco temas que se sobressaíram a partir da leitura das entrevistas. Os temas abordados na discussão são os mesmos delimitados anteriormente nos resultados, e a integração destes temas em cada um

dos eixos é apresentada neste capítulo. Tais temas podem ser considerados como indicadores da vivência materna do processo de separação-individuação. Assim, no Eixo I, o envolvimento materno na amamentação, as reações emocionais intensas a situações de separação, o espaço reduzido de individualidade da mãe e a não aceitação da idéia de colocar o bebê na escola foram considerados como indicadores da dedicação ao bebê nos três primeiros meses de vida. Além disso, o papel do pai nestes primeiros meses é também discutido. Já no Eixo II, são indicadores do processo de separação mãe-bebê o desmame, a maior aceitação das situações de separação, a reivindicação de um maior espaço de individualidade da mãe, bem como a aceitação gradual da idéia de colocar o bebê na escola. O papel do pai no processo de separação-individuação também é discutido neste eixo.

4.1 Eixo I: Os três primeiros meses de vida

Ao longo dos três primeiros meses de vida, conforme Mahler, Pine e Bergman (1975), o bebê funciona como se ele e sua mãe fossem um sistema onipotente. Nesta fase, denominada pelos autores de simbiose normal, há apenas uma consciência difusa do objeto externo e a necessidade que o bebê tem de sua mãe é absoluta, idéia também apoiada por Winnicott (1956/1988, 1963/1990, 1966/1996). A partir disto, nos casos estudados pode-se perceber alguns aspectos que evidenciam a idéia de que a mãe e seu bebê se encontram em um estado de fusão neste período do desenvolvimento. Neste eixo, se buscará mostrar tais aspectos através dos relatos sobre a amamentação, bem como sobre as primeiras separações e o espaço reduzido de individualidade da mãe, os quais indicaram a relação de dependência mãe-bebê. Ao mesmo tempo, se mostrará o papel do pai como apoio à dependência mãe-bebê e, ainda, as referências quanto à entrada na escola, nas quais se verifica que as mães não pensavam nesta possibilidade naquele momento.

4.1.1 Envolvimento materno na amamentação

Nos primeiros meses de vida, conforme Winnicott (1990), o bebê e o cuidado materno pertencem um ao outro, formando uma unidade. A mãe complementa o bebê, de modo que este não pode desenvolver seu potencial rumo ao crescimento e desenvolvimento a menos que esteja ligado ao cuidado materno.

Nos casos estudados, pode-se entender que o envolvimento das mães na amamentação indicava a dedicação ao seu bebê, uma vez que se mostravam bastante disponíveis à demanda do bebê de mamar e estar próximo. Aos três meses de vida, todas as mães amamentavam desde o nascimento e não pensavam em desmamar antes dos seis meses, ainda que se sentissem cansadas em alguns momentos. A mãe de Elisa referiu que a filha mamava durante toda a noite enquanto ainda estavam no hospital e que, aos três meses, se sentia cansada, pois a filha mamava várias vezes à noite. A mãe de Ana Paula, de modo semelhante, contou que a filha mamava de hora em hora e queria ficar somente no seu colo, chorando muito se não estivesse. Isabel, por sua vez, mamava no peito *só para se aconchegar*, de acordo com a mãe, uma vez que já recebia mamadeira e a aceitava bem. Júlia também estava mamando desde o nascimento e isto parecia deixar seus pais orgulhosos.

4.1.2 Reações emocionais intensas a situações de separação

As reações emocionais intensas a situações de separação são outro indicador de como as mães estavam dedicadas e próximas ao bebê. No terceiro mês de vida, em dois casos encontram-se referências sobre as primeiras situações em que as mães haviam se separado de seu bebê.

No primeiro trimestre de vida do bebê, a mãe de Elisa se mostrou bastante ligada à filha e com medo de perdê-la. Consultava paralelamente dois pediatras, com medo de doenças, e ficou desesperada ao se separar da filha. A mãe de Elisa lembrou que certo dia permaneceu longe da filha por três horas e ficou *desesperada*, ainda que a tivesse deixado aos cuidados da cunhada, pessoa de sua confiança. Relatou, ainda, que no dia em que o marido retornou ao trabalho, Elisa caiu do carrinho e bateu com a cabeça, o que deixou a mãe *apavorada*. Na entrevista de três meses do bebê, a mãe de Elisa referiu que sempre estaria junto à filha e nunca se separaria dela. Comparou a ligação que sua mãe estabelecia com os filhos com a que ela estabelecia com Elisa, dizendo que nunca se separaria da filha. A avó materna de Elisa dava os filhos ao nascer, de modo que somente a mãe de Elisa permaneceu com sua mãe até os oito anos, quando passou a residir com outra pessoa. Entende-se que, neste caso, o medo de reviver abandonos e repetir uma história de separações pudesse estar intensificando a ligação mãe-bebê

e as ansiedades relacionadas à separação do bebê, estando evidentes aspectos transgeracionais.

A mãe de Ana Paula contou que a primeira vez em que se afastou da filha deixou-a com a madrinha e foi ao *shopping*, se ausentando por três horas. Ana Paula chorou muito e a mãe disse que não se afastaria mais da filha enquanto ainda mamasse, podendo-se pensar que havia se sentido culpada e, ao mesmo tempo, ansiosa com a separação da filha. A mãe de Ana Paula relatou que nas duas primeiras semanas de vida a filha queria ficar somente no seu colo, chorando muito quando não estava. Além disso, referiu que sentia seu coração *esmagado* ao presenciar Ana Paula chorando muito e que ficava em *pânico* ao imaginar que a filha pudesse morrer de tanto chorar. Fica clara a intensa proximidade da dupla e pode-se pensar que a forte ligação de Maria com sua mãe estivesse se repetindo, de alguma forma, na relação com a filha naquele momento. Maria fôra muito desejada por sua mãe, a qual perdeu vários bebês do sexo feminino até seu nascimento. Dormia na mesma cama com a mãe até casar e demonstrava ter uma relação de dependência com esta. A relação de dependência com Ana Paula a fazia reviver sua ligação com a própria mãe e sua ansiedade de separação, revivendo antigos temores.

Pode-se compreender, a partir de Colarusso (1990), que a separação de seu bebê tenha reativado, nas mães de Elisa e Ana Paula, a sua própria experiência infantil de separação e as ansiedades que a acompanharam, revivendo, através da relação com a filha, seu processo de separação-indivuação. O sentimento destas mães condiz com os achados do estudo de Lopes, Alfaya, Machado e Piccinini (2005), o qual examinou os sentimentos das mães diante das primeiras situações de separação física de seus bebês. Esta pesquisa revelou que 66% das mães mencionavam sentimentos negativos relacionados à separação, como tristeza, medo, ansiedade, pena e outros. Estes sentimentos foram compreendidos a partir do estado de dependência e vulnerabilidade emocional experimentados pela mãe.

Nos casos de Isabel e Júlia não se encontram relatos a respeito das primeiras experiências de separação do bebê. No entanto, a mãe de Júlia referiu que havia se afastado da filha por pouco tempo naquele período, apenas para ir ao médico ou ao banco.

Nota-se que, aos três meses, as mães se mostravam totalmente dedicadas ao bebê e, em dois casos, relataram sentimentos negativos relacionados à separação deste.

4.1.3 Espaço reduzido de individualidade da mãe

Um terceiro indicador de como as mães estavam dedicadas ao bebê revelase no espaço reduzido de individualidade da mãe. No terceiro mês de vida, nenhuma mãe pensava em retomar suas atividades imediatamente, de modo que todas se mostraram integralmente dedicadas ao bebê.

A mãe de Elisa desejava voltar ao trabalho aos seis meses da filha, considerando que com esta idade seu bebê estaria mais independente. A mãe de Ana Paula, aos três meses não sabia quando retornaria ao trabalho, ainda que desejasse fazê-lo algum dia. Dizia ter vontade de trabalhar, mas não de deixar a filha, indicando que ainda não poderia se afastar desta e que ela e seu bebê formavam uma unidade naquele momento (Winnicott, 1990). Tanto a mãe de Isabel quanto de Júlia não referiram um período delimitado para retornar ao trabalho, como se a separação da filha ainda não estivesse definida e viável para elas. A mãe de Júlia relacionava o retorno ao trabalho com o desmame, o que estava distante de seus planos.

Assim, pode-se perceber que o retorno ao trabalho estava relacionado à separação do bebê e à retomada do espaço individual, o que ainda não estava sendo possível às mães naquele momento.

4.1.4 Não aceitação de colocar o bebê na escola

Finalmente, um quarto indicador da dependência mãe-bebê é a não aceitação de colocar o bebê na escola. Percebe-se que, aos três meses de vida do bebê, nenhuma mãe pensava nesta opção, referindo diferentes motivos para não colocar. Nas entrevistas realizadas ainda durante a gestação, pode-se observar que tanto a mãe de Elisa quanto a de Ana Paula não tinham planos de colocar seu bebê em escola. A mãe de Elisa contaria com o marido e uma senhora da sua confiança para cuidar da filha. A mãe de Ana Paula, por seu turno, não desejava colocar, pois lembrava que, quando criança, sentia-se triste na escola e com saudades de seus irmãos. Observa-se que ambas as mães, quando bebês, haviam sido investidas de modo especial por suas próprias mães e pretendiam também se dedicar às filhas intensamente. Aos três meses de vida do bebê, a mãe de Ana Paula não conseguia nem *pensar* em creche, enquanto que as demais planejavam

colocar somente mais adiante, quando a criança já tivesse adquirido a fala, sido desmamada ou estivesse caminhando.

Patrícia, mãe de Isabel, pretendia ficar com a filha nos primeiros meses, e, posteriormente, a colocaria na escola para receber estímulos e se relacionar com outras crianças. A mãe de Júlia planejava escola para seu bebê quando estivesse com seis meses, período em que voltaria a trabalhar.

O fato de estas mães pretenderem colocar sua filha na escola somente mais tarde faz pensar que elas não estavam podendo se imaginar longe de seu bebê, e que, mais adiante, quando as crianças apresentassem um comportamento mais autônomo, já seria possível ver-se afastadas delas. Pode-se pensar que a autonomia das crianças mostraria às mães que a separação é possível e que estariam prontas para explorar o mundo com suas aquisições motoras (Pine, 2003).

4.1.5 O papel do pai

Nos três primeiros meses de vida, cada pai demonstrou estar ligado afetivamente ao seu bebê, participando de seus cuidados e apoiando a mãe. O pai de Elisa não trabalhou até os três meses da filha e dizia fazer tudo pelo bebê, cuidando-o quando a esposa saía para trabalhar. Mostrava-se totalmente dedicado à filha até retornar ao trabalho e foi o único pai que se voltou inteiramente ao bebê até o terceiro mês de vida. Os dados da história familiar de Vilmar são escassos e não permitem um entendimento mais aprofundado dos motivos que o levaram a ficar com o bebê até os três meses, sem trabalhar. No entanto, pode-se inferir que o luto de sua mãe, que morrera quando Elisa estava com dois meses, o tenha deixado sensível às separações e influenciado sua decisão de se dedicar integralmente à família.

O pai de Ana Paula demonstrava dedicação à filha e se achava bastante protetor. Auxiliava a esposa quando esta se sentia nervosa e sobrecarregada. Segundo Maria, o marido não se desgrudava dela e do bebê, temendo que a esposa saísse só com a filha e a roubassem. Vilson, que se mostrava bastante ligado à sua própria mãe, estava, naquele momento, facilitando e incentivando a dependência mãe-bebê, bem como estabelecendo ele próprio uma ligação estreita com a filha. Pode-se inferir que as dúvidas quanto à sua fertilidade e a dificuldade que o casal enfrentou para engravidar estivessem motivando, de alguma forma, o medo de

Vilson de perder a filha e, conseqüentemente, a família que estava se formando após anos de tentativas.

O pai de Isabel, por sua vez, dividia as tarefas da casa e os cuidados do bebê com a esposa, mesmo quando se sentia cansado. A mãe o considerava participativo e afetivo, de modo que parecia se sentir apoiada. No caso Júlia, a mãe, da mesma forma, demonstrava se sentir apoiada pelo marido, uma vez que ele a ajudava nos cuidados e se mostrava afetivo. Além disso, concordava com a esposa em colocar a filha na creche somente após o desmame. Estes dados fazem pensar que o pai de Júlia incentivava a dependência mãe-bebê e a percebia como importante e fundamental ao bebê.

Entende-se que, dos pais estudados, somente o de Elisa demonstrou estabelecer com o bebê uma ligação semelhante àquela que a mãe estabelecia. Vilmar retornou ao trabalho no terceiro mês de vida e parecia estar se dedicando ao bebê integralmente. Percebe-se que, naquele momento, o pai de Elisa incentivava a dependência mãe-bebê, e, ao mesmo tempo, revelava um modo peculiar de dependência à filha, em relação aos demais pais. Os outros três se mostravam afetivos e participativos, no entanto, não se dedicavam exclusivamente ao bebê tal como as esposas, indicando estabelecer uma ligação diferente com o bebê. Ao mesmo tempo, todos os pais apoiavam as esposas e, com isto, desempenhavam um papel de incentivo ao vínculo mãe-bebê.

Quanto à entrada na escola, de modo semelhante às mães, os pais também não pensavam nesta possibilidade durante a gestação. O pai de Elisa lembrou de uma situação em que crianças haviam morrido enquanto dormiam em uma escola, manifestando seu temor e uma expectativa bastante negativa a respeito desta. O pai de Ana Paula, que pretendia dedicar tempo à filha e não repetir os erros de seu próprio pai, durante a gravidez não pensava no assunto da escola. Naquele mesmo momento, tanto o pai de Isabel quanto o de Júlia referiram que pensavam em colocar a filha somente perto de um ano de vida.

No terceiro mês de vida, nenhum dos pais trouxe sentimentos e expectativas negativos, ainda que pretendessem colocar a filha somente mais adiante. Desejavam que seu bebê ficasse em casa com a mãe, acreditando que estariam mais protegidos, mas pensavam que quando maiores seria positivo para seu desenvolvimento. O pai de Isabel referiu que com a entrada na creche não ficaria *só aquela coisa mãe e filho*, indicando benefícios para a relação mãe e filha. O pai de Júlia, por seu turno, pensava que a creche ajudaria a filha a não ser

uma menina acanhada e que seu bebê reagiria bem, uma vez que era uma menina esperta e ativa. No entanto, desejava que ela ingressasse somente após o desmame.

Percebe-se que todos os pais consideravam a proximidade mãe-bebê importante e concordavam que a entrada na escola deveria ocorrer mais tarde, perto de um ano de vida, para que o vínculo do bebê com a mãe se mantivesse estreito. Pensa-se que estavam desempenhando o papel de incentivar a dependência mãe-bebê naquele momento, bem como de apoiar a mãe em sua maternidade. Estes achados corroboram as idéias de Winnicott (1971), para quem o pai é necessário para dar apoio à mãe no estado de preocupação materna primária, em que se encontra vulnerável e com sua sensibilidade aumentada (Winnicott, 1956/1988, 1963/1990, 1966/1996).

4.2 Eixo II: O processo de separação-individuação até a entrada na escola

O processo de separação-individuação tem início aos quatro ou cinco meses de vida do bebê, quando este começa a diferenciar seu próprio corpo daquele da mãe, através de comportamentos de exploração. A partir desta fase, o bebê começa a sair da sua condição inicial de bebê de colo e, ao longo de todo o primeiro ano de vida, faz conquistas, afasta-se da mãe e descobre o mundo (Mahler, Pine & Bergman, 1975; Pine, 2003). Ao mesmo tempo, a mãe parece passar por um processo de separação semelhante ao de seu bebê.

Nos casos analisados, referências quanto ao desmame, a uma maior aceitação das situações de separação, à reivindicação de um maior espaço individual da mãe e a aceitação gradual da idéia de colocar o bebê na escola indicaram como estava a evolução do processo de separação-individuação. Ao mesmo tempo, destacar-se-á o papel que o pai demonstrou ter na separação da dupla mãe-bebê.

4.2.1 Desmame

Aos oito e doze meses de vida, os relatos sobre a intenção de desmamar e o desmame indicavam o desejo das mães de começar a se separar de seu bebê.

Pode-se perceber que três bebês ainda mamavam no peito até os doze meses. No caso Elisa, a mãe referiu que a filha machucava seu seio, o mordida, não vinha ganhando peso e para comer era uma *briga*. Com um ano, entretanto, a mãe

demonstrou que estava tentando substituir o peito, mesmo que sentisse *pena* de desmamar e pretendesse fazê-lo somente aos dois anos. Neste caso, fica evidente uma grande ambivalência quanto ao desmame. Aos oito meses, a mãe de Ana Paula também demonstrou estar preocupada com a alimentação da filha e se sentindo sufocada com sua constante solicitação para mamar. Com um ano, Ana Paula foi desmamada, gerando alívio à mãe. Esta foi incentivada pelo pediatra a desmamar e passou a se sentir menos sobrecarregada e mais confiante.

Júlia também mamava com frequência e queria o peito cada vez que o visse. Aos oito meses, resistia a novos alimentos e não vinha engordando conforme o esperado. Mãe e filha estavam bastante ligadas e haviam se separado por poucos horas ao longo do primeiro ano de vida, sendo que Júlia queria peito e colo o tempo todo, conforme a mãe. Ainda que a mãe não pensasse em desmamar a filha aos doze meses, ao mesmo tempo se mostrava incomodada com a solicitação constante da filha e parecia se sentir presa a ela. O pai de Júlia, por sua vez, não demonstrava incentivar o desmame e parecia reforçar a dependência da dupla.

Isabel mamou no peito até os quatro meses, de modo que com esta idade passou a tomar somente mamadeira. Até os 10 meses, tomava duas mamadeiras durante a madrugada, o que deixava sua mãe bastante cansada, tendo apresentado sintomas físicos de estresse, como tonturas, taquicardia, pressão alta e gastrite. Com um ano de idade, entretanto, Isabel dormia a noite toda e mamava apenas antes de dormir e ao acordar. A mãe se mostrava menos cansada e pensava em retomar suas atividades.

Nota-se que todas as mães esboçaram algum incômodo com a amamentação, o que faz pensar que, se por um lado, desejavam amamentar e estar bastante próximas de seu bebê, por outro, desejavam se afastar e não se sentir inteiramente à disposição da filha. No entanto, somente as mães de Ana Paula e Isabel, aos doze meses, haviam desmamado. Entende-se que, para estas mães, estava sendo possível se deparar com a separação do bebê e dar espaço para sua autonomia, em um período em que este está explorando ativamente o ambiente, envolvido com suas aquisições motoras e menos focado em sua mãe (Mahler, 1977, 1982; Pine, 2003). As mães de Elisa e Júlia, ao contrário, com um ano seguiam bastante ligadas à filha através da amamentação, manifestando grande ambivalência quanto ao desmame. Pode-se pensar que, para estas mães, a amamentação as mantinha ligada às filhas, garantindo a sua proximidade.

4.2.2 Maior aceitação das situações de separação

Em relação às situações de separação, a partir dos três meses de vida encontram-se relatos que expressam os sentimentos e reações das mães frente ao afastamento do bebê. Percebe-se que até o final do primeiro ano de vida três mães demonstraram estar se separando fisicamente dos filhos por um tempo maior, sendo que apenas a mãe de Júlia indicou que pouco se afastava do bebê.

No caso Elisa, a mãe referiu, aos oito meses, que nas vezes em que se afastou da filha sentiu muitas saudades e ficou *desesperada*. O marido, em concordância com a esposa, também revelou grande preocupação quando deixou a filha aos cuidados da tia por duas horas. Por outro lado, aos doze meses, a mãe relatou que não se estressava mais ao se afastar de seu bebê, já que percebia que a filha ficava bem. A mãe de Ana Paula, por seu turno, aos doze meses referiu que se afastava da filha, fazia suas coisas, mas sentia saudades, pensava na filha e ficava imaginando se estaria se divertindo ou chorando.

No caso Isabel, aos doze meses o casal viajou sem a filha e ficou uma noite longe desta, o que agradou à mãe e a deixou satisfeita. Ao mesmo tempo, quando referiu sobre a entrada na escola, a mãe contou que tinha receio de se separar da filha, por considerar que ambas estavam muito ligadas. Além disso, neste caso pode-se observar que as referências da mãe quanto ao sono de Isabel estavam relacionadas à separação da filha. Isabel dormia no quarto dos pais e naquele momento Paula pensava em colocá-la em seu próprio quarto. No entanto, desejava fazê-lo de forma gradual, pois ainda não conseguia ver a filha *sozinha naquele quarto*. Percebe-se que Paula estava ensaiando esta separação, mas desejava que fosse aos poucos, indicando seu desejo e resistência de se separar ao mesmo tempo.

A mãe de Júlia não havia se afastado de seu bebê por mais de duas ou três horas ao longo de todo o primeiro ano de vida. Porém, aos doze meses pensava em retornar ao trabalho. As questões sobre o sono de Júlia também pareciam indicar a proximidade da dupla e a dificuldade de separação. Júlia dormia na cama com sua mãe e o pai passara a dormir no colchão ao lado, sendo que a mãe pensava em colocar a filha em sua própria cama quando esquentasse, mais adiante. Nota-se que a dupla estava bastante ligada e que a separação estava nos planos da mãe, ainda que num momento posterior.

4.2.3 Reivindicação de um maior espaço de individualidade da mãe

Durante a análise dos dados, chama atenção as referências que três mães fizeram em relação à retomada do seu espaço pessoal e da sua individualidade, expressando ciúmes do espaço de individualidade do marido e desejo de voltar ao trabalho e a outras atividades. Os achados coincidem com a afirmação de Winnicott (1990), segundo a qual após os primeiros meses do bebê a mãe começa a retornar à sua própria vida e tornar-se relativamente independente das necessidades da criança.

Entende-se que através do ciúmes da possibilidade que os maridos tinham de realizar outras atividades, as mães de Ana Paula, Isabel e Júlia revelavam o desejo de reconquistar sua própria individualidade. A mãe de Ana Paula se queixava do distanciamento do marido e do seu envolvimento com o trabalho, de modo que ele demonstrava se sentir culpado e dividido entre este e a família. Tanto a mãe de Isabel quanto a de Júlia demonstraram sentir ciúmes das atividades de lazer que os esposos conseguiam manter. Ambos seguiam jogando futebol com os amigos e irmãos e tinham seu espaço individual preservado, aos olhos das esposas. As mães se sentiam sobrecarregadas com inúmeros afazeres e cansadas da rotina, revelando certa ambivalência quanto à dedicação integral ao bebê.

A única participante que não demonstrou incomodar-se com a autonomia do marido foi a mãe de Elisa. Ela dizia que este lhe auxiliava muito, era *maravilhoso* e, inclusive, não trabalhara até os três meses da filha. Desde a gestação o casal esperava se unir ainda mais e dividir os cuidados de seu bebê, sendo que o pai manifestava ciúmes da filha e queria levá-la junto consigo ao seu trabalho, preferindo, ainda, ficar em casa com seu bebê ao invés de trabalhar. Entende-se que, neste caso, o pai e a mãe estabeleciam com seu bebê uma ligação de semelhante dedicação e intensidade.

Aos oito meses de vida, a mãe de Ana Paula manifestou enfaticamente a vontade de retornar ao trabalho, considerando que seria melhor para ela e para a filha. Demonstrou claramente o desejo de retomar sua individualidade, ainda que se sentisse triste com a idéia de se separar da filha. Já a mãe de Isabel relatou, aos doze meses, que havia reiniciado suas atividades, estava fazendo um curso, arrumando seu atelier e que tinha muitos planos. Nota-se que, com um ano do

bebê, a mãe estava resgatando seu espaço pessoal. A mãe de Júlia, por sua vez, aos doze meses pensava em retomar o trabalho, no entanto, temia que a filha adoecesse ao entrar na creche e retornassem as crises de bronquite. A única mãe que não manifestou o desejo de retomar sua individualidade foi a de Elisa, a qual vivenciou inúmeras situações de abandono em sua infância e, possivelmente, se sentiria abandonando a filha se admitisse o desejo de se separar desta. A mãe de Elisa vivenciou uma história pessoal e familiar marcada por abandonos, sendo que sua mãe deu todos os filhos ao nascer, e Ângela foi a única a permanecer com a própria mãe por oito anos. Nota-se que, em Ângela, aspectos transgeracionais poderiam estar motivando a forte ligação com o bebê e o medo de repetir a história de abandonos.

Percebe-se que, com exceção da mãe de Elisa, que não demonstrou desejar sua individualidade, as demais revelaram o desejo de se separar de seu bebê e ter um espaço só seu, de modo que pareciam estar vivenciando um processo de separação de seu bebê. Este achado parece concordar com a idéia de Mahler (1982), segundo a qual, concomitante ao processo de separação-individação do bebê, parece haver um processo de separação semelhante de toda mãe em relação a seu bebê.

4.2.4 Aceitação gradual da idéia de colocar o bebê na escola

Os relatos das mães sobre o que pensavam a respeito da entrada na escola e sobre os motivos e o melhor momento para fazê-lo sinalizaram como estavam vivenciando a separação de seu bebê. Como já visto anteriormente, aos três meses de vida, nenhuma mãe pensava em se separar de seu bebê e colocar na escola. Ao mesmo tempo, todas as quatro mães expressaram algum tipo de medo ou sentimento negativo em relação à escola, desde a gestação até o final do primeiro ano de vida. Os medos estavam relacionados aos cuidados que os bebês receberiam, se sofreriam agressões por parte das atendentes, e às doenças que poderiam contrair. O medo de que a criança caísse e se machucasse também foi relatado por uma das mães. Além do medo, o sentimento de tristeza foi referido por duas mães. Uma delas desejava retornar ao trabalho e pensava que a entrada na escola seria positivo para mãe e filha. No entanto, previa que a separação seria triste tanto para ela quanto para o bebê. Outra mãe também referiu tristeza ao pensar na entrada na escola, além de saudades, já que estava bastante ligada à

filha e o ingresso na escola implicaria no desmame. O sentimento de tristeza associado à entrada na escola já estava presente no relato de uma das mães desde a gestação e, na outra, desde o terceiro mês de vida do bebê.

Os medos e sentimentos relacionados ao ingresso na escola citados pelas participantes corroboram a idéia de Brazelton (1994), que afirma que todos os pais apresentam uma ansiedade normal, a qual pode se expressar através de inúmeras dúvidas quanto aos cuidados que serão oferecidos aos filhos. Pode-se pensar, ainda, que os medos presentes nos relatos de três das quatro mães também estariam expressando esta ansiedade referida pelo autor. Ao mesmo tempo, entende-se que os medos e sentimentos negativos das mães estão relacionados à separação de seu bebê, indicando que parece haver, conforme sugere Mahler (1982), um processo de separação semelhante em toda mãe em relação a seu bebê.

Quando os bebês estavam com oito meses de vida, somente a mãe de Ana Paula revelou que já estava pensando em retornar ao trabalho e colocar a filha na escola, uma vez que estava se sentindo *sufocada* e considerava que seria melhor para mãe e filha a retomada das suas atividades, ainda que reconhecesse que seria triste para ambas. Nota-se que esta mesma mãe, aos três meses, não conseguia pensar em creche, e aos oito a tinha em seus planos. A mãe de Elisa, por sua vez, seguia com a mesma idéia de que o ingresso de seu bebê na escola se desse quando este já estivesse falando. Já a mãe de Isabel, que aos três meses manifestou sua vontade de que a filha ingressasse na escola aos oito meses e quando estivesse caminhando e falando, gostaria que seu bebê entrasse somente com um ano, pois antes disto ela não teria necessidade para seu desenvolvimento e poderia contrair doenças. Esta mãe indicou que ainda não estava pronta para se separar de sua filha e que queria respeitar o tempo do bebê, adiando seus planos por mais um período. Por último, aos oito meses de Júlia, mãe e filha haviam se separado por poucas horas, sendo que a mãe pretendia colocar seu bebê também somente com um ano de vida. Esta mãe disse que sentia pena da filha e temia que esta caísse e se machucasse na escola.

Aos doze meses de vida das crianças, duas mães não pensavam em colocar as filhas em seguida na escola, e as outras duas estavam fazendo planos neste sentido e expressavam o desejo de voltar a ter seu espaço através do retorno ao trabalho. A mãe de Elisa reafirmava a idéia de associar o ingresso na creche com a aquisição da fala, para que a filha pudesse contar o que ocorresse, e pensava que ela poderia entrar somente com dois anos, aproximadamente. O medo de que seu

bebê sofresse maus-tratos e agressividade estava presente nesta mãe desde a gestação, de modo que seus sentimentos pareciam não ter se alterado ao longo do desenvolvimento da filha. Quanto à mãe de Ana Paula, que já vinha manifestando o desejo de retornar ao trabalho, aos doze meses revelou que já vinha conhecendo as escolinhas e que seria muito positivo para sua relação com a filha. Mostrava-se motivada para colocar na creche e retomar seu espaço. A mãe de Isabel também referiu que queria voltar às suas atividades, *descansar* da filha e ter mais tempo para si própria, ainda que ficasse ansiosa com a separação de seu bebê. A mãe de Júlia falou pouco sobre este assunto na entrevista, no entanto, o pai referiu que mãe e filha estavam muito ligadas em função da amamentação, e que ainda não seria o momento para pensar em creche. De acordo com o pai, a mãe tinha pena de se separar da filha e ter que desmamá-la.

Percebe-se que nos casos de Elisa e Júlia, aos doze meses predominavam sentimentos negativos em relação à entrada na escola, relacionados a medos e à separação do bebê. Nos casos de Ana Paula e Isabel, no entanto, com um ano as boas expectativas em relação ao ingresso e à retomada das atividades das mães eram evidentes. Percebe-se, ainda, que praticamente não houve alteração nos sentimentos negativos e expectativas das mães de Elisa e Júlia desde a gestação até o primeiro ano de vida no que diz respeito à escola. Ao mesmo tempo, observa-se que a ligação destas mães com seus bebês se manteve estreita ao longo do primeiro ano de vida, sendo que as mães manifestavam grande ambivalência quanto à separação até o final do primeiro ano.

Por outro lado, na mãe de Ana Paula observa-se uma modificação nos sentimentos e expectativas em relação à escola desde a gestação. A mãe, que na gestação associou sentimentos de tristeza e saudades à escola, e aos três meses não podia nem pensar neste assunto, aos 12 meses parecia decidida e segura quanto à separação da filha e aos benefícios que a escola traria para a sua relação com esta. Neste caso, ainda que a mãe tenha estabelecido uma relação de dependência com sua própria mãe até a idade adulta e com o marido, posteriormente foi capaz de vivenciar de forma mais tranqüila a separação da filha e se mostrar satisfeita com a reconquista da sua individualidade. Aos doze meses, Maria dizia que a filha poderia aprender coisas novas na escola por ser muito inteligente, sugerindo que seu bebê já teria condições de aproveitar o que a escola proporcionaria. Isto indica que à medida que seu bebê se mostrou mais autônomo e que a mãe o percebeu com condições cognitivas e emocionais de se separar, esta

também se sentiu preparada para a separação e mostrou-se capaz de acompanhar o movimento da filha em direção à autonomia. O passo evolutivo na maternidade que a transição de bebê de colo para a de criança que já pode separar-se fisicamente provoca (Mahler, 1982), foi bastante evidente neste caso.

Todos os bebês dos quatro casos analisados ingressaram na escola no segundo ano de vida. Entretanto, somente a mãe de Isabel não relatou nenhum sentimento ou reação negativa de sua parte e tampouco da filha no período da entrada. Paula demonstrou que estava bastante satisfeita com seu retorno ao trabalho e por ter retomado seu espaço individual, o que ocasionou inclusive uma melhora em seu estado de saúde. Segundo ela, a filha se adaptou rapidamente e sem dificuldades. Pode-se pensar que a necessidade da mãe de retomar suas atividades tenha auxiliado a filha a se separar com mais segurança.

As mães dos outros três casos, por outro lado, referiram que seus bebês choraram nos primeiros dias e que elas próprias ficaram tristes inicialmente. Das três mães que manifestaram reações negativas, a de Elisa relatou somente aspectos negativos sobre a entrada na escola, indicando certa ansiedade quanto à separação de seu bebê. Esta mãe dizia sentir *pena* da filha, ficava preocupada se esta vinha sendo bem cuidada na escola e chorava ao deixá-la. Ao mesmo tempo, percebia Elisa cansada e mais agressiva desde que ingressara na escola. As outras mães que referiram aspectos negativos, no entanto, também salientaram os positivos. A mãe de Ana Paula referiu que a filha chorava nos primeiros dias, mas que depois se tranqüilizava. A de Júlia, ainda que tenha retirado a filha da Escola após dois meses por motivo de doença, revelou que a entrada auxiliou no desmame de seu bebê, o que foi considerado positivo.

Percebe-se que a mãe de Elisa, que relatou somente sentimentos e reações negativas da filha ao entrar na escola, desde a gestação manifestava seus temores e desconfiança. Temia agressividade das atendentes e se mostrava excessivamente preocupada com os cuidados que teriam com seu bebê. Nota-se que esta mãe manteve, de certa forma, seus temores ao longo do período analisado até a entrada na escola. Pode-se pensar que a separação de Elisa não estava sendo vivenciada como positiva pela mãe naquele momento.

Dos casos pesquisados, Júlia foi o único bebê que ingressou na escola e saiu dois meses após a entrada, pois ficara doente. Esta mãe vinha demonstrando dificuldades para desmamar a filha até o ingresso na creche e havia se separado desta por poucas horas ao longo do primeiro ano de vida. Pensa-se que a retirada

da escola estaria indicando que a dupla mãe-bebê ainda não estava podendo lidar bem com a separação, devido aos sentimentos e vivência da mãe ou à fragilidade do bebê. Entende-se que Júlia, com suas crises de bronquite durante o primeiro ano de vida e exigindo cuidados, parecia frágil à mãe e a preocupava, o que faz pensar na constituição e particularidades do bebê influenciando os sentimentos e vivências da mãe quanto à separação. Por outro lado, mesmo que Júlia tenha permanecido por pouco tempo na escola, a entrada nesta possibilitou o desmame do bebê e representou a separação da dupla, o que foi percebido como positivo pela mãe, revelando seu desejo de se separar da filha de alguma forma.

Pode-se observar que, no caso Elisa, desde a gestação até o final do primeiro ano de vida predominavam temores, preocupações e desconfiança no relato do casal quanto à entrada na escola. O pai referia morte de bebês, e a mãe se mostrava *horrificada* com os cuidados que presenciara em creches na ocasião em que trabalhava. Conforme entrevista realizada após a entrada na escola, a mãe de Elisa, aos 18 meses, não referia pontos positivos sobre o ingresso, ao contrário, passara a perceber a filha mais agressiva e cansada. À luz da história de vida de Ângela, cuja mãe dava os filhos e sofria de transtorno psiquiátrico, pode-se entender sua dificuldade em delegar os cuidados da filha e se separar desta com tranquilidade. Deixar na escola talvez significasse *dar* seu bebê a outros e repetir a história de abandonos. O estudo de Scher, Herskovitz e Harel (1988) investigou as relações entre as lembranças maternas da própria infância e a ansiedade materna ao separar-se do bebê e encontrou que o relacionamento com a própria mãe é significativo preditor do apego ao bebê. Entende-se que também o pai, que vivenciara havia pouco tempo a perda de sua mãe, se sentia inseguro e sem condições de incentivar a separação da dupla mãe-bebê e tranquilizar a esposa.

No caso de Júlia, pode-se observar que a mãe não pretendia desmamar a filha para ingressar na escola e sentia pena de deixá-la, além de prever que seria triste se separar de seu bebê. Nota-se que o pai também não demonstrava incentivar o desmame e preferia deixar a filha aos cuidados de sua mãe. Ainda que Júlia tenha entrado na escola com um ano e três meses, saiu após dois meses por ter adoecido e ficou sob os cuidados da avó paterna, o que poderia estar indicando a resistência do casal para colocar na escola e a fragilidade e sensibilidade do próprio bebê. Ao mesmo tempo, o adoecimento de Júlia poderia estar denunciando uma regressão, uma vez que as regressões são normais na entrada da escola e podem se manifestar através de variados comportamentos. A

maioria das crianças adapta-se bem no início, entretanto, logo depois começam a dar sinais de regressão, com a presença de medos, dores físicas, problemas de sono e alimentação (Balaban, 1988; Brazelton, 1994).

Tanto nos casos Ana Paula quanto Isabel, as mães se mostraram satisfeitas com a entrada na escola, destacando aspectos positivos para a filha e para si próprias. A mãe de Ana Paula referiu que a filha se alimentava bem, brincava com as demais crianças e entrava com tranquilidade. A de Isabel parecia mais satisfeita com o retorno às suas atividades e a retomada do seu espaço independente da filha, o que teria trazido benefícios inclusive à sua saúde física.

Observa-se que tanto as mães quanto os pais de Ana Paula e Isabel, antes da entrada na escola, aos doze meses, pareciam tranquilos com a separação e decididos. Ainda que o pai de Ana Paula tivesse demonstrado, ao longo do primeiro ano de vida, forte ligação com o bebê e medos em relação à creche, aos doze meses se tranquilizou e apoiou a separação da dupla mãe-bebê, incentivando o retorno da esposa ao trabalho. A mãe de Isabel, aos doze meses, desejava intensamente retornar às suas atividades e retomar sua individualidade, sendo que o pai parecia apoiá-la nesta decisão. Para ele, se separar do bebê parecia um caminho natural a ser seguido.

Desta forma, pode-se entender que nos casos de Ana Paula e Isabel o casal se sentia mais preparado para a separação de seu bebê, enquanto que nos casos de Elisa e Júlia a ambivalência era predominante no casal ainda aos doze meses. A partir disto, pode-se entender que nos casos em que o pai se mostrava incentivando a separação da dupla mãe-bebê, a entrada na escola se deu de forma mais tranquila, revelando a importância do papel do pai no processo de separação-indivuação mãe-bebê.

4.2.5 O Papel do pai

Em relação ao pai ao longo do primeiro ano de vida dos bebês, pode-se observar que cada um se relacionou com sua filha e esposa de modo particular, ainda que aspectos comuns estivessem presentes. Entende-se que todos se entregaram às filhas e se dedicaram às mesmas, ao mesmo tempo em que desempenharam um papel na separação da dupla mãe-bebê, seja facilitando ou não o processo de separação-indivuação.

O pai de Elisa, por exemplo, sempre demonstrou estabelecer forte ligação com seu bebê e esposa, de modo que retomou seu trabalho somente aos três meses da filha, admitia dificuldades para se separar desta e temia soltá-la. Ao mesmo tempo, não pensava em colocar Elisa na escola e se sentiria *culpado* se o fizesse. O pai de Júlia, de modo semelhante, se mostrava participativo, ligado à filha e apoiando a esposa. Paralelamente, demonstrava incentivar e reforçar a dependência mãe-bebê, uma vez que cedia seu lugar à noite para Júlia e não incentivava o retorno da esposa ao trabalho, e tampouco o desmame.

No pai de Ana Paula também se observa forte ligação com seu bebê, sendo que ele se sentia dividido entre o trabalho e a família e, aos oito meses, não incentivava a esposa a retornar às suas atividades e temia colocar o bebê na escola. No entanto, aos doze meses de Ana Paula, fica claro que o pai estava mais tranquilo, seguro e apoiando a esposa a voltar a trabalhar. Nota-se que este pai, com um ano, se mostrou sem os temores do início e mais preparado para tolerar o afastamento do bebê e auxiliar a mãe a se separar deste. O pai de Isabel, desde a gestação, se mostrou ligado à filha e à esposa e envolvido com os cuidados do bebê. Entretanto, mantinha sua atividade de lazer, sempre pensou em colocar na escola e demonstrou não incentivar a relação exclusiva entre mãe e filha. Este pai foi o único que não demonstrou preocupações e, desde a gestação, incentivou a separação mãe-bebê. Ao mesmo tempo, era o único que já tinha filhos de outro relacionamento, o que pode ter influenciado seu modo de vivenciar a separação do bebê e perceber o afastamento deste da esposa como necessário e positivo.

Observa-se que os pais de Ana Paula e Isabel estavam assumindo, com mais clareza do que os demais, o papel de incentivar a separação da dupla mãe-bebê, através de seus sentimentos e atitudes em relação ao bebê e à companheira. Tal achado está de acordo com a noção psicanalítica de que o pai tem a função de ajudar a criança em sua busca do mundo externo e a desprender-se da mãe (Aberastury, 1984). Entende-se que estes pais estavam ligados às filhas, mas, ao mesmo tempo, conseguiam se afastar, incentivar e auxiliar a separação mãe-bebê.

Os pais de Elisa e Júlia, entretanto, se mostravam menos dispostos a promover a separação da dupla mãe-bebê, e os dados da sua história são insuficientes para se entender seu desejo de incentivar a intensa proximidade com a mãe, ainda aos doze meses. Entretanto, pode-se inferir que o pai de Elisa, que perdera recentemente sua mãe, poderia estar revivendo a relação com sua própria mãe através da ligação com a filha, como se o vínculo dele com o bebê e de sua

esposa com a filha realizasse um desejo seu de união com a própria mãe. Ao mesmo tempo, pode-se pensar que o pai de Júlia, que somente elogiava a própria mãe, parecendo idealizá-la, e cujo pai era alcoolista e descrito como *mau*, encontrava gratificação com o vínculo mãe-bebê estabelecido entre a esposa e a filha, como se esta ligação de alguma forma o aproximasse de sua mãe. Os achados destes pais estimulam a pensar sobre o vínculo que cada pai estabelece com seu bebê e suas motivações para promover ou não a separação e autonomia deste, levando a pensar em novos estudos com este foco.

Os pais dos casos estudados também revelaram sentimentos e expectativas em relação à entrada na escola. Dois dos pais analisados revelaram temores e desconfiança dos cuidados que os bebês receberiam na creche, e dois não expressaram aspectos negativos. Cada pai estudado concordava que as crianças ficassem aos cuidados da mãe ao longo do primeiro ano de vida, incentivando a dependência mãe-bebê. Pensavam que a entrada na escola poderia ocorrer mais adiante, percebendo a necessidade que a dupla mãe-bebê ainda tinha de ficar próxima.

Quando os bebês estavam com oito meses, dois pais revelaram temores quanto à entrada na escola. O pai de Elisa temia que não cuidassem bem da filha e que ela estranhasse muito, o que o faria sentir-se culpado. O pai de Ana Paula também temia maus-tratos e causar trauma à filha, pensando que ela necessitava, naquele momento, estar com a mãe e protegida pelos pais. Quanto aos demais pais, nos dados obtidos não havia menção à entrada na escola aos oito meses. Aos doze meses, o pai de Elisa seguia preocupado com o ingresso na escola e temeroso de que ela se machucasse e não a cuidassem bem, podendo-se observar que manteve seus temores e expectativas relativos à escola inalterados ao longo do primeiro ano de vida da filha. O pai de Ana Paula, entretanto, com um ano da filha, se mostrou mais confiante e apoiando a esposa a retornar ao trabalho quando o bebê estivesse com um ano e meio. Já o pai de Júlia concordava em colocar na creche, porém, somente após o desmame, demonstrando que não desejava frustrar a filha e apoiava a dependência mãe-bebê. No caso Isabel, não se tem dados sobre o que o pai pensava a respeito do ingresso na escola aos doze meses, entretanto, segundo a mãe, o casal estava começando a conhecer as escolas para colocar a filha.

O pai de Ana Paula, ainda que tivesse demonstrado temores ao longo do primeiro ano de vida, aos doze parecia bastante otimista com a entrada na escola e

apoiando a esposa a retomar seu trabalho, auxiliando no processo de separação da dupla. De forma semelhante, o pai de Isabel sempre demonstrou boas expectativas em relação à escola e certeza quanto a esta opção, ao mesmo tempo em que se mostrava tranqüilo e facilitando a separação da dupla mãe-bebê.

Os achados sobre o pai preenchem uma lacuna que a teoria de Mahler (1975) deixa em relação ao papel e importância do pai no processo de separação-indivuação. A partir dos dados do presente estudo, pôde-se perceber que o papel do pai foi se modificando ao longo dos meses no primeiro ano de vida, de modo que nos três primeiros meses todos os pais do estudo reforçaram a dependência mãe-bebê e, mais adiante, dois incentivaram e promoveram de forma clara a separação mãe-bebê.

4.3 Considerações finais

Este trabalho se propôs a investigar a vivência materna do processo de separação-indivuação no primeiro ano de vida até a entrada na escola, durante o segundo ano de vida do bebê. Para tanto, foi realizado estudo de caso coletivo, acompanhando quatro mães, seus companheiros e bebês em quatro distintos momentos: gravidez, três, oito e doze meses de vida.

A partir da análise dos dados, foi possível visualizar o quanto estas mães estavam devotadas ao bebê e em estado dependente e vulnerável nos primeiros meses, necessitando de apoio (Winnicott, 1956/1988, 1963/1990, 1966/1996). Ao mesmo tempo, pôde-se perceber que até o final do primeiro ano de vida as mães iam manifestando com mais clareza o desejo de retomar seu espaço e mostrando-se mais independentes, como se a indivuação crescente do bebê provocasse o resgate da individualidade da mãe. Entende-se que o nascimento psicológico do bebê (Mahler et al, 1975), que se inicia no primeiro ano de vida, coincide com o renascimento da mãe enquanto indivíduo independente de seu bebê, capaz de ter seu espaço próprio e individualidade.

Pôde-se visualizar indicadores de que a decisão de colocar o bebê na escola no segundo ano de vida está ligada à separação mãe-bebê e à retomada da individualidade da mãe. Quer dizer, passado o primeiro ano de vida, os bebês se mostram mais autônomos, com inúmeras aquisições. Neste momento, em torno dos doze meses, na ausência de fatores externos maiores que influenciem a opção pela escola mais cedo, as mães acabam pensando nesta possibilidade, já que elas

próprias estão menos vulneráveis e dependentes de seu bebê e mais preparadas para retomar sua individualidade. Desta forma, nota-se que há um processo de separação-indivuação de cada mãe em relação ao seu bebê, conforme já afirmara Mahler (1982), em que cada uma vivencia e sente a separação de forma particular.

Cada pai analisado neste estudo também se mostrava ligado ao bebê e disposto a viver a paternidade ativamente. Aos três meses de vida, todos incentivavam a dependência mãe-bebê e apoiavam as esposas em sua maternidade. Nos meses seguintes, desempenharam um papel no processo de separação-indivuação do bebê, incentivando a separação da mãe, ou, ao contrário, como nos casos de Elisa e Júlia, não auxiliando a separação. Neste estudo, pôde-se observar a importância do pai na separação da dupla mãe-bebê.

Este trabalho também possibilitou destacar os aspectos transgeracionais presentes na relação mãe-bebê, exercendo seu papel no processo de separação-indivuação. Sugere-se, em futuros estudos, investigar mais detalhadamente a história transgeracional das mães e relacioná-la com o processo de separação-indivuação mãe-bebê.

Sugere-se, ainda, através deste trabalho, a realização de estudos que se proponham a compreender o processo de separação-indivuação e a entrada na escola de crianças do sexo masculino, uma vez que a amostra estudada foi composta exclusivamente de meninas. É plausível pensar que o sexo do bebê influencie a relação estabelecida com seus pais. Deste modo, um estudo com meninos poderá fornecer dados distintos e novos questionamentos.

Além disso, os estudos que puderem acompanhar, além do primeiro ano de vida do bebê, os primeiros meses na escola, contribuirão enormemente para a compreensão das implicações do processo de separação-indivuação no modo como mães e pais vivenciam a entrada na escola. Estudos com mães de bebês que entraram na escola no primeiro ano de vida também poderão trazer novos dados a respeito do processo de separação-indivuação e possibilitar uma comparação com os resultados do presente estudo.

Ainda que a pesquisa realizada não forneça dados suficientes para que se possa generalizar os achados, apresenta resultados que podem ser levados em conta em futuros estudos em função da profundidade na análise. Considera-se importante destacar, ainda, a escolha do delineamento longitudinal utilizado neste trabalho, que permitiu acompanhar o processo de separação-indivuação em

distintos momentos ao longo do primeiro ano de vida e investigar a vivência materna deste processo.

Sem dúvida, mães e filhos devem estar preparados para a entrada na escola (Brazelton, 1994), especialmente nos primeiros anos de vida, período em que o bebê está adquirindo condições emocionais de se afastar de seus pais e explorar o mundo (Pine, 2003). E assim como o bebê percorre um caminho até se sentir seguro para aventurar-se no mundo sem a mãe, esta também parece necessitar de tempo para se sentir tranqüila com a separação de seu bebê.

A partir deste estudo, pôde-se entender que inúmeros aspectos influenciam a decisão de colocar o bebê na escola, especialmente no segundo ano de vida. Parece que o desejo da mãe de retomar sua individualidade, impulsionado também pelo próprio desenvolvimento do bebê em direção à autonomia, bem como os aspectos transgeracionais e o apoio do pai na separação mãe-bebê juntos culminam na aceitação da escola como um espaço que representa a separação e individuação do bebê em relação à mãe, e desta em relação ao seu bebê.

Enfim, espera-se que este trabalho possa contribuir para o melhor entendimento dos aspectos psicológicos ligados à decisão de colocar o bebê na escola no segundo ano de vida. Suas conclusões podem favorecer a melhoria do atendimento aos pais e, conseqüentemente, auxiliar na adaptação das crianças e de toda a família neste momento.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. & Salas, E. (1984). *A paternidade. Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Averbuch, A. R. (1999). *Adaptação de bebês à creche: O ingresso no primeiro ou segundo semestre de vida*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Balaban, N. (1988). *O início da vida escolar. Da separação à independência*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Botbol, M. & Lecoutre, C. (2004). Os pais e a escola. In L. S. Ponton (Ed.), *Ser pai, ser mãe, parentalidade: um desafio para o terceiro milênio* (pp.133-139). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1989). *Uma Base Segura: Aplicações Clínicas da Teoria do Apego*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Brazelton, T. B. (1994). *Momentos Decisivos do Desenvolvimento Infantil*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Brazelton, T. B. & Greenspan, S. I. (2002). *As Necessidades Essenciais das Crianças*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Burchinal, M. (1999). Child Care Experiences and Development Outcomes. *Sage Social Science Collections*, 563, 73-97.
- Castoldi, L. (1997). *As configurações familiares e a história de perdas e separações na família: Implicações para a adaptação da criança à pré-escola*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Colarusso, C. A. (1990). The effect of biological parenthood on separation-individuation processes in adulthood. *Psychoanalytic Study of the Child*, 45, 179-194.
- Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados (2004). *Educação infantil no Brasil: legislação, matrículas, financiamento e desafios*. Retrieved in

- September, 25, 2006 from Câmara dos Deputados Web site: <http://www2.câmara.gov.br>
- Cryer, D.; Moose, L. W.; Burchinal, M.; Yazejian, N.; Hurwitz, S. & Wolery, M. (2005). Effects of transitions to new child care classes on infant/toddler distress and behavior. *Early Childhood Research Quarterly*, 20, 37-56.
- Golse, B. (1998). *O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Hock, E.; Mc Bride, S. & Gnezda, M. T. (1989). Maternal Separation Anxiety: Mother-Infant Separation from the Maternal Perspective. *Child Development*, 60, 793-802.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Lawrence, A. J.; Belsky, J.; Slade, A. & Crnic, K. (1999). Stability and change in mother's representations of their relationship with their toddlers. *Developmental Psychology*, 35(4), 1038-1047.
- Lopes, R. C. S.; Alfaya, C.; Machado, C. V. & Piccinini, C. A. (2005). "No início eu saía com o coração partido...": As primeiras situações de separação mãe-bebê. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15 (3), 26-35.
- Lopes, R. C. S.; Oliveira, D. S. de; Vivian, A.G.; Bohmgahren, L. M. C.; Piccinini C. A. & Tudge, J. (2007). Sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança aos 12 meses: convivendo com as novas aquisições infantis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(1), 005-016.
- Mahler, M.; Pine, F. & Bergman, A. (1975). *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Manfro, G. G.; Maltz, S. & Isolan L. (2001). A criança de 0 a 3 anos. In C. L. Eizirik; F. Kapczinski & A. M. S. Bassols (Eds.), *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica* (pp. 73-89). Porto Alegre: Artmed.
- Mc Bride, S. & Belsky, J. (1988). Characteristics, determinants, and consequences of maternal separation anxiety. *Developmental Psychology*, 24(3), 407-414.
- Newcombe, N. (1999). *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen*. Porto Alegre, Brasil: ArtMed.

- Piccinini, C. A.; Rapoport, A. (2004). A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. *Estudos de Psicologia*, 9, 497-503.
- Pine, F. (2003). Mahler's concepts of "symbiosis" and separation-individuation: revisited, reevaluated, refined. *Journal of American Psychoanalytic Association*, 52 (2), 511-533.
- Quinodoz, J. M. (1993). *A solidão domesticada: a angústia de separação em psicanálise*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Rosseti-Ferreira, M. C.; Amorim K. S. & Vitória T. (1994). A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 2, 35-40.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim K. S., Silva A. P. S & Carvalho A. M. A. (2004). *Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Scher, A.; Hershkovitz, R. & Harel, J. (1998). Maternal separation anxiety in infancy: Precursors and outcomes. *Child Psychiatry and Human Development*, 29(2), 103-111.
- Spitz, A. (1993). *O primeiro ano de vida*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Stake, R. (1994). Case studies. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds), *Handbook of Qualitative Research*. Londres: Sage.
- Winnicott D.W. (1988). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Brasil: Francisco Alves.
- Winnicott D.W. (1990). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Winnicott D.W. (1996). *Os bebês e suas mães*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.

ANEXOS**ANEXO A****Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Mestrado e Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento****Consentimento Informado**

Pelo presente Consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que busca investigar a interação pais-bebês.

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa; terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao atendimento dispensado nesta instituição.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo para fins exclusivamente desta pesquisa, a utilização das imagens realizadas com meu bebê.

O pesquisador responsável por este Projeto de Pesquisa é o Dr. Cesar Augusto Piccinini, que poderá ser contatado pelo Tel: 330 67 68

Data: / /

Nome e assinatura da participante:

ANEXO B

Contato Inicial

Bom dia! Meu nome é Eu **sou** psicóloga da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e estamos entrevistando gestantes para acompanhar o desenvolvimento do bebê. Eu gostaria de conversar um pouco contigo.

- Qual é o teu nome?

- Esta é a tua primeira gravidez? (Se não for) Tujá tens outros filhos?

Com quantos meses tu estás?

- Como está a tua saúde durante a gravidez?

- O pai do bebê vive contigo? Há quanto tempo?
Ele tem outros filhos?
Qual o bairro que tu moras?

Endereço:

Telefone:

ANEXO C

**Entrevista de dados demográficos do casal
(GIDEP - UFRGS -1998)**

Eu gostaria de ter mais algumas informações sobre você e o seu marido:

Esposa:

Nome: _____

_____ Data de Nascimento: _____ Idade: _____

Escolaridade (ano concluído): _____

Religião: _____ Praticante: () sim () às vezes () não

Estado civil: () casada () separada () solteira () viúva () com companheiro

Moras com o pai do bebê? () sim () não. Desde quando:

_____ Quem mais mora na casa? _____

Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregada. Desde quando?

O que tu fazes(ias)? _____ Horas/semana: _____

_____ Grupo étnico: _____

É a tua primeira gravidez? _____ (Se não for) Tens outros filhos?

_____ Com quantos meses tu estás?

_____ Como está a tua saúde durante a gravidez?

Marido:

Nome: _____

_____ Data de Nascimento: _____ Idade: _____

Escolaridade (ano concluído): _____

Religião: _____ Praticante: () sim () às vezes () não

Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregado. Desde quando? _____

O que tu fazes(ias)? _____ Horas/semana: _____

_____ Grupo étnico: _____

Tens outros _____

filhos? _____

Endereço para contato:

Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: _____

Telefone do emprego/contato Esposa: _____

Marido: _____

Telefone de parente/amigo para contato:

ANEXO D

**Entrevista Sobre a GestaçãO e as Expectativas da Gestante
(GIDEP - UFRGS - 1998)**

(Terceiro trimestre)

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre a tua gravidez, desde o momento em que tu ficaste sabendo, até agora.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Esta é a tua primeira gravidez?
- Como te sentiste ao receber a notícia da gravidez? Foi uma gravidez planejada?
- Como te sentiste no início e neste final de gravidez? Em termos físicos e emocionais.
- Quais as tuas preocupações em relação à gravidez e ao bebê?
- Como te sentes em relação ao parto?
- Como está a tua saúde, desde o início da gravidez até agora?
- Tu tens ido ao médico para acompanhar a gravidez? Quantas vezes tu já foi?
- Já fizeste alguma ecografia? Como te sentiste ao ver o bebê?
- Como estás te sentindo em relação às mudanças do teu corpo?

2. Tu poderias me contar como tem sido para o teu marido, desde que soube da gravidez até agora.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como ele reagiu à notícia da gravidez?
- Tu achas que a gravidez mudou alguma coisa nele?
- E no relacionamento de vocês?
- Quais as preocupações dele em relação à gravidez e ao bebê?
- Que tipo de apoio você tem esperado dele durante este período?
- Que tipo de apoio ele tem te oferecido?

3. Tu poderias me contar um pouco sobre a reação da tua família e a família do teu marido em relação à tua gravidez.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como a tua família reagiu em relação à tua gravidez? (ex. tua mãe e teu pai)
- Como reagiu a família do teu marido? (ex. tua sogra e teu sogro)
- E os teus amigos? Como eles reagiram à tua gravidez?
- Algum familiar (ou amigo ou profissional) tem te ajudado durante a gravidez?
- Quem tu esperas que vá te ajudar?
- Tu estás pensando em colocar o bebê na creche ou deixar com alguém para cuidar? Quando tu pensas fazer isto?

4. Agora eu gostaria que tu me falasse sobre o teu bebê.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- O que tu já sabes sobre o bebê?
- Tu já sabes o sexo do bebê?
- Como te sentiste quando soubeste que era menina/menino? E como o teu marido se sentiu?
- Se não sabes o sexo, o que tu gostarias que fosse, menina ou menino? Por quê? E o teu marido?
- Vocês já pensaram num nome para o bebê? Quem escolheu? Algum motivo para a escolha do nome?
- Tu sentes o bebê se mexer? Desde quando? Como é que foi?
- Vocês costumam tocar a barriga ou falar com o bebê?

5. Como tu imaginas que vai ser o bebê quando nascer?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que características físicas imaginas que o bebê vai ter?
- Como tu imaginas que vai ser o temperamento, o jeito dele? Por quê?
- Com quem tu achas que o bebê vai ser parecido? Por quê?

6. Como tu imaginas o teu relacionamento com o bebê quando ele nascer?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu te imaginas como mãe?
- Quando tu te imaginas como mãe, tu pensas em alguém como modelo?
- Quem seria? Como ela é/era com mãe?
- E tem alguém que tu não gostaria de ter como modelo de mãe?
- E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo?
- Como tu descreverias uma boa mãe?
- Como tu te imaginas atendendo o teu bebê? (alimentando, consolando, brincando, fazendo dormir)
- O que mais tu te imaginas fazendo com o bebê?
- Como tu te imaginas lidando com o bebê quando ele chorar?
- Como tu te imaginas lidando com o bebê quando ele não quiser comer/mamar?
- Como tu te imaginas lidando com o bebê quando ele não quiser dormir?

7. Como tu imaginas o relacionamento do teu marido com o bebê?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu achas que ele vai ser como pai?
- Como tu achas que vai ser o jeito de ele lidar com o bebê?
- Tu achas que tu vais pedir ajuda ao teu marido nos cuidados com o bebê?
- Em que tu achas que ele vai te ajudar?
- Quando tu imaginas o teu marido como pai, tu pensas em alguém como modelo?
- Quem seria? Como ele é/era como pai?
- E tem alguém que tu não gostaria que ele tivesse como modelo de pai?
- E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo?
- Como tu descreverias um bom pai?

8. O quanto tu achas que o bebê irá mudar a tua vida e a do teu marido?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Em que aspectos pensas que ocorrerão mudanças?
- Como tu achas que vais te sentir com estas mudanças?
- E quanto ao relacionamento de vocês dois? O quanto será afetado pelo nascimento do bebê? Em que aspectos?
- Como tu achas que vais te sentir com estas mudanças?

9. Como tu achas que teu filho/a vai ser quando crescer?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu imaginas que vais criar o teu filho(a)?
- O que tu esperas para teu/tua filho(a) quando ele(a) crescer?
- O que mais tu esperas para ele?
- O que tu não gostarias para ele(a)?

10. Tu gostarias de fazer mais algum comentário sobre estes pontos que a gente conversou?

ANEXO E

**Entrevista Sobre a Gestação e as Expectativas do Futuro Pai
(GIDEP - UFRGS - 1998)**

(Terceiro trimestre)

Nome: Idade:

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre a gravidez da tua mulher, desde que tu ficaste sabendo, até agora.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- É o teu primeiro filho?
- Como tu te sentiste ao receber a notícia da gravidez? Foi uma gravidez planejada?
- Como te sentiste, no início e agora, no final da gravidez?
- Quais as tuas preocupações em relação à gravidez e ao bebê?
- Como te sentes em relação ao nascimento do bebê?
- Como está a saúde da tua mulher, desde o início da gravidez até agora?
- Tu tens ido ao médico junto com a tua mulher para acompanhar a gravidez? Quantas vezes tu já foi?
- Ela já fez alguma ecografia? Tu estavas junto? Como te sentiste ao ver o bebê?
- Como estás te sentindo em relação às mudanças do corpo da tua mulher?

2. Tu poderias me contar como tem sido para a tua mulher, desde que ela soube da gravidez até agora.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como ela reagiu à notícia da gravidez?
- Tu achas que a gravidez mudou alguma coisa nela?
- E no relacionamento de vocês?
- Quais as preocupações dela em relação à gravidez e ao bebê?
- Que tipo de apoio tu tens oferecido a ela durante a gravidez?
- Que tipo de apoio ela tem te solicitado durante a gravidez?

3. Tu poderias me contar um pouco sobre a reação da tua família e a família da tua mulher em relação à gravidez da tua mulher.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como a tua família reagiu em relação à gravidez da tua mulher? (ex. tua mãe e teu pai)
- Como reagiu a família da tua mulher? (ex. tua sogra e teu sogro)
- Como reagiram os teus amigos a notícia da gravidez?
- Tem alguma pessoa ajudando vocês durante a gravidez?
- Quem tu esperas que vá ajudar vocês quando o bebê nascer?
- Tu pensas em colocar o bebê na creche ou deixar com alguém para cuidar? Porque esta escolha? Quando pensa em fazer isto?

4. Agora eu gostaria que tu me falasse sobre o teu bebê.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- O que tu já sabes sobre o bebê?
- Tu já sabes o sexo do bebê? Como te sentiste quando soubeste? E como a tua mulher se sentiu?
- (Se não sabe o sexo) O que tu gostarias que fosse, menina ou menino? Por quê? E a tua esposa?

- Vocês já pensaram num nome para o bebê? Quem escolheu? Algum motivo para a escolha?
- Tu já sentiste o bebê se mexendo ou reagindo a tua voz? Com é que foi?

5. Como tu imaginas que vai ser o bebê quando nascer?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que características físicas imaginas que o bebê vai ter?
- Como tu imaginas que vai ser o jeito dele? Por quê?
- Com quem tu achas que o bebê vai ser parecido? Por quê?

6. Como tu imaginas o teu relacionamento com o bebê quando ele nascer?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu te imaginas como pai?
- Quando tu te imaginas como pai, tu pensas em alguém como modelo? Quem seria? Como ele era como pai?
- Tem alguém que tu não gostarias de ter como modelo de pai?
- E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo?
- Como tu descreverias um bom pai?
- O que tu te imaginas fazendo com o bebê?
- Como tu te imaginas atendendo o teu bebê? (alimentando, consolando, brincando, fazendo dormir).
- E quando ele não quiser dormir ou comer ou quando chorar?

7. Como tu imaginas o relacionamento da tua mulher com o bebê?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu achas que ela vai ser como mãe?
- Quando tu imaginas ela como mãe, tu pensar em alguém como modelo? Quem seria? Como ela era como mãe?
- Tem alguém que tu gostarias que ela tivesse como modelo de mãe?
- E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo?
- Como tu descreveria uma boa mãe?
- Como tu imaginas que ela vai atender o bebê?
- Tu achas que ela vai pedir a tua ajuda nos cuidados com o bebê?
- Em que tu achas que tu vais ajudar à tua mulher?

8. O quanto tu acha que o bebê ira mudar a tua vida e a da tua esposa?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Em que aspectos pensas que ocorrerão mudanças?
- E quanto ao relacionamento de vocês dois? Tu achas que vai ser afetado pelo nascimento do bebê?
- Como tu achas que vais te sentir com estas mudanças?

9. Como tu achas que o teu filho(a) vai ser quando crescer?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu imaginas que vais criar o teu filho(a)?
- O que tu esperas para teu/tua filho(a) quando ele(a) crescer?
- O que tu não gostarias para ele(a)

10. Tu gostarias de fazer mais algum comentário sobre estes pontos que a gente conversou?

ANEXO F

Genograma Familiar do Casal

(Adaptado de Carter & McGoldick, por Castoldi & Sobreira Lopes, 1998)

Nome da Gestante:
 Nome do Marido:
 Data da entrevista:

“Eu gostaria que vocês me ajudassem a fazer o desenho das famílias de origem de vocês: dos seus pais, irmãos, tios, avós... Gostaria que me contassem quem são as pessoas que fazem parte da sua família, quais as idades e suas ocupações... Eu gostaria de assinalar as pessoas que já morreram, que estão doentes ou que apresentam alguma situação especial... Podem começar por onde quiserem... Cada um fala da sua própria família ... Quem que começar?”

(Caso não tenha mencionado) Vocês poderiam me falar um pouco sobre...

1. Como é o relacionamento entre as pessoas da família de vocês?
2. Existe alguma ligação especial entre os familiares?
3. Existe alguma briga especial entre alguns familiares
4. Eu agora vou listar para vocês uma série de dificuldades (eventos estressores) e gostaria que vocês me falassem quando algum deles aconteceu com vocês:

- Hospitalização
- Doença grave na família
- Doença mental
- Uso constante de medicação
- Uso constante de álcool ou outras drogas
- Acidente
- Nascimento de filho doente
- Adoção
- Aborto
- Afastamento temporário de filho
- Entrada ou saída de pessoas na família
- Mudança de cidade
- Mudança de endereço
- Aposentadoria
- Encarceramento
- Separação do casal
- Conflitos graves na família
- Perda ou mudança de emprego
- Perda de pessoas da família
- Perda de amigos

5. Vocês gostariam de acrescentar mais alguma coisa

ANEXO G

Narrativa conjunta do casal

(Adaptada de Veroff, Sutherland, Chadiha & Ortega, 1993, por Castoldi & Sobreira Lopes, 1998)

Nome da gestante:

.....

Nome do marido:

.....

Data da entrevista:

Entrevistador:.....

“Eu gostaria que vocês me contassem a história do seu relacionamento, desde que vocês se conheceram até como pensam a vida no futuro. Eu não tenho perguntas para fazer. Apenas gostaria que vocês me falassem da sua vida juntos, como se fosse uma história, com um início, um meio e um fim. Vocês não precisam concordar sobre a história, eu vou escutar o que os dois falam. Falem da forma que for mais fácil pra vocês.”

(Caso não fique explícito, retomar os seguintes tópicos)

Vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como vocês se encontraram;
- Como vocês se interessaram um pelo outro;
- Até quando vocês viveram com os pais de vocês;
- Como foi a saída da casa dos pais;
- Como foi a decisão de morarem juntos;
- Como foi o início da vida a dois, logo após a união;
- Como está sendo a vida a dois agora;
- Como vocês pensam que será o casamento, no futuro;
- O que vocês esperam para o relacionamento do casal no futuro.

Vocês gostariam de acrescentar mais alguma coisa?

ANEXO H**Entrevista com o casal
(GIDEP - UFRGS - 4/1999)****(Primeiro trimestre do bebê)**

1. Eu gostaria que vocês me contassem como tem sido a vida de vocês desde que o bebê nasceu...

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Era como vocês imaginavam?
- O que mudou nos planos de vocês?
- Em que coisas vocês discordam quanto aos cuidados com o bebê?

2. Vocês poderiam me descrever um dia de semana, desde a hora em que vocês acordam até que o último de vocês vai dormir...

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido o relacionamento de vocês três durante a semana?
- Como tem sido o relacionamento do casal?

3. Vocês poderiam me contar, agora, como tem sido o final de semana da família?

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido o relacionamento de vocês três durante o final de semana?
- O que muda na rotina da família no final de semana?
- Vocês assumem tarefas diferentes nos cuidados do bebê?
- Quais as atividades de lazer da família? Vocês costumam sair ou ficar em casa?

ANEXO I

**ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE E O
DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ NO PRIMEIRO TRIMESTRE**

(GIDEP - UFRGS - 12/1999)

(Primeiro trimestre do bebê)

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre o bebê nestes primeiros três meses.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como está o desenvolvimento/crescimento do bebê?
- O que ele já é capaz de fazer que te chama mais a atenção (quais as suas habilidades)?
- Como tu descreverias o jeito do teu bebê?
- Era como tu imaginavas? (Se não era) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele é parecido? (física e emocionalmente) Era como tu imaginavas? Como tu te sentes com isto?

2. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a experiência de ser mãe pela primeira vez.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como foi o parto? E os primeiros dias depois? Foi como tu imaginavas?
- Como tu estás te sentindo como mãe?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como mãe?

3. Eu gostaria que tu me falasse sobre o teu dia-a-dia com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?
- Tu costumava brincar com o bebê? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeira vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?

4. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo o teu marido como pai.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é o jeito dele lidar com o bebê?
- Como tu achas que ele está sendo como pai?
- Era como tu imaginavas?
- Tu solicitas a ajuda dele nos cuidados com o bebê? Como ele reage?

5. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como o teu bebê reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) como ele? E hoje, como ele reage?

Como esta pessoa é com ele?

-(Caso o bebê fique mais de 5 horas semanais aos cuidados de outra pessoa) Porque vocês escolheram esta forma de cuidado para o bebê? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

6. O bebê foi para a creche?

(Caso não tenha mencionado)

(Se o bebê foi para a creche)

- Com que idade?

- Quantas horas ele ficava na creche? Quantas horas ele fica agora?
- Como foi a adaptação dele? Como ele está hoje em relação à creche?
- Como tu te sentiste? Como tu te sentes hoje em relação à creche?
- Por que escolheram colocar na creche? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)
- Porque escolheram a creche que ele está?

(Se não foi para a creche)

- Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche? Quando? Porque escolheram colocar na creche?
- Como tu achas que ele vai reagir?
- Como tu achas que tu vai te sentir?

ANEXO J
ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE E O
DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ NO PRIMEIRO TRIMESTRE

(GIDEP - UFRGS - 12/1999)

(Primeiro trimestre do bebê)

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre o bebê nestes primeiros três meses.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como está o desenvolvimento/crescimento do bebê?
- O que ele já é capaz de fazer que te chama mais a atenção (quais as suas habilidades)?
- Como tu descreverias o jeito do teu bebê?
- Era como tu imaginavas? (Se não era) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele é parecido? (física e emocionalmente) Era como tu imaginavas? Como tu te sentes com isto?

2. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a experiência de ser pai pela primeira vez.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como foi o nascimento do bebê? Qual foi a tua participação? Como tu te sentiste?
- Como tu estás te sentindo como pai?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como pai?

3. Eu gostaria que tu me falasse sobre o teu dia-a-dia com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?
- Tu costumava brincar com o bebê? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeira vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?

4. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo a tua esposa como mãe.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é o jeito dela lidar com o bebê?
- Como tu achas que ela está sendo como mãe?
- Era como tu imaginavas?
- Ela solicita a tua ajuda? Como tu te sentes?
- Como ela vê a tua participação?

5. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como o teu bebê reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) com ele? E hoje, como ele reage? Como esta pessoa é com ele?
- *(Caso o bebê fique mais de 5 horas semanais aos cuidados de outra pessoa)* Porque vocês escolheram esta forma de cuidado para o bebê? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

6. O bebê foi para a creche?

(Caso não tenha mencionado)

(Se o bebê foi para a creche)

- Com que idade?
- Quantas horas ele ficava na creche? Quantas horas ele fica agora?
- Como foi a adaptação dele? Como ele está hoje em relação à creche?
- Como tu te sentiste? Como tu te sentes hoje em relação à creche?
- Por que escolheram colocar na creche? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)
- Porque escolheram a creche que ele está?

(Se não foi para a creche)

Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche? Quando? Porque escolheram colocar na creche?

- Como tu achas que ele vai reagir?
- Como tu achas que tu vai te sentir?

ANEXO L

Ficha de impressões gerais dos pais sobre o temperamento da criança

(Adaptado de Fullard et al., 1984)

GIDEP- UFRGS – 3/2000

(3º mês do bebê)

1. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre a alimentação do bebê:

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Ele tem horários regulares para comer?
- Como é o comportamento dele durante a alimentação?

2. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre o sono do bebê:

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Ele tem horários regulares para dormir?
- Onde ele dorme?
- Como é o comportamento dele durante o sono?

3. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre o choro do bebê?

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Ele chora com muita frequência? Em que momentos ele chora? Quem o acalma? Como ele/ela o acalma?
- Quando ele chora qual é a intensidade do choro dele (forte, fraco)?
- Vocês percebem diferentes tipos de choro do bebê? Vocês poderiam me dar alguns exemplos?

4. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre a troca de fraldas e de roupa do bebê:

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Com que frequência ele é trocado de fraldas? O que ele costuma fazer durante a troca de fraldas?
- Com que frequência ele é trocado de roupa? O que ele costuma fazer durante a troca de roupa?

5. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre o banho do bebê:

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Quem dá o banho?
- O que ele costuma fazer durante o banho?

6. E quando ele está acordado, no berço, como é que ele fica?

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- O que ele costuma fazer quando está acordado no berço?

7. Como é a reação inicial do seu filho(a) diante de:

- Novos alimentos (e depois?)
- Pessoas estranhas (e depois?)
- Lugares estranhos (e depois?)
- Festas (e depois?)
- Mudanças na rotina de vida dele? (e depois?)

8. Como vocês descreveriam o humor do seu filho(a) ao longo do dia?

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como ele fica quando alguma coisa o agrada?

- E como ele fica quando alguma coisa o desagrada?

ANEXO M**Entrevista com o casal
(GIDEP - UFRGS - 4/1999)****(Oitavo mês do bebê)**

1. Eu gostaria que vocês me contassem como tem sido a vida de vocês desde que o bebê nasceu...

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Era como vocês imaginavam?
- O que mudou nos planos de vocês?
- Em que coisas vocês discordam quanto aos cuidados com o bebê?

2. Vocês poderiam me descrever um dia de semana, desde a hora em que vocês acordam até que o último de vocês vai dormir...

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido o relacionamento de vocês três durante a semana?
- Como tem sido o relacionamento do casal?

3. Vocês poderiam me contar, agora, como tem sido o final de semana da família?

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido o relacionamento de vocês três durante o final de semana?
- O que muda na rotina da família no final de semana?
- Vocês assumem tarefas diferentes nos cuidados do bebê?
- Quais as atividades de lazer da família? Vocês costumam sair ou ficar em casa?

ANEXO N

**ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE E O
DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ AOS OITO MESES**

(GIDEP - UFRGS - 12/1999)

(Oitavo mês do bebê)

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre o bebê desde a última entrevista que a gente conversou.

(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...

- Como está o desenvolvimento/crescimento do teu bebê?
- O bebê apresentou algum problema de saúde neste período? Que cuidados exigiu?
- Como está sendo o desmame? Quando começou? Como está sendo para ti este momento?
- Se ainda não iniciou o desmame: Quando pretende dar início? Como imagina que será? Como acha que se sentirá?
- O bebê já está engatinhando? Quando e como foi? Como te sentiu com o fato de seu/sua filho/a já estar engatinhando?
- O que ele é capaz de fazer que te chama mais atenção (quais as suas habilidades)?
- Como tu descreverias o jeito do teu bebê, agora, com oito meses?
- Era como tu imaginavas? (se não era) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele é parecido? (física e emocionalmente) Era como tu imaginavas?
- Como tu te sentes com isto?

2. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a tua experiência de ser mãe? (caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...

- Como tu estás te sentindo como mãe?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como mãe?

3. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre o teu dia-a-dia com o bebê.

(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Porquê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Porquê?
- Tu costumava brincar com ele? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeiras vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?
- Tu precisaste ficar afastada do bebê neste período? Por quanto tempo? Qual o motivo?
- Tu trabalhas fora? Se sim, já retornaste às atividades? Como foi o retorno ao trabalho?
- Como que tu achas que seu/sua filho/a se sente nesses momentos em que tu estás longe dele/dela?

4. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre algum objeto preferido do bebê.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Qual é este objeto e como ele é?
- (Caso não seja um objeto): Seria uma parte do corpo (da criança/mãe), uma música, um movimento, afagar o corpo, uma palavra?
- Em que momentos o bebê procura este objeto?
- O que o bebê faz (Com o objeto ou parte do corpo)?
- Você lembra quando isto apareceu?

5. Eu gostaria que tu me falasse como estás vendo o teu marido como pai.

(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...

- Como é o jeito dele lidar com o bebê?
- Como tu achas que ele está sendo como pai?
- Que tipo de apoio ele tem te oferecido? Tu solicitas a ajuda dele nos cuidados do bebê? Como ele reage?
- Era como tu imaginavas?

6. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como o teu bebê reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) com ele? E hoje, como ele reage?
- Como esta pessoa é com ele?
- *(Caso o bebê fique mais de 5 horas semanais aos cuidados de outra pessoa)* Porque vocês escolheram esta forma de cuidado para o bebê? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

7. O bebê foi para a creche?

(Caso não tenha mencionado)

(Se o bebê foi para a creche)

- Com que idade?
- Quantas horas ele ficava na creche? Quantas horas ele fica agora?
- Como foi a adaptação dele? Como ele está hoje em relação à creche?
- Como tu te sentiste? Como tu te sentes hoje em relação à creche?
- Por que escolheram colocar na creche? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)
- Porque escolheram a creche que ele está?

(Se não foi para a creche)

Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche? Quando? Porque escolheram colocar na creche?

- Como tu achas que ele vai reagir?
- Como tu achas que tu vai te sentir?

ANEXO O

**ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE E O
DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ AOS OITO MESES**

(GIDEP - UFRGS - 12/1999)

(Oitavo mês do bebê)

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre o bebê desde a última entrevista que a gente conversou.

(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...

- Como está o desenvolvimento/crescimento do teu bebê?
- O bebê apresentou algum problema de saúde neste período? Que cuidados exigiu?
- Como está sendo o desmame? Quando começou?
- Se ainda não iniciou o desmame: Quando pretendem dar início? Como imagina que será?
- O bebê já está engatinhando? Quando e como foi? Como te sentiu com o fato de seu/sua filho/a já estar engatinhando?
- O que ele é capaz de fazer que te chama mais atenção (quais as suas habilidades)?
- Como tu descreverias o jeito do teu bebê, agora, com 8 meses?
- Era como tu imaginavas? (se não era) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele é parecido? (física e emocionalmente) Era como tu imaginavas?
- Como tu te sentes com isto?

2. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a tua experiência de ser pai? (caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...

- Como tu estás te sentindo como pai?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como pai?

3. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre o teu dia-a-dia com o bebê.

(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Porquê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Porquê?
- Tu costumava brincar com ele? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeiras vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?

4. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre algum objeto preferido do bebê.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Qual é este objeto e como ele é?
- (Caso não seja um objeto): Seria uma parte do corpo (da criança/mãe), uma música, um movimento, afagar o corpo, uma palavra?
- Em que momentos o bebê procura este objeto?
- O que o bebê faz (Com o objeto ou parte do corpo)?
- Você lembra quando isto apareceu?

5. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo a tua esposa como mãe. (Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é o jeito dela lidar com o bebê?
- Como tu achas que ela está sendo como mãe?
- Era como tu imaginavas?
- Ela solicita a tua ajuda? Como tu te sentes?
- Como ela vê a tua participação?

6. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Quantas horas esta pessoa fica?

- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como o teu bebê reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) com ele? E hoje, como ele reage?

Como esta pessoa é com ele?

- (*Caso o bebê fique mais de 5 horas semanais aos cuidados de outra pessoa*) Porque vocês escolheram esta forma de cuidado para o bebê? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

7. O bebê foi para a creche?

(Caso não tenha mencionado)

(Se o bebê foi para a creche)

- Com que idade?
- Quantas horas ele ficava na creche? Quantas horas ele fica agora?
- Como foi a adaptação dele? Como ele está hoje em relação à creche?
- Como tu te sentiste? Como tu te sentes hoje em relação à creche?
- Por que escolheram colocar na creche? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)
- Porque escolheram a creche que ele está?

(Se não foi para a creche)

Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche? Quando? Porque escolheram colocar na creche?

- Como tu achas que ele vai reagir?
- Como tu achas que tu vai te sentir?

ANEXO P

Ficha de impressões gerais dos pais sobre o temperamento da criança
(Adaptado de Fullard et al., 1984)
GIDEP- UFRGS – 3/2000
(8º mês do bebê)

1. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre a alimentação do bebê:

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Ainda mama no peito? Tem horários regulares para mamar? Quantas vezes mama no peito por dia?
- Já começou com o desmame? Como está fazendo?
- Se ainda não iniciou o desmame: Como imaginam que será? Como irão fazer?
- Quando começou a comer outros alimentos? Como foi?
- Ele tem horários regulares para comer?
- Como é o comportamento dele durante a alimentação?

2. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre o sono do bebê:

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Ele tem horários regulares para dormir?
- Onde ele dorme agora?
- Como é o comportamento dele durante o sono?
- Como ela fica com mudanças de rotina?

3. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre o choro do bebê.

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Ele chora com muita frequência? Em que momentos ele chora? Quem o acalma? Como ele/ela o acalma?
- Quando ele chora qual é a intensidade do choro dele (forte, fraco)?
- Vocês percebem diferentes tipos de choro do bebê? Vocês poderiam me dar alguns exemplos?

4. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre a troca de fraldas e de roupa do bebê.

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Com que frequência ele é trocado de fraldas? O que ele costuma fazer durante a troca de fraldas?
- Com que frequência ele é trocado de roupa? O que ele costuma fazer durante a troca de roupa?

5. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre o banho do bebê.

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Quem dá o banho?
- O que ele costuma fazer durante o banho?

6. E quando ele está acordado, no berço, como é que ele fica.

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- O que ele costuma fazer quando está acordado no berço?

7. Como é a reação inicial do seu filho(a) diante de:

- Novos alimentos (e depois?)
- Pessoas estranhas (e depois?)
- Lugares estranhos (e depois?)
- Festas (e depois?)
- Mudanças na rotina de vida dele? (e depois?)
- Momentos de separação dos pais da mãe específico – retorno ao trabalho -

8. Como vocês descreveriam o humor do seu filho(a) ao longo do dia?

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como ele fica quando alguma coisa o agrada?
- E como ele fica quando alguma coisa o desagrada?
- O que faz o bebê ficar incomodado/irritado?

ANEXO Q**Entrevista com o casal****(GIDEP - UFRGS – 2/2000)****(12º mês do bebê)**

1. Eu gostaria que vocês me contassem como tem sido a vida de vocês desde que o bebê nasceu...

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Era como vocês imaginavam?
- O que mudou nos planos de vocês?
- Em que coisas vocês discordam quanto aos cuidados com o bebê?

2. Vocês poderiam me descrever um dia de semana, desde a hora em que vocês acordam até que o último de vocês vai dormir...

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido o relacionamento de vocês três durante a semana?
- Como tem sido o relacionamento do casal?

3. Vocês poderiam me contar, agora, como tem sido o final de semana da família?

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido o relacionamento de vocês três durante o final de semana?
- O que muda na rotina da família no final de semana?
- Vocês assumem tarefas diferentes nos cuidados do bebê?
- Quais as atividades de lazer da família? Vocês costumam sair ou ficar em casa?

4. Como foi o aniversário de 1 ano?

ANEXO R

**ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE E O
DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ AOS DOZE MESES
(GIDEP - UFRGS - 12/1999)
(12º mês do bebê)**

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre o bebê desde a última entrevista que a gente conversou.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...

- Como está o desenvolvimento/crescimento do teu bebê?
- Como está sendo o desmame? Quando começou? Como está sendo para ti este momento?
- Se ainda não iniciou o desmame: Quando pretende dar início? Como imagina que será? Como acha que se sentirá?
- O bebê apresentou algum problema de saúde neste período? Que cuidados exigiu?
- O que ele é capaz de fazer que te chama mais a atenção (quais as suas habilidades)?
- O bebê já está caminhando? Quando foi o início? Como foi? Como te sentes com isso?
- Como tu descreverias o jeito do teu bebê, agora, com 1 ano?
- Era como tu imaginavas? (se não era) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele é parecido? (física e emocionalmente) Era como tu imaginavas?
- Como tu te sentes com isto?

2. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a tua experiência de ser mãe?

(caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...

- Como tu estás te sentindo como mãe?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como mãe?

3. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre o teu dia-a-dia com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Porquê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Porquê?
- Tu costumava brincar com ele? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeiras vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?
- Tu precisaste ficar afastada do bebê neste período? Por quanto tempo? Qual o motivo?
- Tu trabalhas fora? Se sim, já retornaste às atividades? Como foi o retorno ao trabalho?

4. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre algum objeto preferido do bebê.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Qual é este objeto e como ele é?
- (Caso não seja um objeto): Seria uma parte do corpo (da criança/mãe), uma música, um movimento, afagar o corpo, uma palavra?
- Em que momentos o bebê procura este objeto?
- O que o bebê faz (Com o objeto ou parte do corpo)?
- Você lembra quando isto apareceu?

5. Eu gostaria que tu me falasse como estás vendo o teu marido/companheiro como pai.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...

- Como é o jeito dele lidar com o bebê?
- Como tu achas que ele está sendo como pai?
- Era como tu imaginavas?
- Que tipo de apoio ele tem se oferecido? Tu solicitas a ajuda dele nos cuidados do bebê? Como ele reage?

6. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outra(s) pessoa (s) cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?

- Como o teu bebê reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) com ele? E hoje, como ele reage?

Como esta pessoa é com ele?

- (*Caso o bebê fique mais de 5 horas semanais aos cuidados de outra pessoa*) Porque vocês escolheram esta forma de cuidado para o bebê? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

7. O bebê foi para a creche?

(Caso não tenha mencionado)

(Se o bebê foi para a creche)

- Com que idade?

- Quantas horas ele ficava na creche? Quantas horas ele fica agora?

- Como foi a adaptação dele? Como ele está hoje em relação à creche?

- Como tu te sentiste? Como tu te sentes hoje em relação à creche?

- Por que escolheram colocar na creche? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

- Porque escolheram a creche que ele está?

(Se não foi para a creche)

Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche? Quando? Porque escolheram colocar na creche?

- Como tu achas que ele vai reagir?

- Como tu achas que tu vai te sentir?

8. Pensando um pouco nos cuidados do bebê ao longo do primeiro ano de vida do bebê ...

- Ao longo deste primeiro ano de vida, tu vivenciaste situações estressantes? Quais?

- Tu solicitavas mais ajuda nestas situações/períodos?

- Houve mudança de pessoas\creches que cuidaram do teu bebê? Por quê? Com que frequência?

ANEXO S
ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE E O
DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ AOS DOZE MESES

(GIDEP - UFRGS - 2/2000)
 (12º mês do bebê)

1. Eu gostaria que tu me falasse sobre o bebê desde a última entrevista que a gente conversou.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...

- Como está o desenvolvimento/crescimento do teu bebê?
- O bebê apresentou algum problema de saúde neste período? Que cuidados exigiu?
- O que ele é capaz de fazer que te chama mais a atenção (quais as suas habilidades)?
- O bebê já está caminhando? Quando foi o início? Como foi? Como te sentes com isso?
- Como tu descreverias o jeito do teu bebê, agora, com 1 ano?
- Era como tu imaginavas? (Se não era) O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele é parecido? (física e emocionalmente) Era como tu imaginavas?
- Como tu te sentes com isto?

2. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a tua experiência de ser pai?

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...

- Como tu estás te sentindo como pai?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como pai?

3. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre o teu dia-a-dia com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre ...

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do bebê? Como tu te sentes?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Porquê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Porquê?
- Tu costumava brincar com ele? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeiras vocês costumam fazer?
- Como ele reage a estas brincadeiras?
- Onde o bebê passa a maior parte do tempo?

4. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre algum objeto preferido do bebê.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Qual é este objeto e como ele é?
- (Caso não seja um objeto): Seria uma parte do corpo (da criança/mãe), uma música, um movimento, afagar o corpo, uma palavra?
- Em que momentos o bebê procura este objeto?
- O que o bebê faz (Com o objeto ou parte do corpo)?
- Você lembra quando isto apareceu?

5. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo a tua esposa como mãe.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é o jeito dela lidar com o bebê?
- Como tu achas que ela está sendo como mãe?
- Era como tu imaginavas?
- Ela solicita a tua ajuda? Como tu te sentes?
- Como ela vê a tua participação?

6. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do bebê?

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Quantas horas esta pessoa fica?

- Como tu te sentes com outra(s) pessoa(s) cuidando do bebê?
 - O que te agrada? O que te incomoda?
 - Como o teu bebê reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) com ele? E hoje, como ele reage?
- Como esta pessoa é com ele?
- *(Caso o bebê fique mais de 5 horas semanais aos cuidados de outra pessoa)* Porque vocês escolheram esta forma de cuidado para o bebê? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)

7. O bebê foi para a creche?

(Caso não tenha mencionado)

(Se o bebê foi para a creche)

- Com que idade?
- Quantas horas ele ficava na creche? Quantas horas ele fica agora?
- Como foi a adaptação dele? Como ele está hoje em relação à creche?
- Como tu te sentiste? Como tu te sentes hoje em relação à creche?
- Por que escolheram colocar na creche? (o que levaram em conta: proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc.)
- Porque escolheram a creche que ele está?

(Se não foi para a creche)

Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche? Quando? Porque escolheram colocar na creche?

- Como tu achas que ele vai reagir?
- Como tu achas que tu vai te sentir?

8. Pensando um pouco nos cuidados do bebê ao longo do primeiro ano de vida do bebê ...

- Ao longo deste primeiro ano de vida, tu vivenciaste situações estressantes? Quais?
- Tu solicitavas mais ajuda nestas situações/períodos?
- Houve mudança de pessoas\creches que cuidaram do teu bebê? Por quê? Com que frequência?

ANEXO T

Ficha de impressões gerais dos pais sobre o temperamento da criança**(Adaptado de Fullard et al., 1984)****GIDEP- UFRGS – 2/2000****(12º mês do bebê)****1. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre a alimentação do bebê:***(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...*

- Ele tem horários regulares para comer?
- Como é o comportamento dele durante a alimentação?

2. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre o sono do bebê:*(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...*

- Ele tem horários regulares para dormir?
- Onde ele dorme?
- Como é o comportamento dele durante o sono?

3. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre o choro do bebê?*(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...*

- Ele chora com muita frequência? Em que momentos ele chora? Quem o acalma? Como ele/ela o acalma?
- Quando ele chora qual é a intensidade do choro dele (forte, fraco)?
- Vocês percebem diferentes tipos de choro do bebê? Vocês poderiam me dar alguns exemplos?

4. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre a troca de fraldas e de roupa do bebê:*(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...*

- Com que frequência ele é trocado de fraldas? O que ele costuma fazer durante a troca de fraldas?
- Com que frequência ele é trocado de roupa? O que ele costuma fazer durante a troca de roupa?

5. Eu gostaria que vocês me falassem um pouco sobre o banho do bebê:*(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...*

- Quem dá o banho?
- O que ele costuma fazer durante o banho?

6. E quando ele está acordado, no berço, como é que ele fica?*(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...*

- O que ele costuma fazer quando está acordado no berço?

7. Como é a reação inicial do seu filho(a) diante de:

- Novos alimentos (e depois?)
- Pessoas estranhas (e depois?)
- Lugares estranhos (e depois?)
- Festas (e depois?)
- Mudanças na rotina de vida dele? (e depois?)

8. Como vocês descreveriam o humor do seu filho(a) ao longo do dia?*(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...*

- Como ele fica quando alguma coisa o agrada?
- E como ele fica quando alguma coisa o desagrada?

ANEXO U

**ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE E O
DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ AOS DEZOITO MESES**
(Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Castro, E. K.; Levandowski, D. L.; Lorenzatto, L.;
Menezes, C.; Schwengber, D. - 2000)
(18^o. mês do bebê)

1. *Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu bebê desde a última vez que a gente conversou.*

(Caso não tenha mencionado): *Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como está o desenvolvimento/crescimento do teu bebê?
- Que coisas o bebê mais gosta de fazer? Que coisas ele menos gosta?
- O bebê apresentou algum problema de saúde neste período? Que cuidados exigiu?
- Como tu descreverias o jeito do teu bebê agora, com um ano e meio?
- O que o bebê está fazendo que mais te chama atenção?
- Como está a alimentação do teu bebê?
- Como está o sono do teu bebê.

2. *Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre a linguagem/fala do teu bebê.*

(Caso não tenha mencionado): *Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- (Caso ainda não fale) Como tem sido a comunicação com ele/ela?
- Como tu te sentes com isso?
- (Se já fala) Quando falou as primeiras palavras? Como foi o início? Qual a primeira palavra?
- Como você se sentiu com as primeiras palavras?
- E agora o que ele/a fala? São palavras ou pequenas frases? Alguma palavra te chama mais atenção?

3. *Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre*

3.1 *O controle do xixi e do cocô do teu bebê*

(Caso não tenha mencionado): *Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Ele/a usa fraldas?
- (Caso use) Quando precisa trocar as fraldas o bebê apresenta alguma resistência?
- Como tu te sentes com isto?
- Quem de vocês costuma trocar as fraldas do bebê? Alguma razão para isto?
- Quando você esta pensando em tirar as fraldas? Como pensa fazer isto?
- (Caso não use) Quando tirastes as fraldas? Como foi? Como tu te sentistes com isso?
- Qual a reação dele/a ao usar o pinico/troninho?

3.2 *A hora do banho do bebê*

(Caso não tenha mencionado): *Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- E como tem sido a situação de banho do bebê? Ele resiste a tomar banho?
- Quem de vocês participa mais do banho do bebê? Alguma razão para isto?

3.3 *A escovação de dentes do teu bebê*

(Caso não tenha mencionado): *Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como tem sido a hora de escovar os dentes do teu bebê? Ele resiste a escovar os dentes?
- Quem de vocês participa mais desse momento? Alguma razão para isto?

4. *Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre as brincadeiras do teu bebê.*

(Caso não tenha mencionado): *Tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Ele costuma brincar? Em que ocasiões?
- Como é que ele brinca? Qual a brincadeira preferida dele/a?
- Quando o teu bebê está com outra criança, o que ele/a costuma fazer?
- Como ele/a se comporta enquanto brinca? (corre, fala, irrita-se facilmente, etc.)
- Você costuma brincar com o bebê? O que costuma fazer? Como você se sente?

5. *Eu gostaria que você me falasse um pouco sobre algum objeto preferido do/a (nome):*

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Qual é este objeto e como ele é? (Caso não seja um objeto)
- Seria uma parte do corpo (da criança/mãe), uma música, um movimento, afagar o corpo, uma palavra?
- Em que momento/a (nome) procura esse objeto?
- O que ele/a faz (com o objeto ou parte do corpo)?
- Você lembra quando isto apareceu?
- (Caso já tinha aos 12 meses) Este objeto mudou nos últimos meses? Como está atualmente?

6. *Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre a tua experiência de estar sendo mãe.*

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu estás te sentindo como mãe nesse momento?
- Tu estás tendo alguma dificuldade?
- Como tu te descreves como mãe? Você segue algum modelo de mãe que você já conheceu?
- Você evita algum modelo de mãe que vocês já conheceu?
- Quais as atividades que tu mais gostas de fazer em relação ao bebê? (contar mais de uma situação)
- E quais as que tu menos gosta? (contar mais de uma situação)

7. *Eu gostaria que tu me falasses um pouco os momentos em que tu tiveste que se separar do teu bebê.*

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Qual foi o motivo da separação? Como te sentiste? Como ele se sentiu?
- *(Se o motivo foi ir para a creche)* Com que idade iniciou?
- Qual o motivo que o levou a coloca-lo na creche?
- Como foi a adaptação do teu bebê? Como te sentiste?
- Quantas horas ele fica na creche?
- *(Se não tem ido a creche)* Quem fica com o bebê no dia a dia? Como você se sente com isto?
- Tem alguém que te ajuda a cuidar do bebê?
- Vocês pretendem colocá-lo/a na creche? Quando? Por quê?

8. *Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre como tu estás vendo o teu esposo/companheiro como pai.*

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é o jeito dele lidar com o bebê?
- Que coisas ele costuma fazer com o bebê? Que coisas ele não faz?
- O teu companheiro/esposo te ajuda no cuidado do bebê? Tu solicitas a ajuda dele?
- Tu notas alguma diferença no envolvimento do teu esposo/companheiro com o bebê agora que ele/a tem um ano e meio?
- Vocês têm alguma discordância com relação aos cuidados com o bebê? Em que? Como é?

9. *Em geral, como tu estas vendo o relacionamento do casal neste momento?*

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Tem havido alguma mudança no relacionamento do casal nestes últimos meses?
- (Se sim) A que tu atribui as mudanças? Como era antes? Como está agora?

10. *Para finalizar, eu gostaria que você me falasse um pouco do relacionamento de vocês com a tua família e a família do teu marido.*

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que participação eles estão tendo na vida de vocês nesse momento?
- Qual família participa mais? Como tu te sentes com isso?
- O que te agrada mais? O que te incomoda mais?

ANEXO V**Entrevista com os pais – 30 meses
(GIDEP, 2001)**

Eu gostaria que vocês me falassem sobre o (a) desde a última vez que nós conversamos lá na universidade quando ele tinha 24 meses.

- 1) Como está o desenvolvimento/crescimento dele?
- 2) Ele (a) apresentou algum problema de saúde neste período? Que cuidados exigiu?
- 3) Houve algum acontecimento especial durante esse período, envolvendo o (a) ou a família de vocês?
- 4) Alguma coisa tem chamado a atenção de vocês ou tem deixado vocês preocupados em relação ao (a) ?

Tem mais alguma coisa que vocês gostariam
de falar sobre o (a).....?